

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

SILMARA LUIZA ÓRFÃO NOVAIS PASSOS

**A MÍSTICA DE JOÃO DA CRUZ NO CENÁRIO DE REFORMAS DO
SÉCULO XVI**

**ALFENAS/MG
2021**

SILMARA LUIZA ÓRFÃO NOVAIS PASSOS

A MÍSTICA DE JOÃO DA CRUZ NO CENÁRIO DE REFORMAS DO SÉCULO
XVI

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História Ibérica pelo Programa de Pós-Graduação em História Ibérica (Mestrado Profissional), da Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aparecida Maria Nunes.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central – Campus Sede

Passos, Silmara Luiza Órfão Novais
P289m A mística de João da cruz no cenário de reformas do Século XVI /
Silmara Luiza Órfão Novais Passos – Alfenas, MG, 2021.
139 f.: il. –

Orientadora: Aparecida Maria Nunes.
Dissertação (Mestrado em História Ibérica) – Universidade
Federal de Alfenas, 2020.
Bibliografia.

1. João da Cruz - Santo, - 1542-1591. 2. Ordem Carmelita -
Reforma. 3. Espanha - História - Século XVI. 4. Misticismo. I. Nunes,
Aparecida Maria. II. Título.

CDD- 946

Ficha Catalográfica elaborada por Marlom Cesar da Silva
Bibliotecário-Documentalista CRB6/2735

SILMARA LUIZA ÓRFÃO NOVAIS PASSOS

A MÍSTICA DE JOÃO DA CRUZ NO CENÁRIO DE REFORMAS DO SÉCULO XVI

A Banca examinadora abaixo-assinada aprova a Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica.

Aprovada em: 27 de novembro de 2020.

Profa. Dra. Aparecida Maria Nunes
Instituição: Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG

Prof. Dr. Hércules Alfredo Batista Alves
Instituição: Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG

Prof. Dr. Marcos Roberto de Faria
Instituição: Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG



Documento assinado eletronicamente por **Aparecida Maria Nunes, Professor do Magistério Superior**, em 27/11/2020, às 15:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Hercules Alfredo Batista Alves, Usuário Externo**, em 27/11/2020, às 15:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Roberto de Faria, Professor do Magistério Superior**, em 27/11/2020, às 15:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0419119** e o código CRC **A5D06A15**.

Dedico ao meu esposo Everlon, minha direção e força para o caminhar; à criança tão esperada que a cada dia cresce em meu ventre e me enche de alegria, à minha família que, na sua simplicidade e carinho, me apoia mesmo sem compreender os motivos; à minha orientadora e amiga, Cyda Nunes, que foi bálsamo que cura e consola tantas vezes; às Irmãs Carmelitas Descalças de Três Pontas e ao meu saudoso amigo, Diácono Douglas Ribeiro Lima, que diante de Deus, intercedeu para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), pela oportunidade oferecida mais esta vez, especialmente ao Programa de Pós-Graduação em História Ibérica (PPGHI), pela oportunidade ofertada.

Ao apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a Aparecida Maria Nunes que, além de ser, de modo muito singelo, uma grande amiga, soube me orientar e animar da melhor maneira possível, através de sua sabedoria, força e profissionalismo.

À coordenação do Mestrado Profissional em História Ibérica, na pessoa do Prof. Dr. Adailson José Rui, pela dedicação e empenho junto ao curso e, aos professores do PPGHI, pelos preciosos ensinamentos.

Às minhas diretoras e colegas de trabalho, Maria Goreti Vinagre Dias e Ângela Aparecida Gonçalves, por me liberarem em vários momentos para que eu pudesse cumprir as disciplinas, sem elas e o apoio que me deram, tudo seria inviável. Minha eterna gratidão!

Aos meus colegas de mestrado da turma de 2018, por tanto companheirismo e amizade.

À minha família, ao meu pai que sempre me estendeu a mão nos momentos mais difíceis e à minha mãe, por todo o apoio.

Em especial, às minhas irmãs Jussara e Naiara, minhas forças e ombros amigos, por não me deixar sair do barco guiado por Deus em momento algum e por sempre me compreender e ajudar em tantas decisões que me trouxeram até aqui.

Ao meu esposo, amigo e braço direito, por me apoiar, me ajudar com a ardência deste trabalho e por iluminar meus dias.

A Deus, que me dá a vida e o seu sopro a todo instante, mesmo nas noites escuras da vida.

“O menor movimento de puro amor é mais útil à Igreja do que todas as demais obras reunidas”.

(CRUZ, 1998, p. 98)

RESUMO

O período histórico que envolveu a vida de João da Cruz será a direção para o presente trabalho, portanto, trata-se da Espanha em meados e fins do século XVI. Em tal cenário, a atenção está voltada para as “desconstruções” advindas com a Reforma Protestante e a Reforma Católica e os reflexos que tais movimentos causaram no interior das Ordens religiosas, especificamente na Ordem do Carmelo, a qual João da Cruz, ao lado de Teresa de Jesus, foram os protagonistas em revolucionar a vida monástica carmelita, ao promoverem a reforma de sua Ordem. Todavia, será apresentado o momento pós-tridentino, especificamente na Espanha, sendo que ocorreu com o término do Concílio de Trento e é estritamente relacionado aos ideais que João da Cruz queria viver. Paralelamente, será analisada a obra em prosa joãocruciana “Subida do Monte Carmelo”, sendo que é a interpretação do poema “Noite escura”, usada pelo autor para explicar os meios e as fases que acontecem no processo de união mística da alma com Deus. Foi realizada ainda, uma reflexão teórica sobre os aspectos educacionais recentes, trazendo em relevância alguns pensadores que priorizam a educação como um elo de ligação entre a sociedade, a cultura, o conhecimento e a esperança de um universo escolar melhor. Simultaneamente, apresentamos o Objeto Educacional de Aprendizagem, desenvolvido pelo próprio autor, através da plataforma interativa e gratuita “Exe Learning” e que permanecerá disponível no site de repositório de ferramentas educacionais da Universidade Federal de Alfenas, vindo a servir como material de apoio para os professores de História, contendo “Quiz” interativo, material de leitura, links de acesso à vida de João da Cruz, curiosidades e um vídeo inclusivo com o resumo do conteúdo em Libras (Língua Brasileira de Sinais) elaborado pelo autor.

Palavras-chave: João da Cruz. Reforma da Ordem Carmelo. Espanha do século XVI. Mística.

ABSTRACT

The historical period that involved the life of João da Cruz will be the direction for the present work, therefore, it is Spain in the mid and late sixteenth century. In such a scenario, attention is focused on the “deconstructions” arising from the Protestant Reformation and the Catholic Reformation and the reflexes that such movements caused within the religious Orders, specifically in the Order of Carmel, which João da Cruz, alongside Teresa de Jesus, were the protagonists in revolutionizing the Carmelite monastic life, by promoting the reform of their Order. However, the post-Tridentine moment will be presented, specifically in Spain, since it occurred with the end of the Council of Trent and is strictly related to the ideals that João da Cruz wanted to live. At the same time, the work in Joao-Crucean prose “Subida do Monte Carmelo” will be analyzed, and it is the interpretation of the poem “Dark Night”, used by the author to explain the means and phases that happen in the process of mystical union of the soul with God. A theoretical reflection was also carried out on recent educational aspects, bringing in relevance some thinkers who prioritize education as a link between society, culture, knowledge and the hope for a better school universe. At the same time, we present the Educational Learning Object, developed by the author himself, through the interactive and free platform “Exe Learning”, which will remain available on the educational tools repository website of the Federal University of Alfenas, coming to serve as support material for students. History teachers, containing interactive “Quiz”, reading material, links to João da Cruz's life, curiosities and an inclusive video with a summary of the content in Libras (Brazilian Sign Language) prepared by the author.

Keywords: João da Cruz. Reform of the Carmel Order. 16th century Spain. Mystic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1-	João da Cruz, estampado, segundo referências, no convento das Carmelitas de Ypres, e feito no ano de 1617	20
Figura 2-	Brasão da Ordem do Carmelo Descalço	25
Figura 3-	Cópia autêntica do primeiro desenho do “Monte de Perfeição”	65
Tabela 1-	Processo sobre como ocorre a união mística católica na pessoa..	90
Tabela 2-	Especificação do plano de aula a ser trabalhado usando o Objeto de Aprendizagem sobre o presente tema	110

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A PESSOA DE JOÃO DA CRUZ E A REFORMA DA ORDEM DO CARMELO: REFLEXOS DE UM DESPERTAR DA IGREJA NO SÉCULO XVI	18
2.1	JOÃO DA CRUZ E TERESA DE JESUS: DUAS MÃOS QUE SE CRUZAM	36
2.2	AS “REFORMAS” NA IGREJA DO SÉCULO XVI	39
2.2	A CONJUNTURA ESPANHOLA DO SÉCULO XVI	45
2.4	FELIPE II E AS SUAS RELAÇÕES COM A REFORMA DA ORDEM DO CARMELO	48
2.5	SÉCULO XVI: O CHAMADO “SÉCULO DOS SANTOS” EM UM CONTEXTO REFORMADOR	51
3	A OBRA JOÃOCRUCIANA: POEMAS E SEUS RESPECTIVOS TRATADOS EXPLICATIVOS EM PROSA	59
3.1	COMPOSIÇÃO DE SUA OBRA LITERÁRIA	63
3.2	O POEMA “NOITE ESCURA” E O COMENTÁRIO “SUBIDA DO MONTE CARMELO”	67
4	O MISTICISMO DE JOÃO DA CRUZ NO POEMA “NOITE ESCURA” E NO COMENTÁRIO “SUBIDA DO MONTE CARMELO”	71
4.1	A MÍSTICA E A SUA RELAÇÃO COM O CORPO	73
4.2	O MISTICISMO NO POEMA “NOITE ESCURA”	80
4.3	SÍNTESE DA DOCTRINA ESPIRITUAL DE JOÃO DA CRUZ	88
4.4	LIVRO PRIMEIRO - “QUE É NOITE ESCURA: QUANTO É NECESSÁRIO ATRAVESSÁ-LA PARA ALCANÇAR A UNIÃO DIVINA. NOITE ESCURA DO SENTIDO E DO APETITE. DANOS RESULTANTES À ALMA”	91
4.5	LIVRO SEGUNDO – “TRATA DO MEIO PRÓXIMO PARA ALCANÇAR A UNIÃO COM DEUS, QUE É A FÉ, E DA SEGUNDA PARTE DA NOITE ESCURA, ISTO É, DA NOITE DO ESPÍRITO CONTIDA NA SEGUINTE CANÇÃO”	96

4.6	LIVRO TERCEIRO	98
5	REFLEXÃO TEÓRICA SOBRE O OBJETO DE APRENDIZAGEM	103
5.1	ORIENTAÇÕES SOBRE O OBJETO DE APRENDIZAGEM	109
6	CONCLUSÃO	114
	REFERÊNCIAS	118

1 INTRODUÇÃO

Ao conhecer a doutrina mística de João da Cruz muito antes de ingressar no programa do mestrado em História Ibérica, foi uma excelente oportunidade poder estudar um pouco mais sobre o período da “noite escura” em que muitas almas passam e, ao mesmo tempo, foi uma forma de procurar responder a vários questionamentos pessoais sobre tal tema. Neste ínterim, após uma identificação pessoal com o assunto, descobrir os segredos da habitação do sagrado no homem, sempre foi uma tendência que procurávamos, então, foi possível encontrar muitas luzes ao estudar a escuridão da noite espiritual.

Situados em um campo de ascese espiritual, em que poucas pessoas conseguem adentrar, independente de opção religiosa, o trabalho é voltado para a originalidade do misticismo produzido em João da Cruz e as consequências repercutidas a seu tempo, contribuindo para que houvesse a reforma da Ordem do Carmelo, da qual ele fazia parte.

Neste contexto, o século XVI foi marcado por mudanças que registraram grande marco na sociedade. De um lado, estava em fase a transição da Idade Média para a Idade Moderna, trazendo consigo o aumento das universidades e, além disso, a riqueza cultural produzida em tal período se tornou um legado para a humanidade, materializada na beleza e suntuosidade de pinturas, esculturas, arquitetura e literatura de tamanha qualidade, que até hoje produzem questionamentos sobre como podem ter sido realizadas com tanta escassez de recursos da época. Por outro viés, a Igreja, instituição responsável por grande poder e domínio territorial, sofreu uma ruptura tão brusca, que acabou passando uma divisão que pode ser associada à revolta de Martinho Lutero (1483-1546), no início do mesmo século. Contudo, a Reforma Protestante protagonizada por ele, foi o estopim de um movimento que estava acontecendo muito antes, reflexo da fraqueza humana e relaxo espiritual de determinados membros da Igreja que vinha se sucedendo¹ desde o século X, deixando aberturas para muitos questionamentos.

¹ Desde o século X, estavam ocorrendo fatos que deixaram margens para diversos questionamentos dentro da Igreja como a simonia, o nicolaísmo, venda de indulgências, atribuição de cargos importantes aos parentes das autoridades eclesiais, falta de rigor nas estruturas e estilo de vida nos mosteiros, despreparo na formação dos sacerdotes, eleição de antipapas, dentre tantas outras questões que falaremos melhor no capítulo 1.

Em tal cenário, a Igreja se estrutura para promover a Reforma Católica, na tentativa de rever as falhas da época e tentar estabilizar a situação, que carecia de respostas concisas com a tradição da Igreja. Então, uma das primeiras atitudes tomadas foi a convocação do Concílio de Trento (1545-1563), um dos mais importantes concílios que a Igreja já realizou. Desenvolvido no decorrer de dezoito anos, teve como resultado a formulação do “Catecismo Romano”, um documento norteador para a época, o qual reafirmava a hierarquia católica, a essencialidade dos sete sacramentos como fonte de força e fé para os cristãos, além de propor maior rigor na preparação dos clérigos, exigindo que fossem construídos seminários e conventos com melhor estrutura física, de forma que os que lá viviam, estivessem sob rígida e austera formação, como meio de combater os equívocos² de outrora. Além disso, o documento estabelecia as diretrizes sobre como deveriam proceder os fiéis leigos e tantas outras questões relativas à fé.

Sob esse reflexo, no interior das Ordens religiosas, a movimentação de renovação também acontecia a todo vapor. Tanto que Inácio de Loyola funda, em 1534, a Ordem da Companhia de Jesus, uma das principais referências do período. Contudo, outras Ordens são reformadas, pois o momento carecia de mudanças. Nesse ínterim, surge João da Cruz, juntamente com Teresa de Jesus, na missão de renovar o claustro da Ordem do Carmelo, uma congregação religiosa mendicante, fundada no século XII, conhecida pela austeridade de vida e devoção à Nossa Senhora do Monte Carmelo e ao profeta Elias, do antigo testamento. Porém, a Ordem também refletia claramente a situação da época, pois o relaxo espiritual e o abandono da vida de oração mostravam como estava a realidade espiritual daquele período. Encontrando-se em um lugar de contrariedades aos propósitos que João da Cruz queria viver, pensa em deixar o Carmelo e ir para os Cartuxos, muito conhecidos pela severidade e rigidez. Todavia, ao se encontrar com Teresa de Jesus, destina sua vida a reformar o modo de vida no Carmelo, retomando a originalidade do carisma inicial, marcado pelo silêncio, observação das orações, leitura da bíblia e oferecimento dos pequenos trabalhos da rotina, para Deus. Logo, ambos iriam fundar muitos conventos

² Sobre os erros de alguns membros da Igreja apontados com a Reforma Protestante, estavam a má formação do clero, que muitas vezes, segundo Rops (1999), eram ordenados padres e até mesmo bispos do dia para a noite, sem nenhum preparo, mas por influência política. Além disso, alguns conventos eram “invadidos” por homens que passavam a noite lá dentro, deixando a entender que o voto de castidade era esquecido em diversas situações, dentre outras questões.

denominados “descalços”, pois em um primeiro momento, deveriam andar descalços em sinal de penitência do corpo.

Ao mostrar a verdadeira intenção da reforma na Ordem do Carmelo e o que ele, juntamente com Teresa almejavam que os monges vivessem, compreende-se que estava longe de ser apenas a transformação do hábito ou do claustro, mas o que ambos queriam era a vida contemplativa em sua essência, voltada para a busca de Deus. Com tal radicalidade, a expansão da reforma carmelita foi rapidamente ganhando grande proporção, e se espalhou com afabilidade pelo território espanhol. Tanto que não demorou, o monarca ibérico, Felipe II, já tinha grande apreço pela reforma carmelita e mantinha uma relação estreita, especialmente com Teresa de Jesus, que a ele recorreu tantas vezes, pois o mesmo chegou a financiar viagens, ceder terrenos e por isso, recebia orações em todas as missas, como forma de agradecimento.

Sem embargo, apesar de ter prosperada a ideia da reforma carmelita, João da Cruz pagou um preço muito alto por apontar os desazos que viu no interior do claustro carmelita, como o abandono da vida de oração, de penitência e austeridade entre seus companheiros e propor um modo de vida distinto daquele de antes. Tanto que foi preso em um claustro, na cidade de Toledo, durante nove meses e ficou entregue à morte, encerrando essa situação somente depois de sua fuga, já muito fraco. No entanto, por sua vida de intensa união com Deus, não se deixou abalar e seguiu firme em seu propósito, conseguindo a separação da Ordem em 1580.

As consequências de sua vida entregue para a Igreja foi a sua canonização e, posteriormente, o reconhecimento como Doutor Místico. Também foi associado ao seu nome, no século XX, o título de maior poeta espanhol, como forma de reconhecimento de sua intelectualidade e grandeza literária.

Em tal contexto, desde o início até o fim do trabalho, será abordado sobre quem foi João da Cruz, apresentando-o em uma breve biografia e, posteriormente, sobre a pertinência de sua obra “Subida do Monte Carmelo”, que revela, com detalhes, o processo que ocorre na alma, no chamado fenômeno da união mística. Conjuntamente, será apontado como a mística vivida neste período por tantos santos, foi pertinente para despertar a religiosidade e uma vida de intimidade com Deus, permitindo que a Igreja fosse fortalecida, mesmo em um cenário de revoltas.

Não se pode deixar de mencionar que será apontado sobre a influência que a Espanha teve com tal movimentação e as relações de poder entre o monarca Felipe

II e a reforma da Ordem do Carmelo. Paralelamente, será feita uma analogia quanto à relevância de tantos santos contemporâneos de João da Cruz e que foram essenciais na construção do movimento da Reforma Católica, contribuindo para que o século XVI, sob fortes influências da espiritualidade que surgiu com a “*Devotio Moderna*”, fosse também chamado, de modo singular, de “século dos santos”.

No segundo capítulo é mostrada a obra de João da Cruz e suas peculiaridades, além de elencar um desenho elaborado pelo próprio autor, sendo um esboço do Monte Carmelo, em que a teoria das antíteses do TUDO ou NADA perfazem a composição do mesmo, aludindo que para chegar ao topo da montanha, onde se pode encontrar o TUDO, primeiramente, a alma se encontrará com o seu NADA, para só então encher-se do TUDO que é Deus.

No entanto, o ponto central do trabalho está voltado para a análise pessoal do poema “Noite escura”, explicado em prosa no livro “Subida do Monte Carmelo” e no estudo dos livros de I a III dessa obra, revelando o misticismo de João da Cruz, que junto com a força da mística vivida por tantos santos na sua época, foi um despertar dentro da Igreja.

No terceiro capítulo, o único analítico, são evidenciadas as especificidades da obra “Subida do Monte Carmelo”, tomando o cuidado para não deixar se perder nenhum detalhe sobre como se dá a união mística da alma com Deus, com foco especial para as explicações minuciosas que o autor faz sobre este misterioso caminho. Atrelados na difusão e na força de tal espiritualidade, muito importante para reestabelecer a fé e a devoção em uma esfera de reformas, o trabalho consiste, ora descritivo, ora analítico, em elencar a força que a mística católica teve, ao enfrentar a caótica situação advinda com a Reforma Protestante.

Em sequência, no último capítulo, será exposta uma reflexão sobre os processos educacionais e seus consequentes desafios, além disso, será proposta uma sequência didática em que estão esquematizados um número de aulas que podem ser ministradas na educação básica, abordando o tema do trabalho, em especial a reforma da Ordem do Carmelo e análise do poema de João da Cruz “Noite Escura”. Junto às aulas, foi elaborado o Objeto de Aprendizagem, construído sob a plataforma gratuita “*ExeLearning*”, que serve como auxílio para o docente, podendo ser facilmente manipulado pelos discentes, contendo *Quiz* interativo sobre o tema e recursos que melhor despertam o interesse dos alunos. Em consonância com o Objeto de Aprendizagem, foi desenvolvido para esta ferramenta, um vídeo inclusivo

totalmente em Libras e sua respectiva tradução, elaborado pelo autor do trabalho, com a finalidade de incluir a comunidade surda na esfera da escola básica.

A intenção ao discorrer sobre este tema se deu, diante da análise das últimas três coleções de livros didáticos de História do sétimo ano, adquiridos nas escolas municipais de Paraguaçu-Minas Gerais, os quais nos levaram à percepção de que era escasso o tema sobre o que acontecia no interior das Ordens religiosas durante o período da Reforma Protestante e da Reforma Católica e, por deixar a desejar sobre esse rico momento histórico nos livros didáticos, se viu a oportunidade de poder levar para a sala de aula, através do Objeto de Aprendizagem, um pouco mais sobre como o despertar da força de amar a Deus, que se levantou através de figuras tão emblemáticas como João da Cruz e tantos santos de sua época que foram importantes para manter o equilíbrio e dar um novo vigor à Igreja do século XVI.

Se o objetivo geral do trabalho era compreender as condições da época em que João da Cruz viveu no século XVI, na Espanha e como o seu misticismo pode proporcionar uma renovação da espiritualidade na reforma do Carmelo, de modo satisfatório, foi atingido, pois foi mostrado com cuidado o cenário da época e os frutos que surgiram da espiritualidade voltada para uma vida ascética e mística, consequência da reforma idealizada por João da Cruz e Teresa.

2 A PESSOA DE JOÃO DA CRUZ E A REFORMA DA ORDEM DO CARMELO: REFLEXOS DE UM DESPERTAR DA IGREJA NO SÉCULO XVI

João da Cruz, no ano de 1542, nasce com o nome civil de Juan de Yepes, em Frontiveros, distrito de Ávila, local situado como em um triângulo histórico formado por Ávila, Arévalo e Madrigal, na Espanha. Grande parte dos seus habitantes eram moriscos³ e convertidos ao judaísmo e o cenário daquele lugar era rural, pobre, predominando o plantio como maior fonte de ganhos.

Era filho de Gonzalo de Yepes, homem distinto, de rica família de comerciantes de Toledo. Sua mãe era Catalina Álvarez, oriunda de uma família de tecelões pobres. Alguns registros evidenciam que ela fora criada por uma viúva toledana, possuía uma beleza singular e era muito criativa, tendo escrito até algumas novelas curtas. Ao apaixonar-se pela beleza de Catalina, Gonzalo é deserdado da família, que não lhe queria casado com uma mulher pobre. Com isso, ele também aprende o ofício da tecelagem e constroem suas vidas sob a dureza daquele momento.

Entre desafios, o casal tivera três filhos, o primeiro, Francisco, por volta de 1530, o segundo, Luiz, não se sabe a data precisa, mas nasce entre Francisco e João, que nasce em 1542. Pouco depois do nascimento de João, seu pai cai enfermo e logo morre. Diante de tal acometimento, Catalina irá a Toledo, atrás dos familiares de seu marido para pedir ajuda e os mesmos se negam. De lá, sua mãe vai para Arevalo e logo tem mais uma dura perda: o filho do meio, Luiz, que morreu devido às difíceis condições de vida que estavam passando e, principalmente, por fome.

Segundo Stein (2014), neste período de sua infância, João se familiariza com o sofrimento, por perder o pai e o irmão, além de passar pela rejeição da família paterna e dificuldades financeiras. Se vê que a cruz não é algo a parte da sua trajetória, porém, na espiritualidade, o sofrimento tomou outra direção, sendo um meio para unir-se a Deus. A autora afirma que, com grande evidência, Catalina deve ter ensinado João a recorrer à Mãe Dolorosa⁴ aos pés da cruz, para ajuda-los. A vida amarga na infância de João contribuiu para a sua trajetória, anos mais tarde, proporcionando a ideia de que a dor era um meio e não um fim para a vida humana, pois sua obra poética e em prosa deixam claro essa via para se aproximar de Deus.

³ Morisco era o nome dado aos muçulmanos espanhóis que eram convertidos à fé católica.

⁴ É um título que faz referência à mãe de Jesus que, segundo o evangelho, ficou diante da cruz testemunhando dolorosamente o sofrimento de seu filho.

Já em Arevalo, segundo Ruiz (1994), tem-se revelado quem seria o menino Juan de Yepes: diz-se que entre os anos 1548-1551, estando ele e outras crianças estavam brincando de jogar bolinhas em um poço de água, ele cai acidentalmente dentro do poço, começa a se afogar e vê uma senhora belíssima -faz-se aqui referência a “Nossa Senhora”- que lhe estende a mão para tirá-lo de lá, sendo que as crianças ao seu redor, nada viram. Ruiz (1994), acredita, que pelo fato de João ser um exímio devoto de Maria, mãe de Jesus, teria sido ela quem o salvou no poço, mas não se sabe precisar se este foi mais um sinal na infância, do que viria a ser sua vida mais tarde.

Na época em que sua mãe passou os apertos financeiros, segundo Cortázar (2012), a Espanha vivia uma grande crise financeira, principalmente na indústria têxtil, pois estavam no auge as importações de seda. Seu irmão mais velho, Francisco, ao crescer, também se tornou tecelão, se casou com uma tecelã e sempre se dirigia aos mosteiros onde João da Cruz estava, para visita-lo. Além disso, Francisco aproveitava estas visitas para rezar e descansar um pouco. Devido às visitas de seu irmão, hoje se tem vários relatos da vida pessoal de João, uma vez que ele guardava suas experiências e pouco as revelava, se abrindo somente para Francisco e algumas monjas muito próximas. João aproveitava as idas de seu irmão, quando este o visitava, para falar-lhe de Deus e sobre alguns dos acontecimentos sobrenaturais que tinha vivenciado.

Ganhando pouco dinheiro com o ofício de tecelã, Catalina se muda, em 1551, com os dois filhos, para Medina del Campo. Lá encontram mais trabalhos e podem, inclusive, ajudar pessoas mais pobres do que eles. Segundo Stein (2014), quando criança, João da Cruz pedia esmolas para ajudar os seus colegas de escola ainda mais pobres do que ele.

Em idade escolar, foi estudar no Colégio de la Doctrina, um local destinado às crianças órfãs e pobres e começa a servir na sacristia da capela, se destacando rapidamente. Também trabalhava, ao mesmo tempo, no hospital da Conceição, que era regido por Don Alonso Alvarez de Toledo, um protetor de João, sendo muito conhecido por ser um cavaleiro que largou tudo para se dedicar aos doentes e foi peça fundamental para fomentar e apoiá-lo no progresso dos estudos e serviço para com os doentes.

Neste período, João se dedica muito aos estudos e todo o seu esforço colaborou para que, posteriormente, sob a proteção de Don Alonso, fosse para o

Colegio de la Compañía, em pleno fervor humanístico, em Medina del Campo. Lá estudava gramática, línguas clássicas e retórica, sempre com destaque por tamanha eficiência. Durante o dia ele servia ao hospital como enfermeiro e estudava horas a fio durante as noites. Nos relatos sobre este período da sua vida, segundo Ruiz (1994, p. 22), ele dizia: “Não comer sem nada dar de comer”, pois via, no cuidado para com os pobres, um meio para encontrar a Deus que sofria nos doentes.

Sobre sua estrutura física e psicológica, era um homem de estatura baixa, chegando a ter menos de 1,60 m, magro, moreno, introvertido, silencioso, não belo, sentimental, enérgico, mas sempre com um sorriso sereno no rosto.

Figura 1– São João da Cruz, estampado, segundo referências, no convento das Carmelitas de Ypres, e feito no ano de 1617.



Fonte: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4469738>

Motivado por um ardor de cuidado para com os doentes e zelo pelas coisas da Igreja, no ano de 1563, ingressa na Ordem do Carmelo, em um noviciado recém fundado em Medina del Campo, tomando o hábito carmelita, com 21 anos, escondido de seu protetor, pois este queria que ele se tornasse padre, porém, capelão⁵ do hospital.

Contudo, antes de entrar para a Ordem do Carmelo, como já possuía uma vida exemplar de estudos e cuidado com os doentes, recebe o convite de outras Ordens religiosas para se tornar membro, como os dominicanos e os franciscanos, porém, era muito devoto de Nossa Senhora e escolhe a Ordem que atribuía maior veneração mariana, em especial, à Nossa Senhora do Carmo.

⁵ Capelão é um título dado ao padre que se torna responsável por determinada instituição, no caso do capelão de um hospital, este deverá levar os sacramentos aos doentes e servir às necessidades desses fiéis.

Para se entender melhor qual era a Ordem religiosa que João da Cruz veio a escolher e que tempos depois iria provocar uma reforma, seguem as informações sobre o que é a Ordem do Carmelo. Segundo Wermers (1983, p. 195), temos uma definição básica do que é e de onde veio a Ordem do Carmelo:

A palavra "carmelo" significa jardim. Conta a tradição que o profeta Elias foi morar em uma gruta, em pleno Monte Carmelo, seguindo uma vida eremítica de oração e silêncio. Nele, e no seu estilo de vida, se inspiraram os primeiros religiosos da Ordem. Mais tarde, uma Regra para a Ordem do Carmo foi sistematizada e proposta por Santo Alberto, Patriarca de Jerusalém, e aprovada pelo papa Honório III, em 1226. No século XIII, os religiosos acabaram por migrar para os países do Ocidente, fugindo das invasões sarracenas.

Já em Toledo e Barboza (2009, p. 8-9), vemos, mais especificado como a Ordem do Carmelo se fundamentou:

Os religiosos carmelitas fazem parte da Ordem católica de Nossa Senhora do Monte Carmelo, fundada no século XII pelo ermitão francês São Berthold. A regra original, escrita em 1209 pelo patriarca latino de Jerusalém, Alberto de Vercelli, era muito severa: exigia que vivessem em pobreza e na solidão, abstendo-se de comer carne. O inglês São Simon Stock reorganizou os carmelitas em uma Ordem mendicante, passando a fazer um trabalho como o da família franciscana, tornando o seu apostolado mais ativo.

Paralelamente, na Regra de Vida dos Carmelitas Seculares (2003, p. 10), está disposto sobre a Ordem:

A Ordem dos Irmãos da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo surgiu, nos fins do século XII e início do século XIII, a partir de um grupo de homens que, atraídos pelo fascínio evangélico dos Lugares Santos "lá se consagraram Àquele que ali havia derramado o seu sangue" em uma vida de penitência e de oração. Estabeleceram-se no Monte Carmelo, junto à fonte de Elias e receberam, a seu pedido, uma Norma de Vida, de Alberto, Patriarca de Jerusalém (1206-1214) que os constituiu em uma única comunidade de eremitas, reunidos ao redor de um oratório dedicado a Maria. Após as aprovações de Honório III (1226) e Gregório IX (1229), Inocêncio IV (1247) completou seu caminho de fundação e, com algumas alterações dessa Norma de Vida, inseridos entre as nascentes Ordens de Fraternidade Apostólica (mendicantes) chamando-os a unir à vida contemplativa a solicitude pela salvação do próximo.

Exposto o que é a Ordem do Carmelo da qual João da Cruz fez parte, no mesmo ano de 1563, data de seu ingresso no Carmelo, por certo, foi matriculado na Universidade de Salamanca, no período em que esta mais se destacava, chegando a ter mais de sete mil estudantes de várias Ordens religiosas, além de alunos do clero

secular e leigos. Para aquele momento, pode-se dizer que Salamanca estava entre as melhores universidades de toda a Europa e João da Cruz estudou lá entre 1563-1568, sendo considerado, segundo Ruiz (1994), um estudante perfeito.

As universidades daquele período, segundo Rops (2011), eram como extensões da própria Igreja, uma vez que, para uma universidade existir, deveria receber a autorização da Igreja, nascendo, literalmente, sob as sombras das catedrais e mosteiros. Além disso, no século XII, o Papa Gregório IX, já havia estabelecido a bula pontifícia, conferindo a relação da Igreja com o mundo universitário, logo, por outras palavras, para que houvesse a universidade, os professores deveriam, inicialmente, ser membros da Igreja, ou seja, então o saber seria para Deus. Por outro viés, diante da escassez de livros daquele período, entende-se que era preciso formar bem o clero nas disciplinas de retórica, gramática e latim, para que pudessem chegar até o povo de Deus sabendo fazer bom uso da oralidade e retórica e, nesses quesitos, João da Cruz recebeu uma boa formação, pois antes mesmo de ir para a universidade, já se destacava pelo seu empenho nos estudos, contribuindo para a formulação de suas obras que seriam escritas com o seu amadurecimento espiritual, como se verá adiante.

Ainda no vigor da vida acadêmica que envolveu João da Cruz, a Espanha, no século XVI, possuía três grandes universidades, sendo Salamanca, Valladolid e Santiago de Compostela. Com toda a pompa intelectual deste tempo, em sua essência, “as universidades eram organismos cristãos” (Febvre, 2009, p. 299). Atada a tal ideia, de acordo com Rops (2011, p. 345), “a Igreja passou a ser a matriz de onde saiu a Universidade”. Assim, não há como dizer que a Igreja não influenciasse diretamente na formação acadêmica. Tanto que para que os alunos pudessem concluir seu curso, era necessário que o mesmo estivesse aprovado pelas autoridades eclesiais.

Apesar de possuir uma sólida formação acadêmica, João da Cruz temia ficar preso somente no ambiente universitário e aí começam as suas inquietações sobre a busca de uma vida mais espiritualizada e contemplativa, do que uma vida de formação teológica e docência. Não obstante, não se via como professor universitário, mas tudo em sua vida o levava para uma entrega absoluta Àquele que era a sua força, portanto, seu caminho seria percorrer o sofrimento, a humilhação e a oração para chegar ao alto do Monte Carmelo, lugar de plena união com Deus, como estará disposto no terceiro capítulo.

Em sequência, no ano de 1567, com 25 anos, João celebra a primeira missa em Medina del Campo, no convento de Santana, dentro da oitava da Natividade de Nossa Senhora, retornando, logo em seguida a Salamanca, para concluir os estudos. Estando já ingressado na vida monástica, seu nome de frei será Juan de San Matía⁶. Por conseguinte, com as novidades do claustro, João da Cruz se decepciona com o que viu: aderência total à regra de vida mitigada que segundo Rops (1999, p. 129), se configurava da seguinte maneira:

Desde que, em 1492, o papa Eugênio IV aceitara e confirmara a 'mitigação' da Regra primitiva, [...] chegara-se, louvado seja Deus, a um regime mais 'razoável': os dias de abstinência de carne haviam sido reduzidos a três por semana, o burel do hábito cedera o lugar a tecidos mais finos, [...] quanto à reclusão e ao silêncio, tinham sido substituídos por um feliz regime de visitas no locutório [...], nos conventos de freiras [...], chegava até ao ponto de prolongar essas conversas espirituais pela noite adentro e fora da clausura [...].

Dado tal contexto, já se observa que a espiritualidade que ele buscava, não estava condizendo com a realidade em que estava vivendo. Além do mais, passando pelo ambiente acadêmico agitado, vê o seu desejo de ter uma rotina de oração contemplativa, ao acaso. Neste sentido, se continuasse no ambiente acadêmico, o que lhe esperava, segundo Ruiz (1994, p. 24), eram "títulos, cátedras, promoções e remunerações" e não era isto que buscava na sua religiosidade, aspirando algo mais sublime do que somente lecionar e defender as verdades da fé.

Resistente ao relaxo de seus companheiros e ansioso por viver uma espiritualidade mais profunda, com uma conjuntura favorável, pouco depois que entra para a Ordem do Carmelo, começam a chegar as promulgações dos resultados do final do Concílio de Trento⁷, as quais afirmavam que o cotidiano dos monges deveria ser marcado pela austeridade e mudança no estilo de vida, devendo ser diferente da forma como eles estavam levando. Porém, nem todos estavam abertos às mudanças, assim, vivendo em tal situação, João da Cruz decide, secretamente, em deixar a Ordem do Carmelo e ingressar na Ordem dos Cartuxos, sendo uma instituição muito conhecida pela extrema rigidez no cotidiano. Duque (2000), mostra que a opção de

⁶ A prática de trocar de nome é um costume que perdura há muitos séculos na Igreja. Na Bíblia, desde o antigo testamento há registros da troca de nome em função de atribuir uma "missão". Por exemplo, Abrão passou a se chamar Abraão que significa pai de muitos filhos. Já no novo testamento, Simão passou a ser chamado por Jesus por Pedro, que significava pedra. Assim também, nas congregações religiosas, é optativo alterar o nome. Posteriormente, será abordado neste capítulo o motivo pelo qual São João da Cruz quis mudar de nome novamente.

⁷ Será falado mais adiante, com detalhes, sobre o que foi o Concílio de Trento.

João pelos cartuxos será uma paixão que carregará ao longo de toda a sua vida, podendo ser chamado até de “carmelita-cartuxo”, devido ao seu apreço pela vida contemplativa.

Mas, antes que deixasse de ser carmelita, no mesmo ano de sua ordenação sacerdotal, em 1567, se encontra com Teresa de Jesus, que já tinha ouvido boas informações sobre ele, e os seus destinos vão ser cruzados para sempre. Diante de uma profunda crise vocacional, ao saber da reforma que Teresa pensava em fazer no Carmelo, ele lhe diz: “Que não se demore muito” (Cruz, 1955, p. 89). Desde aí, estando mais segura, amparada por um membro masculino da Ordem, Teresa, ao lado de João, busca os trâmites legais para promover a reforma do estilo de vida dentro da sua instituição. Contrapondo-se aos seus superiores, mas seguindo a direção que a Igreja em si estava norteando, os dois rapidamente conseguem muitos adeptos aos seus ideais e principiam a fundar novos conventos reformados. Naquele momento, não imaginavam as consequências que a reforma no Carmelo poderia gerar. Com tal decisão, ambos abraçaram a cruz, pois dali em diante, seriam perseguidos e sofreriam até a morte, como se verá adiante. Segundo Certeau (2015, p. 122), a espiritualidade envolta entre os dois reformadores carmelitas foi responsável por produzir uma mística em que “a Beleza e a dor se entretêm assim, mas uma Beleza alterada pela dor e uma dor acolhida e transformada pela Beleza”.

Pela mudança no estilo de vida dos monges, tem-se a ideia da retomada da vivência diária segundo a regra original da Ordem, escrita no século XII. Seguindo tal premissa, a parte feminina, liderando à frente da masculina e supervisionada por Teresa, se instalou em conventos denominados “descalços”⁸. Em 1567, já estava fundado o segundo convento feminino descalço, na cidade de Medina del Campo.

⁸ O termo descalço faz alusão a estar despojado, assim como uma pessoa sem sapatos, sendo uma linguagem figurada para representar que os descalços eram “livres” para viver uma espiritualidade própria, porém, é algo controverso, pois teriam a liberdade para seguir algo radical que os tornariam dependentes somente de Deus. Além do nome que ganharam, os monges reformados deveriam usar uma capa branca para se diferenciar dos demais membros da ordem. Assim, o termo “descalcês” também era um sinal de penitência, oração e entrega a Deus.

Figura 2 - Brasão da Ordem do Carmelo Descalço.



Fonte: <<https://i.pinimg.com/originals/c5/38/af/c538af1952021eef0e5eb59cca0d0d1a.gif>>. Acesso dia 30 jun. 2020.

É importante destacar que a reforma na Ordem do Carmelo foi algo que surgiu, originalmente, em Teresa de Jesus, portanto, muitos autores chamam “reforma teresiana” e não “joãocruciana”, pelo fato de ter sido ela a idealizadora de tal mudança, contudo, ele foi o braço que a apoiava. Porém, por mais que a fama de santidade de João fosse grande na Espanha, a seu tempo, Teresa já era muito mais conhecida, tanto, que como veremos posteriormente, foi canonizada em 1622 e João, somente no século XVIII. Daí ele ser citado após sua morte, segundo Certeau (2015, p. 176), como “homem muito ilustre [...] que é para ser canonizado [...] companheiro de Santa Teresa”, dando a entender que Teresa era a protagonista da reforma do Carmelo e não ele. Tal fama se deu também pelo fato da sua personalidade, pois, segundo Stein (2014), ele era muito reservado e introspectivo, já Teresa mantinha vínculos com várias autoridades, como por exemplo, o rei Felipe II. Contudo, após a sua canonização, ele e Teresa estiveram par a par, sendo chamados até hoje de “pais” do Carmelo reformado e doutores místicos da Igreja.

Sobre a parte masculina da Ordem, em 27 de novembro de 1568, segundo Cruz (1955), João da Cruz, por intermédio de Teresa, ganha uma casinha na cidade de Duruelo, perto de Ávila, sendo o primeiro convento masculino oficialmente reformado. Nesse dia, ele e mais dois companheiros renunciaram, diante do provincial de Castilla, à regra de vida mitigada e prometeram viver dali para frente, a regra primitiva, corrigida pelo Papa Inocência IV, sem mitigação. Junto aos votos, deixa de ser chamado Juan de San Matía e assume o nome de Juan de la Cruz (João da Cruz),

pois, segundo ele, seguindo a via-sacra de sua vida, seria a cruz de Cristo que iria ser o seu caminho dali em diante.

Com efeito, os primeiros monges que acompanharam a reforma carmelita foram Antônio de Jesus, Baltasar Neto, Juan de Jesus Roca e Ambrósio Mariano. Segundo Stein (2014, p. 232), diante da pequena família conventual, João da Cruz, em um dia de forte cansaço, pede autorização ao padre Antônio para poder fazer a refeição antes do horário, concedida permissão, se alimenta, porém, se arrepende e deixa a refeição, indo se penitenciar e flagelar em frente aos seus confrades, que ficam admirados da sua reação. Após tal episódio, passou a usar calças com nós para fazer penitência corporal, além de se servir de um silício⁹ por longos tempos e uma túnica de lã que usava por baixo do hábito, houvesse frio ou calor.

Estabelecidos na nova comunidade, de acordo com Ruiz (1994), João da Cruz se tornaria um efetivo gestor, percorrendo a pé mais de quatrocentas milhas na Espanha, em especial na Andaluzia, fundando novas casas, além de realizar atividades grosseiras como mestre de obras, procurar pedras para as construções, criar aquedutos para levar água aos conventos, cuidado para com os mais pobres, sempre direcionando as conversas e os momentos para falar só de Deus, além de comunicar com todos valendo-se da mesma reverência, não permitindo que falassem mal de outros na sua presença, o que levava seus companheiros à conversão e mudança de comportamento: “Onde não há amor, ponha amor, e tirará amor” (Stein, 2014, p. 248).

A partir da casa inaugurada, não parou mais de chegar novos jovens que queriam ingressar no claustro reformado. Segundo Cruz (1955), em 1570, com a abertura do convento em Pastrana, já havia 14 religiosos, tendo ocorrido a primeira profissão de votos dos descalços, ou seja, jovens que passaram toda a sua formação como aspirantes, postulantes, noviços e agora já monges, exclusivamente dentro da espiritualidade reformada. Os membros que aderiam aos descalços na casa em Pastrana, segundo Ruiz (1994), eram sempre pessoas renomadas, como um filho do médico particular do antigo rei, Carlos V, e os melhores estudantes da Universidade de Salamanca, sem contar que os mesmos tinham a oportunidade de ter como instrutor, o próprio João da Cruz. O aumento contínuo de integrantes adeptos à

⁹ Objeto usado para penitenciar o corpo, podendo ser feito de arame, cordões ou cordas. Geralmente é envolto à cintura e o objetivo é causar incômodo e desconforto ao penitente.

espiritualidade reformada se deu, pelo fato de ser algo muito radical, o que atraía os jovens àquele tipo de vida.

Além das fundações dos mosteiros, também começaram a surgir colégios. Assim, no ano de 1571, em Alcalá, na Espanha, é fundado, sob influência do príncipe de Eboli, válido por Felipe II, o primeiro colégio que serviu, segundo Cruz (1955, p. 114), de “grande transcendência para a descalçês” e João da Cruz foi o seu primeiro reitor, no entanto, nunca quis nenhuma regalia ou conforto, escolhendo as celas¹⁰ menores e pobres do convento para se abrigar.

Como peculiaridade própria dos carmelitas masculinos reformados, obrigatoriamente, em todos os conventos masculinos que eram fundados, João da Cruz pedia para que fossem ornamentados com cruzes e caveiras, para ser um sinal de que aquele lugar era de oração e penitência, por outro lado, os monges que o seguisse, deveriam andar descalços, representando o domínio das vontades do corpo e fazer uso de uma capa branca, para diferenciar-se dos demais carmelitas, assim como as monjas, como já citado. O hábito reformado era feito de um tecido grosseiro marrom, contendo o escapulário mariano e trazendo à cintura uma correia de couro (até hoje é usado o mesmo estilo de vestimenta). Também instituiu o costume da adoração perpétua do Santíssimo Sacramento nas casas. Segundo Stein (2014, p. 221), Teresa revela a impressão que tivera ao visitar a casinha em Duruelo:

Ao entrar na capela, fiquei admirada ao ver o espírito que o Senhor havia infundido ali. [...] Nunca me esqueço de uma pequena cruz de madeira sobre a pia de água benta: sobre esta cruz estava colada uma imagem de Cristo, feita de papel, que parecia suscitar mais devoção que se fosse feita de material muito bem trabalhado.

Já na parte feminina, todos os conventos reformados ou fundados como descalços, Teresa, como muito devota de São José que era, os nomeava como “Carmelo Descalço São José” e fazia parte da identidade das casas das monjas reformadas colocar uma imagem de São José na frente das casas, pedindo a proteção e o auxílio do santo.

Sobre a austeridade proposta por João da Cruz, em sua biografia, Cruz (1955), revela que Teresa se preocupa por diversas vezes, repreendendo-o, para que não exigisse tanta penitência de seus monges, pedindo para que fosse mais brando com

¹⁰ Pequeno quarto individual onde os monges podiam dormir, guardar os seus pertences e fazer momentos de reflexões.

os seus companheiros e não impusesse para que eles refreassem tanto o corpo, pois corriam o risco de morrer de fome e acabar com a reforma. Nesse ínterim, em 1570, é exigido para que os monges voltassem a usar calçados, mas mantivessem o termo descalço. Em um viés de mortificação da carne, mas voltado para a entrega à caridade, a proposta autêntica do reformador para os seus companheiros, era só uma:

Se quereis chegar à posse de Cristo, jamais o busqueis sem a cruz. Seguir a cruz pela renúncia a tudo, inclusive a nós mesmos, é nossa vocação, como descalços da Bem-aventurada Virgem; não devemos ceder à nossa moleza e comodismo. (STEIN, 2014, p. 229).

Todavia, João da Cruz se torna confessor e vigário no mosteiro da Encarnação em Ávila, no ano de 1572, onde estava Teresa e, segundo Duque (2000), o maior desejo dela era que ele dirigisse e formasse suas monjas na espiritualidade que ambos buscavam. Lá ele escrevia bilhetes com orientações espirituais para muitas de suas “filhas” e atendia diversos tipos de situações espirituais. Entre 1568-1572, se dedica à formação dos monges descalços e de 1572-1577, à formação das monjas carmelitas. Segundo Ruiz (1994, p. 26), quanto ao papel de formador espiritual, foi “mestre de noviços e mistagogo do carmelito teresiano”.

Além de desempenhar seu papel de orientador espiritual para com os monges e monjas com grande desvelo, João tinha uma amizade incomum com Ana de Jesus, também descalça, chegando a dedicar-lhe parte da sua obra escrita intitulada de “Cântico Espiritual”. Também, nutria um carinho especial pela viúva D.^a Ana de Mercado e Peñalosa, que assistia aos descalços em muitas necessidades materiais. Para ela, João fez a dedicatória do poema “Chama de amor viva”.

Por ter este feitio de homem entregue às aspirações espirituais, João da Cruz foi, aos poucos, tornando-se uma figura bastante conhecida na Espanha e chegou a receber convite para lecionar na Universidade de Salamanca, mas o recusou para viver sua vida silenciosa de oração. Contudo, isso não o impediu de ter vários debates com catedráticos e teólogos, que vinham lhe procurar com insistência.

Por outro lado, diante das desventuras relacionadas à religião, certa vez, fora-lhe levada uma monja agostiniana, Maria Olivares, que tinha revelações espirituais e estava deixando as pessoas intrigadas com o seu proceder. Após ser examinada por vários doutores, somente ele soube identificar que era uma “falsa mística” e que estava “possuída pelo demônio” e ambos acabaram indo parar sob as investigações da Inquisição, mas logo foi solucionado o caso. Além disso, segundo Duque (2000, p.

42), a pedido de Teresa, João da Cruz investiga uma monja carmelita, Teresa de São Jerônimo, e declara que ela não estava com o demônio, mas com falta de juízo.

Possuindo uma caminhada espiritual, não se detinha em pequenos assuntos e notícias, mantendo sua direção para um só caminho, o de Cristo. Assim, segundo Stein (2014, p. 241), no capítulo¹¹ da Ordem realizado em Lisboa, tinha uma carmelita que estava sendo reconhecida como prodigiosa por ter os estigmas de Cristo, logo, todos queriam recolher um pedacinho de suas feridas ou dos panos que as envolviam, a fim de guardar como relíquia. Neste cenário, João foi questionado por seus companheiros, se também não iria até ela, e eis a resposta: “Não a vi, nem desejo vê-la, pois muito me pesaria se minha fé precisasse contemplar tais coisas para crescer um pouco”. Com isso, exortava, com seu exemplo, para que eles dirigissem sua esperança para Deus e não para as coisas criadas. Por essas e outras ocasiões, entende-se que João era bastante procurado para orientar os fiéis na vida espiritual.

Como a reforma carmelita ainda não havia sido reconhecida pelo Papa, sendo autorizada somente em nível institucional, pelo prior geral da Ordem, frei Juan Batista Rubeo, João da Cruz esteve suscetível, sendo perseguido, questionado e passou por provações na sua própria comunidade reformada. Segundo Duque (2000), em 1576, é encarcerado e levado a Medina, mas logo em seguida foi solto, a pedido do núncio¹² Ormaneto. Porém, após pouco tempo da morte do núncio Ormaneto (18/07/1577), que era quem de fato protegia os reformados, João da Cruz teve seu convento invadido por monges calçados e foi preso, na noite do dia 2 de dezembro de 1577, segundo Cruz (1955), sob a direção do novo núncio, Felipe Segá, acabando detido em uma pequena cela escura, no Carmelo calçado da cidade de Toledo, por nove meses. Junto com ele, foi levado o padre Germán de San Matias, que em dois meses, felizmente, conseguiu fugir.

Com a fuga de seu companheiro, os frades o trancaram em uma cela ainda mais escura e asfíxiante que a anterior, possuindo três metros de comprimento por dois metros de largura, onde ele mal conseguia ficar em pé. Além disso, recebia a luz

¹¹ Os capítulos eram encontros que aconteciam de tempos em tempos, em que participavam as pessoas com cargos de maior responsabilidade, como priores com bastante experiência, pessoas com cargos administrativos mais significativos, como gerais e formadores da Ordem. Nesse evento, eram tomadas decisões importantes sobre peculiaridades de adaptações à regra de vida da Ordem, deslocamento de monges, criação de novos conventos. Até hoje as deliberações mais consideráveis da Ordem, são resolvidas em capítulos.

¹² Núncio é a autoridade diplomática representante do Papa nos países e exerce forte autoridade sobre questões relacionadas à Igreja local.

do sol apenas pelas frestas da porta, lhe alimentavam raramente com pão e água, contribuindo para que ficasse fraco e doente. Neste período, são oferecidos cargos importantes e ouro para que desistisse de continuar a reforma, mas ele a tudo resistiu.

De acordo com Stein (2014, p. 30), no início da prisão, era levado ao refeitório todas as tardes, depois só três vezes por semana e logo, só às sextas. Contudo, com o passar dos meses, não era mais permitido sair do claustro e açoitavam-no. A autora afirma que “ajoelhado e descoberto até a cintura, de cabeça inclinada, recebia os açoites de todos”. Por consequência, ficava com o hábito sujo de sangue e era tempo de verão, por isso passava muito calor e se enfraquecia a cada dia. Padre Maldonado, carmelita calçado, era o prior em Toledo e o responsável pela prisão de João da Cruz. Este não cedeu em tempo algum, a aliviar os sofrimentos dele. Por outro lado, a prisão e a escuridão da cela se transformaram em uma luz clara e forte que iluminou a vida de João da Cruz, pois, ao invés de fazê-lo retroceder às suas motivações como os calçados intencionavam, foi impelido a subir o “Monte de Perfeição”, para unir-se ao Amor, então, segundo Stein (2014), a prisão foi norteadora em sua vida, tornando a noite em luz, a dor em amor e o nada em tudo.

Por sorte, passados seis meses de prisão, é trocado o carcereiro e quem assume os cuidados foi o frei Juan de Santa María, que se afeiçoou ao prisioneiro e ajudou-lhe no que estava ao seu alcance. Assim, deu-lhe uma túnica nova, permitia sair da cela em alguns momentos e lhe fornecia papel e tinta, instrumentos que vieram no momento certo, pois ele se aproveita do tempo recluso e do ambiente de solidão e escuridão, para compor seus poemas mais profundos, que explicam o encontro da alma com Deus.

Além dos sofrimentos físicos que viveu no cárcere, vários monges vinham até a porta de sua cela humilhá-lo, concomitantemente, os superiores se dirigiam até lá para dizer que a reforma estava acabada para desanimá-lo. Segundo Stein (2014), o cárcere foi a escola da cruz e o momento exato para a formulação da ciência da cruz, tão bem estabelecida por João da Cruz.

Em 16 de agosto de 1578, após a intervenção, em vão, do rei Felipe II e de Teresa de Jesus a seu favor, João da Cruz decide fugir. Ao verificar que nem a relação de poder entre Teresa e o rei Felipe II poderia livrá-lo daquela situação, e após nove longos meses de sofrimentos físicos e morais, prepara, então, uma maneira de sair dali. Conseguindo fazer várias tiras com a manta que usava, espera o monge carcereiro ir deitar-se, retira as dobradiças da porta para arrombá-la e saltar pela

janela de uma sala ao lado, sendo que ali era um lugar alto. Nesta situação, consegue escapar, cai em cima do telhado do que seria um alpendre e sai rapidamente do claustro. Encontrando-se demasiadamente fraco, a noite o guia a ir pedir ajuda no convento descalço feminino de Toledo. Todavia, não demorou e os monges calçados vão até a casa feminina descalça averiguar se o seu prisioneiro estaria lá. Após escondê-lo, as irmãs o nutrem e o levam para o hospital da Santa Cruz, correndo o risco de perderem-no novamente. Lá esteve amparado pelos descalços e ficou um mês e meio para recompor sua saúde.

Interessante é notar em Ruiz (1994), que no período da prisão, João da Cruz se encontrava em um crescente amadurecimento espiritual. Sendo preso em 1577, constavam, pontualmente, quatorze anos que ele havia entrado para a Ordem e dali exatos quatorze anos, seria a sua morte, ou seja, foi preso no momento que marcava a metade de sua vida no Carmelo, o que leva a entender que se encontrava em um certo grau de “maturidade espiritual”, ou seja, estava no auge de intimidade e união mística com Deus. Tanto, que alguns de seus poemas místicos foram escritos nos nove meses de prisão. Pode-se inferir, com a análise das datas e situações vividas por João da Cruz, que ele foi uma pessoa até a prisão e após passar por ela, segundo Ruiz (1994), se tornou outro, totalmente direcionado, muito mais claro em sua missão e de que o esperava. A escola da cruz, aprendida no cárcere, como apontado por Stein (2014), foi o ápice da vida de João, tornando-o um homem mais forte e sensível ao divino.

No entanto, depois de tal acontecido, ele não foi mais preso. Além disso, sobre a sua fuga, João da Cruz dizia não guardar rancor e seguiu fundando casas, atuou como confessor, diretor espiritual, chegando a promover vários debates teológicos com os catedráticos da Universidade de Salamanca. Nos próximos capítulos, seus últimos anos de vida foram marcados por uma intensa espiritualidade, neste contexto, de acordo com Stein (2014, p. 242), ele resistia com grande força aos arrebatamentos espirituais: “Assim, ao percorrer o convento em Segóvia, muitas vezes disfarçadamente batia com o punho à parede - mesmo durante conversas- a fim de evitar o êxtase e não perder o fio do diálogo”.

Não obstante, em meio a tantos embustes que cercavam a reforma dos descalços, estes temem que a reforma acabe. Então, uma comissão se dirige até Roma para pedir a separação dos calçados. João da Cruz profetiza que o líder da comissão, segundo Cruz (1955), padre Pedro de los Angeles, iria para Roma como

descalço e voltaria como calçado e assim o foi. Então os monges foram até Madri pedir ao núncio que autorizasse a separação da Ordem e o mesmo zombou deles, proferiu muitos insultos à Teresa e excomungou vários monges descalços.

Seguindo a cronologia, na década de 1580, vieram outros desafios para a vida de João da Cruz. Um deles foi a morte de Catalina, sua mãe, em 1580. No ano seguinte, estando como reitor do colégio em Baeza, assiste ao capítulo de Alcalá de Henares, sendo que no dia 4 de janeiro de 1581, após demasiada influência política do rei Felipe II, finalmente o Papa Gregório XIII envia o documento pontifício que autorizava a separação da Ordem entre calçados e descalços. Destacamos que a Ordem de Nossa Senhora do Carmo, a Ordem do Carmelo, não foi dividida, mas foi separada e se mantém assim até hoje, como uma única Ordem, mas, porém, com dois segmentos: os calçados, usando a sigla OC (Ordem dos Carmelitas) e os descalços, usando a sigla OCD (Ordem dos Carmelitas Descalços). Neste sentido, os que eram chamados de descalços ou reformados, seriam aqueles monges que se adaptariam à via proposta por Teresa de Jesus e João da Cruz e iriam receber a regra de vida primitiva, escrita por Santo Alberto de Jerusalém, ainda no século XIII. Segue um trecho da regra primitiva do Carmelo, a de número dezenove¹³, sendo a que mais se assemelha aos ideais da reforma:

Cingi os vossos rins com o cingulo da castidade; fortalecei o vosso peito com pensamentos santos, visto estar escrito: o pensamento santo vos guardará. Revesti-vos da couraça da justiça para poderdes amar o Senhor vosso Deus de todo o coração, de toda a mente e de todas as forças e ao vosso próximo como a vós mesmos. Empunhai sempre o escudo da fé e com ele podereis apagar todos os dardos ardentes do maligno; com efeito, sem fé é impossível agradar a Deus. Cobri vossa cabeça com o elmo da salvação, de maneira a esperardes a salvação do único Salvador: será ele que libertará o povo dos seus pecados. Enfim, a espada do Espírito, isto é, a Palavra de Deus, permaneça com toda sua riqueza em vossos lábios e em vossos corações. E tudo aquilo que deveis fazer, que seja de acordo com a Palavra do Senhor. (Carmelo, 2008, p. 26).

Todavia, a alegria da autorização da separação da Ordem foi breve, pois pouco tempo depois, em 4 de outubro de 1582, morre Teresa, tendo visto sua missão reformadora recém autorizada pela Igreja. O último encontro dos dois fundadores do Carmelo Descalço se deu em 28 de novembro de 1581, quando João da Cruz foi até

¹³ A regra primitiva era composta apenas de 24 normas.

Ávila para tratar de algumas fundações com ela, porém, Teresa estava segura de que ele continuaria a sua obra.

Segundo Duque (2000), João da Cruz é nomeado para ser prior do convento de Granada, tendo permanecido ali até 1588, período em que aproveitou para redigir grande parte dos comentários em prosa de seus poemas. Neste espaço de tempo, em fevereiro de 1583, funda o convento de monjas em Málaga, em maio de 1583, no capítulo de Lisboa, é eleito Definidor segundo da Ordem, em outubro do mesmo ano, no capítulo de Pastrana, é eleito Vigário Provincial da Andaluzia, mesmo vivendo em Granada. Em 1586, funda o convento de descalços em Córdoba e em dezembro do mesmo ano, funda os conventos de descalços em Jaén e em Caravaca.

Entretanto, ainda existiam outros entraves que o preocupavam neste mesmo período. Sabe-se que o carisma inicial idealizado pelos dois reformadores estava voltado para a contemplação e a vida no claustro e para isso, era desejo de Teresa que cada monge fosse orientado por um diretor espiritual de sua confiança e que este os conduzisse para a união com Deus. Contrariamente, após a morte de Teresa, começaram a surgir divergências no que diz respeito ao cerne da espiritualidade carmelita: padre Jerônimo defendia a ideia de que o foco dos carmelitas deveria ser a missão externa, levando o mundo a conhecer Jesus, ou seja, seu propósito era evangelizar o ocidente. Doutro modo, padre Doria, o qual Teresa muito confiava, defendia a ideia da vida no claustro, porém, os diretores espirituais deveriam ser pré-escolhidos. Mas João defendia o legado de Teresa a todo custo e no capítulo de Madri, segundo Stein (2014, p. 246-247), ele se opõe abertamente:

Se nos capítulos, nas reuniões e em outras ocasiões, aqueles que estiverem obrigados pelas leis da caridade e da justiça... não ousarem dizer o que convém... nem tenham os superiores quem ouse adverti-los ou se lhes opor quando erram... considerem a Ordem como perdida.

Neste mesmo capítulo, pelo fato de se manter firme nos propósitos iniciais da reforma carmelita, alguns monges descalços, seguidores de padre Doria e padre Jerônimo, começaram a tramar para que ele fosse expulso da Ordem. Concretizando seu apreço pelo sofrimento que se convertia em amor, em abril de 1587, já estava enfermo e durante o capítulo de Valladolid, cessam os seus cargos, continuando somente como prior de Granada. Porém, em 1588, assiste ao capítulo geral da Ordem em Madri, e é nomeado primeiro Definidor Geral e superior em Segóvia.

Embora tentasse a todo custo, dar continuidade à tarefa iniciada por Teresa, segundo Rops (1999, p. 137), neste cenário de perseguições dentre os próprios reformados, “à era dos místicos sucedia a dos organizadores”. Então, o padre Nicolau Doria aproveitou para incrementar tantos regulamentos na regra dos descalços e João da Cruz, apesar de ser um exímio frei que obedecia a tudo, segundo Ruiz (1994), discordou de tantas mudanças, desagradando aos seus superiores que dali para frente, estariam contra ele, procurando motivos para tirá-lo da Ordem.

Consumido pela sua vida de entrega, em 1591, já estava bem debilitado e no terceiro capítulo geral da Ordem, em Madri, cessam definitivamente todos os seus cargos. Obediente como era, ao término deste capítulo, fora enviado em missão para o México, junto com mais dez companheiros. Assim estava se preparando para a viagem além-mar, quando ficou doente. De acordo com Stein (2014, p. 28), em 30 de maio de 1591, no capítulo de Madri, ele disse “que seria atirado a um canto como um trapo velho” e, de fato, o foi, pois dali em diante, seriam seus últimos meses, sendo tratado a duras penas pelos seus superiores.

Em 1591, um de seus companheiros, padre Diogo Evangelista, que ocupava o cargo de visitador geral da Ordem, sendo seu inimigo declarado, pelo fato dele o ter repreendido certa vez, por ficar muitos meses fora do convento, abre um processo difamatório e falsifica declarações para as monjas de Granada, como se fossem de João da Cruz. Além disso, seu algoz, após a morte de João da Cruz, declara, segundo Stein (2014, p. 250): “se não tivesse morrido teria sido despojado do hábito e expulso da Ordem”.

No mesmo ano, pediu para ir para o convento de São Salvador, em Ubeda-Espanha, já bem doente, devido ter contraído erisipela, alegando que queria ir para aquele lugar, pelo fato da comunidade não o conhecer ainda, mas bem sabia que seria mal recebido e maltratado. A caminho de lá, de acordo com Stein (2014), em vinte e dois de setembro de 1591, segue montado em um burrico, acompanhado de um monge. No caminho, com muita dor, tem o desejo de comer aspargos. Acontece, que estando os dois à beira do rio Guadalimar, não existiam condições de providenciar a iguaria naquele momento. No entanto, o monge que o acompanha, ao olhar para uma pedra à beira do rio, enxerga um feixe de aspargos amarrados sobre ela, notando logo que era um milagre, mas João da Cruz negou a todo custo que fosse algo sobrenatural, pois não era de seu feitio deixar transparecer para os seus colegas as experiências místicas que vivia.

Chegando ao seu local de martírio final, foi perseguido até o momento de sua morte pelo prior geral do convento, que, apesar de ser descalço, o considerava um perigoso influenciador. Ademais, os monges o criticavam dizendo que estava dando muitos gastos para o convento, devido às suas enfermidades. Stein (2014), afirma que logo no primeiro dia que João chegou em Ubeda, o prior, que não gostava dele, pelo fato de lhe ter chamado sua atenção em outro momento, o fez participar de todos os atos de oração da comunidade de pé, e, como já estava arrastando as pernas e com muita febre, sentiu muita dor. A autora diz que estar naquele convento foi a última via-sacra que João teve que passar, vindo a cumprir o relato que seu irmão Francisco fez ao dizer que um dia João lhe confessara que Cristo crucificado havia aparecido para ele, e pediu para João lhe fazer um pedido e este o fez: “sofrimentos para suportar por Ti, e que eu seja desprezado e desdenhado por Ti” (Stein, 2014, p. 27).

Assim, foi preciso intervir cirurgicamente em sua perna, deixando-a toda só nos nervos e ossos, na tentativa de retirar os tecidos lesionados e recuperá-la. Porém, durante a cirurgia, não se queixou, aguentando as dores com serenidade. Posteriormente, foi preciso fazer uma nova cirurgia e as feridas aumentaram, estendendo-se para as costas e os ombros. Já com muitos abscessos que exalavam um cheiro pertinente de rosas em seu corpo, as pessoas mais próximas, vinham buscar os panos que eram usados para limpar as suas feridas para guarda-los como relíquias, na esperança de promover milagres e curas,¹⁴ sendo que, curiosamente, estes também permaneciam perfumados. Ruiz (1994, p. 35), afirma que neste tempo, João sempre repetia: “Mais paciência, mais amor, mais dor”. Segundo o mesmo autor, chegando perto da sua morte, o prior de Ubeda roga perdão por ter-lhe feito tanto mal. João da Cruz aproveita o momento para pedir o seu hábito (túnica, vestimenta) como esmola e se despede de todos dizendo que iria cantar a oração da manhã, no céu. Assim se cumpre o desfecho de sua vida, na noite de 14 de dezembro de 1591.

No ano de 1593, o Papa Clemente VIII declara oficialmente a independência dos descalços com os calçados, tornando-os autônomos com o seu geral e vigário

¹⁴ Era uma prática comum na época: a constante busca por relíquias dos santos. Inclusive foi um dos motivos pelos quais Lutero quis promover a Reforma da Igreja no século XVI, pois não concordava com tamanho apreço a quaisquer pedaços de pano ou ossos relativos aos santos e, principalmente, rejeitava o comércio de tais itens. Ele acreditava que a fé e a oração eram essenciais para se chegar a Deus do que valer-se desses itens. Porém, para os católicos mal informados, portar uma relíquia era associado, segundo Vigarello (2008, p. 101), a como possuir um amuleto que dava sorte. Além de tais crenças e sortilégios que o povo fazia de tais objetos, o autor afirma que para quem seguia a Igreja mais de perto, acreditava que “Aquele que toca os ossos de um santo, dizia São Basílio, participa na santidade e na graça que nele reside”.

geral. Passados 135 anos de sua morte, em um processo bem mais demorado que o de Teresa, foi canonizado, pelo Papa Bento XIII, em 1726. Posteriormente, foi proclamado Doutor Místico da Igreja, pelo Papa Pio XI em 1926 e instituído Patrono dos poetas espanhóis em 1952.

2.1 JOÃO DA CRUZ E TERESA DE JESUS: DUAS MÃOS QUE SE CRUZAM

Ao falar da reforma na Ordem do Carmelo, não é encontrado o termo “reforma joãocruciana”, mas, ao contrário, “reforma teresiana” é o que define a empreitada que os dois religiosos se empenharam para conseguirem juntos. Por mais que se queira ater somente em João da Cruz no presente trabalho, não falar de Teresa de Jesus seria como deixar um grande vazio. Assim, será discorrido brevemente sobre esta figura feminina e mística, tão importante no século XVI. Teresa de Cepeda y Ahumada, nascida em Ávila, em 1515, dentro de uma nobre família, perdeu sua mãe, aos quatorze anos. Vigarello (2008, p. 54), afirma que quando criança, Teresa sonhava em ser mártir e com esse desejo, teve uma ocasião em que fugiu com o seu irmão Rodrigo, para lutar por Cristo, mas seu pai descobriu tudo a tempo e trouxe-os de volta. O mesmo autor diz que mais tarde, no convento reformado, o passatempo preferido de Teresa era encenar o martírio.

Com vinte anos, em 1535, entrou para a Ordem do Carmelo, contra a vontade de seu pai, mas teve que voltar para casa para cuidar de sua saúde, retornando posteriormente. Vivia no mosteiro com mais cento e oitenta freiras, o que se pode inferir que era quase impossível ter uma vida de oração e contemplação com um número tão grande de mulheres em um mesmo lugar, pois eram muitas religiosas em um ambiente pequeno, propiciando um cenário de conversas desnecessárias e fuga da espiritualidade. Tão era verdade, que ela mesma diz, em suas obras, que mantinha um grande “relaxamento espiritual”, se entregando a visitas no locutório em que ocupava seu tempo com conversas sobre livros de cavalaria e entre suas companheiras, conversas fúteis sobre bordados. Além disso, também relata que quando seu pai faleceu, ela teve vergonha, pois apesar de viver há tempos em um convento, não mantinha uma vida de oração.

Porém, após bons anos dentro da Ordem, se dá conta de que vinha perdendo tempo em não ter uma vida íntima de oração e se lança na oração e penitência, atingindo um nível de misticismo que a fez revolucionar o Carmelo. Provavelmente no

ano de 1553, pede permissão ao seu provincial para fundar conventos reformados, com o cotidiano mais austero e com um número reduzido de monjas em cada casa, o que possibilitaria uma rotina mais rigorosa. Neste espaço de tempo, sendo apoiada por poucas pessoas e criticada por um número ainda maior, pois segundo Ruiz (1994), chega a ser chamada de “madre tonta”, já tendo fundado dois conventos femininos reformados, acontece o grande encontro dela com João da Cruz, como citado no início do presente capítulo. Dali surgiria algo novo e grandioso: a reforma da Ordem do Carmelo. Portanto, sendo vinte e sete anos mais velha do que São João da Cruz - tendo a idade para ser a mãe dele – e possuindo quase vinte anos de vida entregue à Ordem do Carmelo, ao se encontrar com João da Cruz, segundo Ruiz (1994), encontra a força que ela precisava para levar adiante os seus planos.

Em uma conjuntura histórica que exigia mudanças, entregam suas vidas a Deus, com a intenção de levar a reforma da Ordem adiante. Segundo Rops (1999, p. 132), a reforma carmelita idealizada por ela era com o intuito de “compensar Nosso Senhor [...] dos sofrimentos que lhe causavam então Lutero e os hereges, bem como todos os maus frades”.

Mesmo vivendo em distintas fases de suas vidas, puderam acrescentar muito à vida um do outro, assim, ao serem cruzados os seus caminhos, segundo Duque (2000), Teresa já estava no “matrimônio espiritual”, enquanto João ainda iniciava na Ordem, diferenças que favoreceram para ambos, pois a maturidade dela e os novos ideais dele, foram complementares para uma só saída, contribuindo para as mudanças pontuais que necessitavam acontecer. De acordo com o mesmo autor, a insegurança e a imaturidade dele foram suprimidas pela sensatez e experiência que ela já possuía.

Então, Teresa já tinha uma espiritualidade autêntica quando se encontrou com João. Tanto, que ela já idealizava a reforma dentro da Ordem há anos, com o principal objetivo de promover uma rotina austera de contemplação, oração, trabalho e silêncio, sendo a essência que os primeiros monges carmelitas buscavam, espelhando-se no profeta Elias, citado no Antigo Testamento. No entanto, ela sabia do potencial que João da Cruz tinha e que poderia contribuir muito para a formação do novo Carmelo que se iniciava, por isso confiou-lhe as suas pretensões.

Por consequência, com um espírito reformador, João levou, mesmo após a morte de sua amiga, em 1582, no silêncio de sua vida, o carisma que esta lhe tinha confiado. Não se pode deixar de mencionar que a atividade literária deixada por ela

também é um legado para a humanidade. Influenciada pelos gostos da mãe, apreciava o gênero literário novelas de cavalaria, muito recorrente na época, assim, seus escritos são marcados pela presença de tal gênero, incluindo cavaleiros e castelos como metáforas para o encontro com Deus e revela uma espiritualidade em que a alma se torna esposa de Deus.¹⁵

Deixou um acervo ascético de grande valor e sua obra mais conhecida é “Castelo interior”. Apesar de não possuir formação acadêmica, diferentemente de João, ambos seguiam o mesmo ideal e foram proclamados doutores místicos da Igreja. De acordo com Duque (2000), ela escrevia a experiência pessoal, enquanto ele escrevia a pura doutrina católica. Pelo fato de Teresa escrever sua experiência pessoal, chegou a ser denunciada junto à Inquisição e foi investigada quanto ao teor de seus escritos, sob análise de conter algum equívoco contra a doutrina da Igreja, mas logo tudo foi solucionado.

Quanto à sua relação com João, chamava-o de “meu senequita” pelo grau de intelectualidade dele, comparando-o a Sêneca. Felizmente, a reforma só deu certo pelo fato dela ter um carisma marcante e ter assumido a posição para que voltassem para as origens eremíticas da Ordem.

Assim como foi citado na biografia de João, sobre os cuidados que ele pedia para ter com os mosteiros sobre a ornamentação, Teresa também criou uma identidade própria do Carmelo descalço feminino. Segundo Vigarello (2008, p. 50), dentre tantas outras peculiaridades, era tradição, instituída por Teresa, a doação de uma imagem do Menino Jesus e de São José para cada convento novo que fosse fundado, uma vez que ela prezava muito o culto à infância de Jesus e a São José.

Uma das figuras femininas mais inteligentes que a Igreja já teve, deixa este mundo em 1582, um ano após a aprovação da separação da Ordem, tendo fundado trinta e dois conventos reformados por toda a Espanha. Muito mais do que João, Teresa já era uma figura muito conhecida em toda a Hispânia e possuía estreitas relações de poder com Felipe II, que muito lhe afeiçoava. Foi proclamada santa em um processo de canonização rápido que se encerrou em 1622, ou seja, quarenta anos após sua morte. Outra curiosidade peculiar sobre ela é saber que se tornou a primeira

¹⁵ Teresa chama de matrimônio místico a união da alma com Deus, já João da Cruz sintetiza que essa união ocorre no alto do Monte Carmelo, porém, para chegar a esse estado, é necessário passar pelas tenebrosas noites escuras da alma.

mulher doutora mística da Igreja, sendo promovida em 1970, pelo auto rigor teológico e místico de seus escritos.

Costumeiramente, a Ordem do Carmelo recebe o título de “fábrica de santos”, pois são vinte e um o número de santos e beatos que possui, além de uma quantidade significativa de religiosos que aguardam os processos canônicos para serem elevados à categoria de beatos. Além disso, são quatro mulheres na história da Igreja que foram proclamadas Doutoradas da Igreja, desse número, metade são carmelitas, estando a conhecida Teresinha do Menino Jesus ao lado de Teresa de Jesus, como já citado.

2.2 AS “REFORMAS” NA IGREJA DO SÉCULO XVI

Situados no que vem a ser o “berço” da reforma na Ordem do Carmelo, tão bem fundamentada através das duas figuras que foram faladas até aqui, é mais do que preciso contextualizar sobre o período histórico em que eles viveram. No ano de 1517, sob várias contradições¹⁶ que estavam estagnando a Igreja, eclode a Reforma Protestante, quando o doutor em teologia e frei agostiniano, Martinho Lutero, escreve 95 teses, elaboradas inicialmente em latim e as envia para o bispo da igreja em Wittenberg e a alguns de seus amigos catedráticos mais influentes, na Alemanha, discordando de muitas ideias estritamente relacionadas à doutrina católica. Junto a este documento, manifestava o seu estado de revolta interior e também representava todo uma conjuntura que pedia por mudanças. Lutero (1483-1546), segundo Villoslada (1969), era uma figura muito inteligente, tanto que foi antecipada a sua preparação para a ordenação e o mesmo se sucedeu no doutorado, pois seus superiores viam o quanto se destacava no meio dos demais, contudo, tinha conflitos interiores que o faziam temer ir adiante com os seus planos de mudanças.

Atrás de Lutero já existia um cenário bem anterior, por volta do século XIV e XV, em que tudo parecia “gritar” por uma transformação dentro da Igreja, pois, arrastada, desde o século X, sob muitas incompatibilidades com a sua doutrina, marcada por eleições papais e antipapais desastrosas, por interesses políticos e financeiros que falavam mais alto do que a religião, pelo despreparo de muitos sacerdotes, pelo relaxamento da vida espiritual por parte do clero, dentre tantas outras questões relacionadas à vida dos católicos, as circunstâncias pareciam pedir socorro

¹⁶ Pode-se citar como exemplo a simonia, nicolaísmo, venda de indulgências, surgimento de antipapas, relaxo da vida espiritual, dentre outras questões.

para uma efetiva mudança, pois, só então, seriam pensadas tantas questões pontuais e necessárias para reforçar a espiritualidade da época.

Nesta conjuntura, concomitantemente com as teses, Lutero mostrava que muitos paradigmas precisavam ser desconstruídos e, mais do que isso, revelava que era possível viver uma religiosidade fora da Igreja e dos seus princípios. Inicialmente, suas teses são pautadas no uso da bíblia como a única forma de cultuar Deus e critica principalmente, as questões relacionadas aos sacramentos¹⁷ do batismo e da eucaristia, a autoridade do Papa, a venda de indulgências, além de propor a justificação pela fé. Em Almeida (2008, p. 29), tem-se a tradução destas teses e será tomada como exemplo, uma que bem exemplifica um dos motivos pelos quais ele tomou tal atitude: “Pregam uma invenção de homens aqueles que dizem que no mesmo instante em que a moeda lançada na caixa soa, a alma (do purgatório) voa”. Com tais contestações, Lutero mostrava que a Igreja estava dando margens para muitos questionamentos, como por exemplo, a compra e venda de indulgências para ganhar a salvação (simonia), um número significativo de padres que não seguiam o voto de castidade, possuindo concubinas (nicolaísmo), além da compra de títulos, cargos religiosos por indicação e cardeais vivendo no luxo em Roma, dentre outros assuntos.

Em meio a este cenário, já em 1518, segundo Almeida (2008), atrás de um forte aparato político-social, Lutero apela ao príncipe Frederico, o Sábio, para que acontecesse um concílio geral da Igreja, com a intenção de rever as propostas as quais estava defendendo. Contudo, o concílio só veio a acontecer anos depois. Assim, em 1520, já bem organizados os ideais de Lutero, além de estar sob a proteção de autoridades reais, passando por várias repreensões por parte da Igreja, rasgou a bula papal e queimou o Código de Direito Canônico, em sinal da sua saída da Igreja. Além disso, em 1534, traduziu a bíblia para o alemão e defendeu a ideia da tradução da bíblia para a língua vernácula de cada nação, para que todos pudessem melhor compreendê-la.

Neste mesmo espaço de tempo, a imprensa estava a desenvolver-se a todo o vapor, o que resultou em um considerável volume de tratados, folhetins e livros nunca publicados antes. Voltando-se para este período, Febvre (2009, p. 27), diz que: “O

¹⁷ A Igreja tem sete sacramentos que são eles: batismo, confirmação, eucaristia, reconciliação, unção dos enfermos, ordem e matrimônio.

todo, alimentando um pequeno mundo de impressores aberto às novidades [...] todos procurando, se descobrindo, aprendendo a se amar ou a se detestar”.

Junto às mudanças fomentadas com o protestantismo, lideradas principalmente por Martinho Lutero, outras reformas iriam surgir. Entende-se que para aquele momento, foram necessárias várias transformações do pensamento, de costumes e de tradições e, é nesse ínterim que a Igreja começa a se organizar para tentar mudar a situação, promovendo a então chamada Reforma Católica, que teve seu início concretizado junto ao Concílio de Trento, no ano de 1545-1563, definindo rumos precisos, pois, ao rever os seus erros, procuraria meios de estabelecer regras e condições para que, de fato, acontecessem mudanças, como será elencado mais adiante, contribuindo para fortalecer a instituição que havia sofrido uma ruptura.

Em um período marcado por reformas, o termo reforma tem um significado fundamental para o que houve historicamente. No dicionário Aurélio, encontra-se como: “reconstituir a antiga forma de; reconstruir”. E foi no sentido literal da palavra que ambos os lados, protestantes e católicos, a seu modo, estabeleceram diferentes formas de vivenciar o pensamento religioso. De certo modo, a Igreja, retomou as formas antigas, a tradição dos Santos Padres e a austeridade dos primeiros cristãos, já os reformados, construíram uma nova forma de viver a religião, distanciando-se da Igreja.

Encontrando-se em tempo de crise, a Igreja necessitava de mudanças que fossem capazes de reorganizar o seu interior, trazendo uma nova experiência de vida dos seus integrantes para com o sagrado. Passando, então, por um momento que ameaçava a Igreja a romper-se em vários âmbitos, além dos cristãos que já tinham protestado contra ela, surge uma decisão: reunir todos os seus membros mais distintos, espalhados pelo mundo inteiro e promover o contrário do que a Reforma Protestante havia proposto, ou seja, um movimento que fosse capaz de estabelecer decisões apropriadas sobre o que a Igreja estava vivendo e normatizar as orientações a serem seguidas por todos os seus integrantes, com o objetivo de fortalece-la.

Paralelo a esse período, já ocorria há algum tempo, o Tribunal da Inquisição, constituído por representantes católicos, geralmente sacerdotes religiosos, designados a “retirar” tudo o que não estivesse condizendo com as verdades católicas. No entanto, sabe-se hoje que heresias, revoltas, cismas e questionamentos sempre existiram em dois milênios de Igreja, mas, naquele período, havia uma sondagem mais acirrada sobre tais pensamentos, que eram considerados como

“ameaças”. Assim, a Inquisição se intensificou ainda mais no século XVI. Se antes era responsável por castigar os hebreus, judeus e muçulmanos convertidos ao catolicismo, mas que mantinham as suas antigas tradições às escondidas, agora, com a Reforma Protestante, o movimento de censura iria ser acentuado para que os católicos não aderissem às ideias luteranas. Em um processo de delações e perseguições políticas, os inquisidores eram responsáveis por garantir a máxima repreensão acerca de atitudes contrárias às da Igreja, torturar e castigar àqueles que se opusessem aos ditames propostos, além de proibir muitos títulos de livros, resultando na criação do “*Index Librorum Prohibitorum*”, ou seja, uma lista de publicações censuradas, consideradas heréticas, anticlericais e impudicas.

No sentido geográfico, anterior à Reforma Protestante, a Igreja concentrava todo o seu poder na Europa, portanto, o seu domínio estava como em um grande monobloco, mas isso não lhe era mais um sinal de superioridade, pois, em meados do século XVI, grande parte da Alemanha, França, Noruega e grupos em vários países já havia se tornado protestante. Logo, com o avanço do protestantismo, em 1542, o Papa Paulo III, convocou o Concílio de Trento, que se iniciaria três anos mais tarde, entre os anos 1545-1563, na cidade de Trento, na Itália, sendo estendido por dezoito anos para ser concluído, devido a diversos motivos políticos e conflituosos, como guerras religiosas, pestes e desentendimentos políticos. Como foi exposto, Lutero já havia pedido para que se realizasse um concílio, em que fossem discutidas as suas proposições, mas morreu antes mesmo de que este viesse a acontecer.

Para se entender melhor o que é um concílio, será usado o conceito de Hourcade¹⁸ (2015, p. 216), em que afirma:

Um concílio é uma assembleia eclesiástica reunida para discernir sobre as verdades da fé e sobre assuntos da disciplina eclesiástica. Quem o convoca, quem tem direito a assistir, quem tem voz e voto são questões que vão mudando ao longo da história. Porém, sempre ocorre frente às necessidades e urgências da Igreja e, portanto, são exemplos de como produzir normas em momentos críticos.¹⁹

¹⁸ Todas as citações que se encontravam em textos escritos em espanhol, foram traduzidas pelo autor e mantidos no original nas notas de rodapé.

¹⁹ “*Un concilio es una asamblea eclesiástica reunida para discernir sobre las verdades de la fe y sobre los asuntos de la disciplina eclesiástica. Quién lo convoca, quién tiene derecho a asistir, quién tiene voz y voto son cuestiones que han cambiado a lo largo de la historia. Pero siempre se han desarrollado para hacer frente a necesidades y urgencias de la iglesia y, portanto, son ejemplos de cómo producir normas en momentos críticos*”. (Hourcade, 2015, p. 216).

O termo referido pelo autor de “estabelecer normas em momentos críticos” alude bem quanto ao que foi o Concílio de Trento. O mesmo autor, aponta sobre os fatos cruciais do concílio: “Seus três propósitos principais eram a reforma da Igreja em sua cabeça e em seus membros, a paz entre cristãos e a defesa da cristandade frente aos turcos” (Houcarde, 2015, p. 223).²⁰

Assim, para tomar as decisões que a Igreja tanto precisava naquele instante, estiveram presentes durante o tempo conciliar, uma assembleia formada pelo Papa²¹, cardeais, bispos representando diversos países, além de clérigos conceituados e abades de distintas Ordens religiosas. Foi realizado, então, em 25 sessões plenárias, que ocorreram em três períodos distintos: 1545 a 1547; 1551 a 1552 e 1562 a 1563.

Após a sua conclusão, pode-se entender que o mesmo foi decisivo para promover direções precisas naquilo que a Igreja deveria seguir, além de responder a questionamentos e condenar diversos erros. Ademais, preconiza-se que tenha sido o concílio mais importante da Igreja pois, ao seu encerramento, o próximo foi somente em 1870, sendo chamado de “Concílio do Vaticano I”. Por via de datas, tem-se como intervalo de tempo entre um e outro, nada menos que 300 anos sem concílio! Tamanha foi sua relevância, principalmente por ter recolocado a Igreja em seu lugar e pela tentativa de reforma-la. Sobre a sua notoriedade, Rojas (2007, p. 201), aponta:

O Concílio de Trento há posto em um segundo plano o resto dos concílios por sua duração, e mais ainda, por sua tempestuosa atividade multiforme, pela profundidade e pureza de suas decisões doutrinais, pela sabedoria de suas decisões doutrinais e canônicas, pelo número da qualidade dos especialistas que intervieram, e finalmente, pela sua eficácia.²²

Com a conclusão do Concílio de Trento, foi redigido, por decreto do Concílio Tridentino e a pedido do Papa São Pio V (1566-1572), o “Catecismo do Sagrado Concílio de Trento” ou o mais conhecido “Catecismo Romano”. Na verdade, foi um dos primeiros grandes livros religiosos que estaria ao alcance de um público maior, sendo uma literatura documental, na qual estavam redigidas as diretrizes para os

²⁰ “*Sus tres propósitos principales eran la reforma de la Iglesia en su cabeza y sus miembros, la paz entre cristianos, y la defensa de la Cristiandad frente al Turco*” (Houcarde, 2015, p. 223).

²¹ Como o Concílio de Trento se estendeu por dezoito anos, teve a presença dos Papas: Paulo III, Júlio III, Marcelo II, Paulo IV, sendo encerrado por Pio IV.

²² “*El concilio de Trento ha puesto en un segundo plano al resto de los concílios por su duración, y más aún, por su tempestuosa actividad multiforme, por la profundidad y pureza de sus decisiones doctrinales, por la sabiduría de sus decisiones doctrinales y canónicas, por el número y calidad de los especialistas que intervinieron, y finalmente, por su eficacia*” (Rojas, 2007, p. 201).

membros denominados católicos apostólicos romanos do mundo inteiro. Quanto à relevância deste evento como ponto inicial de partida para as grandes mudanças naquele período, Martins (2010, p. 98), afirma:

O concílio de Trento não foi somente contrarreformador. Foi, antes de mais nada, reformador da Igreja, dos inúmeros problemas internos que grassavam a instituição, problemas estes que foram potencializados pelo advento das igrejas protestantes oriundas das reformas religiosas do século XVI.

E os resultados deste documento foram essenciais para nortear o sentido da vida espiritual na Igreja e leva-la a enfrentar os problemas pelos quais passava. A grosso modo, os decretos tridentinos reafirmavam: a hierarquia da Igreja, o absolutismo do Papa, os sete sacramentos como fundamentos essenciais para a vida dos cristãos, além de propor uma melhor preparação e instrução para os padres, focando, a partir daí, em construções de seminários diocesanos bem mais organizados para atender à demanda de uma formação sólida para o clérigo, entre outras questões.

Tamanha importância teve tal documento que, segundo o prefácio do Catecismo Romano, na versão portuguesa de 1951, p. 51, “[...] o Catecismo Romano seria um troféu das lutas contra Lutero. [...] Na seleção da matéria, leva em conta os erros da época, mas deles não faz nenhuma fonte de inspiração”. Vê-se, então, que a partir dos erros que estavam ocorrendo e que foram motivos para Lutero rebelar-se, durante os dezoito anos do Concílio Tridentino, foi possível refletir sobre os mesmos várias vezes e se pensar no que fazer para melhorar tal situação.

Não se pode deixar de mencionar que mesmo após os resultados tridentinos, Lutero já havia deixado como herança a fundação da Igreja Protestante e a mesma se espalhava com vigor, inclusive no “Novo Mundo”. Em muitos relatos de viagem quinhentistas, como “Viagem às terras do Brasil” de Jean de Léry e “Duas viagens ao Brasil” de Hans Staden, é mencionado que os missionários calvinistas e luteranos vinham em missão ao Brasil, para ensinar aos índios os ensinamentos dos cristãos reformados, ou seja, rapidamente as novas religiões estavam sendo disseminadas.

É claro que nem todos os problemas foram solucionados com o término deste concílio e a publicação do Catecismo Romano. Contudo, é importante deixar evidente, que a principal ideia que se pretendia passar com a introdução de tal documento era, além de bem preparar os sacerdotes, formando-os com consistência sobre os temas

mais importantes da fé católica, segundo o Catecismo Romano, na versão portuguesa de 1951, p. 75, “[...] a mesma doutrina serviria para a instrução pública do povo”, ou seja, o povo também seria instruído e se valeria das suas orientações.

Com o desenlace do Concílio de Trento, tem-se, de um lado, um longo caminho a percorrer: a Reforma Católica se tornou um sinal das várias reformas e retomadas às origens que precisavam ser concretizadas naquela oportunidade e, daquele momento em diante, seria necessário recompor o clero, o interior das instituições religiosas e a Igreja em si. É exatamente neste ponto que entra a reforma da Ordem do Carmelo, idealizada por Teresa de Jesus e João da Cruz.

Em contrapartida, houve muita resistência por parte dos próprios membros, no âmago da Igreja para aderirem às novidades consequentes das mudanças propostas para acontecer naquele tempo. Veremos que este “desencontro” aconteceu também dentro da própria Ordem da qual João da Cruz fazia parte, pois, após o concílio, com a expedição das mudanças radicais no estilo de vida que deveriam ocorrer e que estavam propostas nas promulgações tridentinas, um grande número de monges não estavam dispostos a segui-las, como podemos comprovar em Rojas (2007, p. 202), em que afirma: “[...] para muitos, Trento era sinônimo de renovação e vitalidade da Igreja, para outros, o término tridentino se converteu em sinônimo de obscurantismo, repressão e falta de liberdade”.²³ Ademais, compreende-se que era o momento gritante de transformações que necessitavam acontecer, logo, segundo Rops (1999, p. 126), “as Ordens antigas compreenderam que só um enérgico esforço de reforma lhes permitiria sobreviver”. E será neste contexto de rebeldia que João e Teresa irão fundar o “novo Carmelo”, contudo, responderam ao momento com a própria experiência pessoal mística e, voltados para uma vida de oração contemplativa, conseguiram vencer todos os obstáculos.

2.3 A CONJUNTURA ESPANHOLA DO SÉCULO XVI

Elencados sucintamente os momentos históricos que envolveram a Reforma Protestante e a Reforma Católica, pretende-se voltar então, para a Espanha do século XVI, sendo o país onde viveu João da Cruz, o foco de estudo do presente trabalho.

²³ “[...] para muchos, Trento era sinónimo de renovación y vitalidade de la Iglesia, para otros el término tridentino se convirtió en sinónimo de obscurantismo, represión y falta de libertad” (Rojas, 2007, p. 202).

No início deste século, a Espanha era governada por Isabel de Castilla e Fernando II de Aragón e V de Castilla (1474-1516). Depois deles, quem assumiu o trono foi a Casa de Austria, sendo Carlos V²⁴ (1516-1556) que esteve envolvido diretamente em inúmeros conflitos políticos e religiosos, que acabaram por custar caro para a economia espanhola. No entanto, Carlos V abdica o trono em 1556, assumindo então, no seu lugar, o próprio filho, Felipe II, (1556-1598), fazendo surgir o chamado “reinado felipino”²⁵, período em que mais será abordado aqui, a fim de se referir ao contexto histórico que o envolveu, sendo paralelo à vida de João da Cruz.

Segundo consta em Cortázar (2012), a Espanha no século XVI, sofria drasticamente com a fome, a mortalidade infantil, as pestes e as guerras. No entanto, principalmente nas grandes cidades, o número de homens havia diminuído, uma vez que crescia a quantidade de vocações religiosas, além de serem convocados para servir nas guerras de posse de territórios e pelas tantas idas à América. É importante destacar, que devido a tantas dificuldades econômicas da época, a emigração para a América era uma saída que viabilizava novos rumos para muitos espanhóis.

Ademais, havia uma alta inflação associada à concentração de terras nas mãos de poucos. Sucessivamente, o povo lidava com a agricultura, as plantações tinham baixa produtividade e a demanda agrária vinha competindo com as importações de ouro, prata, tinturas, açúcar, dentre outros elementos oriundos das Américas.

Politicamente, o rei Carlos V, tinha como inimigo, o rei da França, Francisco I. Assim, por meio de Cortázar (2012), se vê que em 1521, os dois países guerrearam por posses e domínios de rotas navais comerciais. Posteriormente a esta data, em 1544, as duas potências econômicas se enfrentam, só que dessa vez, os muçulmanos que fugiram da Espanha vão se aliar aos franceses. Paralelamente, ocorria na Alemanha a divisão da Igreja, como já mencionado. Neste ínterim, a França era quase toda convertida ao luteranismo e os países dos príncipes luteranos propunham, segundo Cortázar (2012), o princípio “*cuius regio eius religio*”²⁶, evidenciando a liberdade religiosa para os monarcas, desde que os seus súditos seguissem a religião do rei.

²⁴ Existem divergências sobre o nome de Carlos V que era filho de Felipe I. Aparecem em algumas literaturas como Carlos I e em outras como Carlos V. Isso se deu, segundo Cortázar (2012), pelo fato dele também ter sido Imperador do Sacro Império Romano-Germânico primeiramente e, posteriormente, em 1519, após a morte de seu avô, foi proclamado Rei Carlos I da Espanha.

²⁵ O nome felipino faz referência à sequência de herdeiros de Felipe II que irão governar até 1665, quando Felipe IV, deixa o reinado espanhol.

²⁶ “De quem [é] a região, dele [se siga] a religião”.

Carlos V foi intitulado como um dos “reis católicos” e presidiu a Dieta de Worms, no mesmo ano de 1521, logo, bem antes da realização do Concílio de Trento, sendo esta, uma assembleia do Sacro Império Romano Germânico, realizada na cidade de Worms, na Alemanha, com a intenção de discutir sobre as ideias luteranas e tentar mudar a situação. Lutero foi convocado para fazer parte de tal evento, porém, chegando lá, continuou resistente em suas concepções, sendo em vão os pedidos.

No mesmo período, surgiam várias correntes ideológicas que aproveitavam a tendência crítica de Lutero. Assim, Erasmo de Roterdã foi um forte influenciador do rei Carlos V e o mesmo chegou ao conhecimento de grande parte da elite espanhola sobre os seus pensamentos. Segundo Cortázar (2012, p. 308):

O erasmismo significava uma revisão completa do universo religioso, defendendo um cristianismo austero desprovido de barganha cerimonial, o que aproximava perigosamente as formulações de Lutero²⁷.

Contudo, Erasmo foi proibido pela Inquisição, por aludir ao Iluminismo e ir contra questões pontuais da Igreja e suas teorias foram menos difundidas na Espanha.

Em contraponto à uma tempestade de ideias, surge em 1534, um clarão na Igreja e que rapidamente se espalha pelo mundo todo, tendo forte influência na Espanha também: a Companhia de Jesus, ou os mais popularmente conhecidos como jesuítas. Tendo como fundador Inácio de Loyola, os jesuítas davam ainda mais forças à hierarquia católica. Assim, buscavam obedecer ao Papa, catequisar e viver a vida missionária de forma radical. Para tanto, o seu fundador cria os “Exercícios Espirituais”, praticados até nos nossos tempos atuais, sendo proposta uma espiritualidade de mortificação da carne, abandono em Deus e desapego da vontade própria.

Seguindo a cronologia, já no ano de 1555, Carlos V abdica do trono e quem assume a monarquia é Felipe II. Juntamente com o trono, herda os entraves políticos com a França, a continuidade do Concílio de Trento e, como rei católico, também tenta evitar o protestantismo.

²⁷ “El erasmismo significaba una revisión a fondo del universo religioso, defendiendo un cristianismo austero desprovisto de la ganga cerimonial, lo que acercaba peligrosamente a las formulaciones de Lutero” (Cortázar, 2012, p. 308).

Pela sua erudição e vivência, em 1558, segundo Cortázar (2012, p. 255), o novo monarca manda construir o “*El Escorial*”, sendo uma pinacoteca de grande proporção e cheia de peculiaridades: sua construção arquitetônica era composta por metade monastério e metade palácio, sendo disposta sua estrutura como uma grelha, em homenagem a São Lourenço, um mártir que foi assado na grelha. A intenção ao criar esse monumento era de que ele se tornasse um símbolo de união entre o passado e o presente, resgatando e juntando as tradições católicas e islâmicas através das artes literárias, esculturais, gráficas e estruturais.

Felipe II também presenciou a expansão do domínio espanhol na América, contudo, em 1566, havia como herança de reinado, uma crescente dívida de bens e gastos com guerras que aumentava com uma força imensurável de juros e os nobres banqueiros financiadores já descontentes, se organizavam para tomar seu dinheiro de volta, mas Felipe II reorganiza a quantidade de juros e consegue “estabilizar” a dívida.

Ainda assim, com toda a pompa intelectual e os ganhos do reinado de Felipe II, em Cortázar (2012, p. 266), vemos que após a morte dele, “Cerca de um quinto da população espanhola do XVII poderia classificar-se como pobre, vagabunda ou miserável”²⁸. Neste cenário de dificuldades financeiras, após o reinado de Felipe II, cresce, segundo consta em Cortázar (2012), o “câncer monetário” levando a economia à plena decadência. Também se estima, segundo o mesmo autor, que entre 1575-1600, a população na Andaluzia tenha diminuído em vinte por cento devido a pestes e pela expulsão dos moriscos que representavam um milhão de habitantes.

Além do cuidado e empenho de seu monarca, Rops (1999, p. 13), chama a Espanha de “terra por excelência da ‘Contra-reforma’”, pois nela se preparavam “os arautos da experiência mística” (Rops, 1999, p. 14) tendo, de modo singular e autêntico, ao mesmo tempo, a forte presença de Inácio, além de Teresa e João para a mesma missão de reformar o interior da Igreja que carecia de mudanças.

2.4 FELIPE II E AS SUAS RELAÇÕES COM A REFORMA DA ORDEM DO CARMELO

²⁸ “Cerca de un quinto de la población española del XVII podría clasificarse como pobre, vagabunda o miserable” (Cortázar, 2012, p. 266).

Sua contribuição para com aquele tempo foi muito grande, pois, com a publicação dos decretos promulgados em Trento, no que diz respeito ao conteúdo expresso neles, a principal ideia divulgada era a reforma que precisava ser realizada de dentro para fora da Igreja. Assim, toda a hierarquia de bispos, clero e monges também deveria passar por uma “mudança” espiritual e estava claro que isso levaria a transformações na maneira de viver e de se organizar. Felipe II se mobilizou para que fossem cumpridas estas reformas como disposto a seguir:

O concílio dispõe que os bispos sejam doutores, mestres ou licenciados em Teologia ou em Direito Canônico ou, em ausência a este requisito, deviam apresentar um certificado de capacitação intelectual outorgado por uma universidade autorizada. [...] Dom Filipe, para assegurar a sua consciência, queria que o bispo tivesse ciência da lei de Deus, sã e fiel sentir a escritura dela. E, em efeito, o rei pedia, às vezes, que se indicasse expressamente os informes sobre os candidatos ao episcopado, a faculdade de Teologia ou Cânones em que foram graduados e por qual universidade. (Terricabras, 2002, p. 7).²⁹

No que tange ao presente tema de pesquisa, Felipe II, apesar de demonstrar grande afeição pela Ordem do Carmelo, escreve ao papa Pio V, de acordo com Terricabras (2014), pedindo para que viabilizasse o agrupamento de algumas Ordens, com a finalidade de diminuir gastos, uma vez que muitas se encontravam empobrecidas e não tinham como se manter. Assim, enfatiza que os carmelitas fossem submetidos pelos dominicanos para serem impostas as reformas conciliares, mas isso não aconteceu. Terricabras (2014, p. 5), sobre este período declara:

A reforma do Carmelo é uma pugna entre três modelos diferentes de reforma que se desenrolaram simultaneamente: em primeiro lugar, o general Rubeo está intentando aplicar os decretos do Concílio de Trento; em segundo lugar, Teresa de Jesus está fraguando a sua reforma descalça; em terceiro lugar, Felipe II dispõe a submissão da ordem a visitadores dominicanos. Tudo ao mesmo tempo. Logicamente, esta multiplicidade de reformas responde a uma diversidade de conteúdos. É dizer: que as reformas que uns e outros intentam instaurar são diferentes.³⁰

²⁹ *“El concilio dispone que los obispos sean doctores, maestros o licenciados en Teología o em Derecho Canónico o, en ausencia de este requisito, deban presentar un certificado de capacitación intelectual otorgado por una universidad autorizada. [...] Don Filipe, para asegurar su conciencia, quería tuviese el o bispo ciencia de la Ley de Dios, sano y fiel sentir de la Escritura della. Y, en efecto, el rey pedía a veces que se indicase expresamente en los informes sobre los candidatos al episcopado la facultad de Theología o Cánones em que fueron graduados y por qué universidad”.* (Terricabras, 2002, p. 7).

³⁰ *“La reforma del Carmelo es una pugna entre tres modelos diferentes de reforma. que se desarrollan simultáneamente: en primer lugar, el general Rubeo está intentando aplicar los decretos del concilio de Trento; e en segundo lugar, Teresa de Jesús está fraguando su reforma descalza; en tercer lugar,*

Como apontado por Terricabras, neste momento, a Ordem do Carmelo recebe outra reforma ainda mais intrínseca do que aquela proposta pelo concílio: liderada por Teresa de Jesus, ao lado de João da Cruz, houve um movimento de separação dentro da Ordem, diferenciando os monásticos entre carmelitas descalços (liderados pelos dois reformadores) e carmelitas calçados (aqueles que desejavam continuar vivendo a mesma regra de vida).

Segundo Cortázar (2012, p.313), “Abraçando o ideal contrarreformista que domina a Espanha de Felipe II, os escritos de Teresa e Juan de Yepes se propõem a expressar o gozo da alma em contato direto com a divindade³¹”. E as mudanças propostas para a Ordem do Carmelo, protagonizadas por Teresa e João, chamaram a atenção de Felipe II por diversas vezes. Sendo cristão devoto, apoiou em tudo o que esteve ao seu alcance para que, de fato, se concretizasse os ideais de vida manifestados com tal reforma. Sendo um exímio patrocinador da Ordem do Carmelo, o rei intervém por diversas vezes em favor da vida reformada descalça:

Em 1578, o nuncio do Papa, Filippo Sega, declara extinguida a reforma do Carmelo e submete a todos os descalços a jurisdição dos provinciais calçados. Só em favor de Felipe II permite salvar o movimento descalço. Em 22 de junho de 1580, Gregório XIII autoriza a separação dos descalços dos carmelitas calçados. O primeiro capítulo provincial dos descalços tem lugar em Alcalá de Henares em março de 1581: se escrevem novas constituições e frei Jerónimo Gracián, o candidato preferido de Teresa de Jesus, é eleito provincial. (Terricabras, 2014, p. 4).³²

Além disso, Felipe II imiscui-se diretamente no assunto da soltura de João da Cruz, quando este foi preso injustamente no cárcere em Toledo, sendo o pedido do rei, em vão. O monarca também é citado por diversas vezes em Cruz (1955), sendo retomados momentos como quando o rei assistiu a cinco descalços embarcando para Lisboa; ao ceder um canal de água para servir ao convento e ao custear a celebração

Felipe II dispone la sumisión de la orden a visitadores dominicos. Todo al mismo tiempo. Lógicamente, esta multiplicidad de las reformas responde a una diversidad de contenidos. Es decir: que las reformas que unos y otros intentan instaurar son diferentes”. (Terricabras, 2014, p. 5)

³¹ “Abrazando el ideal contrarreformista que domina la España de Felipe II, los escritos de Teresa y Juan de Yepes se proponen expresar el gozo del alma en contacto directo con la divindade” (Cortázar, 2012, p. 313).

³² “En 1578, el nuncio del Papa, Filippo Sega, declara extinguida la reforma del Carmelo y somete a todos los descalzos a la jurisdicción de los provinciales calzados. Sólo el favor de Felipe II permite salvar al movimiento descalzo. El 22 de junio de 1580 Gregorio XIII autoriza la separación de los descalzos de los carmelitas calzados. El primer capítulo provincial de los descalzos tiene lugar en Alcalá de Henares en marzo de 1581: se redactan nuevas constituciones y fray Jerónimo Gracián, el candidato preferido de Teresa de Jesús, es elegido provincial”. (Terricabras, 2014, p. 4)

de separação da Ordem em 1580, dizendo, segundo Cruz (1955, p. 269): “[...] os atos se celebrem com o máximo esplendor”. Sobre a celebração de separação da Ordem do Carmelo, os reformados, seguindo a vontade de João da Cruz, firmaram de rezar uma missa perpétua pelo rei e acender uma vela constante no santíssimo³³ em agradecimento. Paralelos aos momentos com o rei, ainda tiveram outras diversas situações vividas entre o monarca e Teresa de Jesus, uma vez que ela tinha influência há mais tempo que João, sendo mais popular pela Espanha do que João.

2.5 SÉCULO XVI: O CHAMADO “SÉCULO DOS SANTOS” EM UM CONTEXTO REFORMADOR

Abordando o século XVI, momento histórico divisor de muitas águas para a humanidade, leva-se a refletir que “Cada época fabrica mentalmente o seu universo” (Febvre, 2009, p. 30). Em tal perspectiva, este século ocorreu sob muitos acontecimentos que revolucionariam a vida do ser humano. Nele, está o auge das grandes navegações, o esforço pela colonização do “Novo Mundo” além do Atlântico, a transição entre a Idade Média e a Idade Moderna e, por outro lado, também foi um período marcado pela mudança religiosa consequente da Reforma Protestante que correspondia à uma sequência de mudanças que necessitavam acontecer, exigindo mais princípios e retomada da tradição da Igreja. Em resposta à Reforma Protestante, acontece a Reforma Católica ou o período mais compreendido como Renascimento, despertando os católicos para traçarem um caminho mais estreito, alicerçado na base da Igreja, para, assim, superar aquele desafio.

Certo é que a Reforma Protestante eclodiu em consequência de questionamentos que já vinham sendo feitos há mais de um século, devido ao relaxamento espiritual e entrega aos caprichos pessoais que tomavam conta da sua hierarquia. Logo, a Reforma Católica, em consonância com Rops (1999, p. 9), “não se operou contra um inimigo, mas em favor de Deus, em favor de Cristo, em favor da mais autêntica fidelidade”.

Passando por um tempo de opiniões divididas e uma constante fomentação religiosa, Febvre (2009, p. 237), aponta que “Deus estava no pensamento do homem do século XVI”. No mesmo sentido, Aquino (2019, p. 23) afirma que “tudo era por Deus

³³ Um dos sacramentos da Igreja, a eucaristia, em formato de hóstia (com aparência de pão círio), é guardada no sacrário, que fica em lugar bem destacado nas igrejas.

e para Deus”. Além disso, Aquino (2019, p. 25), diz que “o mundo sabia para onde caminhava”, pois, os ideais da vivência segundo a “Cidade de Deus”³⁴ ainda eram buscados por grande parte dos católicos, mesmo diante de tantos problemas que a Igreja vinha carregando.

Frente ao que estava ocorrendo na Igreja e, em especial, na Ordem do Carmelo, como já citado, juntamente com as transformações do pensamento produzidas no século XVI, observa-se que duas fases distintas se sucederam ao mesmo tempo na Igreja: de um lado ficou marcado pela ruptura que ela teve, devido à Reforma Protestante e, em outro viés, foi chamado de “século de ouro” e também de “século dos santos”.

O termo “século de ouro” faz referência à extensa e consistente produção literária, intelectual e artística desenvolvida com as mudanças de pensamento ocorridas naquele momento. Temos em evidência nesse período, a ascensão de alguns dos maiores nomes da literatura e da arte como William Shakespeare (1564-1616), Michelangelo (1475-1564), dentre muitas outras figuras que foram extremamente significativas para a humanidade. Associado à descoberta da América, foi um tempo próspero, marcado pela extração das riquezas e pelo empoderamento de alguns países, devido à disputa territorial, que só foi possível pela descoberta do novo continente. Envoltos deste mesmo cenário, especificamente na Espanha, também existiram as contribuições literárias imortais de Miguel de Cervantes (1547-1616), com sua obra principal “Dom Quixote”, lida com afinco até na atual contemporaneidade, sendo obras canônicas que sempre se atualizam mediante o pensamento humano, produzindo críticas e reflexões sobre o comportamento humano. Em contraponto, em meados do século XVI, surge, ainda na Espanha, o período conhecido como Barroco, que, aliado ao contraste das reformas, é marcado pela produção de esculturas, pinturas e literatura, que fundem o heroísmo e a decadência que levam ao dramatismo.

Já o termo “século dos santos”, segundo Rops (2011), surgiu pelo pertinente destaque do extenso número de pessoas que viveram com perfeição sua fé, ou seja, se dedicaram a serem perfeitos na doutrina da Igreja e no conseqüente serviço ao povo. É importante ressaltar que os santos de tal século, foram, em sua maioria, reformadores da espiritualidade dentro de suas próprias Ordens e contribuíram

³⁴ A Cidade de Deus foi uma doutrina criada por Santo Agostinho, no século IV, em que os cristãos buscavam viver na Terra o que era esperado viver no “céu” segundo as promessas bíblicas.

diretamente para o fortalecimento da fé, naquela conjuntura crítica, na qual a Igreja se encontrava. Assim, com a presença marcante de alguns personagens emblemáticos neste período, dar-se-á destaque somente para os mais populares para entender-se melhor o contexto daquela época.

Fazendo jus ao título de “século dos santos”, está contabilizado o número de mais de sessenta santos nascidos no século XVI e citamos aqui os mais conhecidos como São João da Cruz (1542-1591), Santa Teresa de Jesus (1515-1582), Santo Inácio de Loyola (1491-1556), São Francisco de Sales (1567-1622), São Francisco Xavier (1506-1552), São Camilo de Lellis (1550-1614), São Luís Gonzaga (1568-1591), São Filipe Néri (1515-1595), São José de Anchieta (1534-1597), São Caetano de Thiene (1480-1547), São José de Calasanz (1557-1648), São Pedro de Alcântara (1499-1562), São Carlos Borromeu (1538-1584), São Pedro Canísio (1521-1527), sendo os dois últimos muito influenciadores na redação do Catecismo Romano e dos decretos tridentinos, além de tantos outros que foram os responsáveis por “acalmar” o turbilhão de ideologias que se levantara dentro da Igreja, promovendo uma reforma espiritual em seu interior.

Ao fazer a menção dos santos daquele período, entende-se que João e Teresa seguramente não estavam sozinhos com seus ideais e a questão de reformar era uma necessidade que estava evidente, porém, precisava de mãos fortes para que isso pudesse acontecer. Então, observa-se que essas eram as questões que fomentavam o século XVI dentro das Ordens. Respirando um clamor que levava à uma verdadeira resistência, muitos homens foram desconstruindo o ordinário da rotina que viviam e, na simplicidade, mas em uma profunda busca por Deus, foram promovendo o extraordinário.

A “resistência” espiritual que os reformadores promoveram, foi a maior prova de que embora os membros da Igreja, pela fraqueza humana, tenham muitos erros, ela mantém-se de pé através das lutas pessoais de seus ilustres membros que reagem contra o erro como pode-se observar em Rops (2011, p. 140), “Se a massa humana tem muita tendência a recair, existe no seio do cristianismo um elemento indestrutível que lhe fornece periodicamente um novo fermento: o espírito de reforma”.

Em um universo de vários homens e mulheres que foram elevados ao altar pela Igreja, compreende-se que estes desempenharam uma função ímpar e que repercutiram boas consequências a seu tempo para a humanidade, sendo que até hoje é possível ver estes reflexos. Assim, na situação social da Igreja, mais do que

nunca, as obras de utilidade pública no século XVI, foram impulsionadas, abrangendo um maior número de pessoas que estavam necessitadas. Para tanto, surgiram novas Ordens, sendo responsáveis por obras sociais que serviram diretamente ao povo e muitas, até a época atual, continuam a todo vigor, envolvendo escolas, hospitais, cadeias, lugares de tratamento para pessoas com doenças mentais, socorro aos mendigos, atendimento aos órfãos e viúvas, como serão mostrados alguns exemplos mais adiante. Segundo Rops (2011, p. 267), muitas pessoas necessitadas diziam: “É bom viver à sombra do báculo”, isso porque, quem recorria ao báculo³⁵ do bispo, era socorrido. Além disso, para manter as catedrais, as escolas e toda a rede social ligada à Igreja, era necessário um número considerável de pessoas trabalhando em seus interiores, configurando uma garantia de sobrevivência.

Por conseguinte, todo o movimento da população era em torno das igrejas e catedrais: a marcação de tempo ao longo do dia observando as batidas dos sinos, a construção das casas (o centro das cidades), o comércio, as universidades, as escolas e os hospitais iam se encaixando ao entorno da casa de Deus, pois tamanha era a sua importância. Além disso, fazia parte do costume do povo seguir a tradição litúrgica da Igreja, adotando dias de festa ao celebrar determinados santos. Aquino (2019, p. 16), afirma que a atenção ao povo consistia:

A educação do amor acima do plano pelo matrimônio cristão, o alívio dos sofrimentos físicos mediante as Ordens dedicadas aos hospitais e albergues e ao resgate dos cativos, a educação do povo pelo estabelecimento de escolas, a criação das Universidades são obras que marcaram a pujança da época e mostram o seu imenso esforço humanitário e civilizador.

Sobre a atuação dos santos mais populares no meio do povo, começando por Inácio de Loyola, ao fundar os jesuítas, criou um novo seguimento de obediência ao Papa e austeridade de vida. Além disso, eram totalmente submissos ao Papa, intensificando o poder hierárquico e a influência do sumo pontífice.

Camilo de Lellis, funda os camilianos, que iriam trabalhar diretamente dentro dos hospitais, servindo com humildade, segundo ele, ao próprio Cristo crucificado, sem falar que até o momento atual existem os camilianos trabalhando em muitos hospitais pelo mundo. Seus ideais eram servir aos mais pobres, cuidando dos

³⁵ Espécie de cajado que o bispo carrega e usa em algumas situações como sinal de estar pastoreando.

sofrimentos da carne como se fossem as chagas de Cristo. Eles são caracterizados pelo hábito cinza com uma grande cruz vermelha na parte da frente.

Filipe Néri, que muito ajudou na elaboração e promulgação dos documentos do Concílio de Trento, segundo Rops (2011), cuidou de crianças e jovens pobres, inserindo-os novamente na sociedade, de uma forma que chega a mudar o rumo de muitos deles, através da educação. Cuidou principalmente de órfãos, crianças carentes e jovens presos, motivando-os através da alfabetização, levando-os a querer ser pessoas de bem. Chegou a viver em catacumbas e, na miséria do momento, através de suas orações, como não tinha alimento para dar a todos, as sopas que preparava para as crianças, nunca acabavam, aumentando milagrosamente. Também foi o fundador da Congregação do Oratório, Ordem de sacerdotes responsáveis por um movimento de adoração do santíssimo sacramento e voltada para a educação cristã.

Vicente de Paulo, foi fundador dos vicentinos que ainda hoje dão assistência às famílias pobres e em asilos, cuidando e administrando diretamente os asilos mais conhecidos por “vicentinos”, além de promover arrecadação e doação de mantimentos e assistência às famílias necessitadas.

Também existiam as Ordens mendicantes, como o Carmelo, os franciscanos, os dominicanos, dentre tantas outras que, embora precisassem da doação dos fiéis para se sustentar, sempre assistiram às pessoas que recorriam a eles procurando auxílio. Além destes exemplos, existem muitos outros fatos, obras e fundações pertinentes aos santos daquele século que contribuíram diretamente tanto para a sociedade quinhentista, quanto para a nossa atualidade.

Pode-se afirmar que o período em que João da Cruz viveu, carecia de pessoas dispostas a modificar o relaxamento e o abandono das regras primitivas no âmago das Ordens, portanto, era uma vertente que necessitava acontecer, especificamente na segunda metade do século XVI, em consonância com o que fora proposto no Catecismo Romano, após Trento. Portanto, infere-se que, por tal justificativa, a reforma que João e Teresa fizeram dentro da Ordem do Carmelo, teve ainda mais força pelo contexto da época.

Diante do ardor que impulsionava os santos daquela época a buscar por reformas nas suas Ordens, surge o questionamento sobre em que estrutura se fundamentava a espiritualidade produzida neste período e que influenciou João da Cruz e tantos santos contemporâneos de seu tempo? E, para encontrar a resposta,

volta-se um pouco antes de tal cenário. Particularmente sobre as fontes que ele usa, segundo Ruiz (1994, p. 57-58),

Entre as escolas que exercem influência sobre o santo, de maneira mais explícita e direta, costumam-se enumerar várias, que foram objeto de detalhado estudo:

- tomismo e escolástica: estruturas e esquemas de pensamento,
- agostinismo e neoplatonismo: elementos da vida mística,
- místico do Norte: imagens, etapas, experiências,
- mística espanhola: temas, problemas, linguagem,
- poesia contemporânea: sensibilidade, símbolo e expressão,
- islamismo: é acrescentada por alguns, como conjectura.

Além do mais, acredita-se que muitos neste período foram persuadidos, dentre outros autores, provavelmente, pela escrita de Tomás de Kempis (1379-1471). Nascido na Holanda, foi um cônego regular agostiniano e escreveu o livro intitulado “Imitação de Cristo”, responsável por nortear a espiritualidade dos séculos seguintes, inaugurando a chamada “*Devotio Moderna*”³⁶, um movimento espiritual de grande importância que promoveu um fortalecimento no interior da Igreja, como aponta Le Goff (1990, p. 176): “[...] a *devotio moderna* regressa aos Padres, ao ascetismo monástico primitivo, purifica as práticas e os sentimentos religiosos, põe em primeiro plano uma religião individual e mística”.

No itinerário do movimento da *Devotio Moderna*, encaixa-se perfeitamente a resposta que a Igreja deu à Reforma Protestante, principalmente por parte dos líderes dos mosteiros, como João da Cruz e Teresa. Sobre as consequências de tal percurso, Le Goff (1990, p. 177), aponta: “O 'moderno' só tem direito de preferência quando imita o 'antigo' [...] O moderno é exaltado através do antigo”. E foi neste contexto de retomada do antigo, fazendo referência à patrística da Igreja e à tradição que João da Cruz e Teresa fundaram o novo Carmelo Descalço, para que os mosteiros observassem a regra primitiva da Ordem, pois acreditavam que fazendo assim, não cederiam ao relaxamento que vigorava naquele tempo, assumindo uma austeridade que os aproximava mais de Deus.

Segundo consta em Kempis (2012, p. 14), valendo-se de uma escrita simples, sua obra leva os leitores à contemplação, baseada na meditação, na vida interior por meio da reflexão dos sofrimentos da paixão de Cristo e no desapego das coisas

³⁶ *Devotio moderna* foi um movimento que nasceu dentro da Igreja no século XV, estendendo-se até o século XVI. Abordava a retomada das ideologias do cristianismo primitivo, propondo uma ascese espiritual.

externas, características pontuais na espiritualidade dos reformadores. Assim, pode-se dizer que a escrita da “Imitação de Cristo”³⁷ tenha sido um pontapé inicial do que se tornaria a busca da espiritualidade naquela época, sendo decisiva para o despertar do catolicismo e para a fomentação da mística entre leigos e religiosos do século seguinte. Além disso, até hoje este vem a ser um dos livros religiosos mais vendidos, tornando-se um “*best-seller*”, com escrita moderna, que ultrapassa séculos. Rops (1999, p. 11), mostra que o movimento místico proposto pela “Imitação de Cristo” ainda no século XV, contribuirá “[...] formando homens totalmente religiosos, de oração e de renúncia, que esses guias prepararão, quase sem o pretenderem, tropas de uma solidez a toda prova para as grandes batalhas”. Para se estabelecer uma relação entre os escritos da “Imitação de Cristo” e as propostas de vida contemplativa muito difundidas no século XVI, segue um trecho deste livro:

Aprende a desprezar as coisas exteriores e entrega-te às interiores e verás chegar a ti o Reino de Deus. [...] Virá a ti Cristo para consolar-te se lhe preparares no teu interior, digna moradia. (Kempis, 2012, p. 71).

Contudo, o renunciar a si mesmo é uma proposta que o próprio Cristo chamou os seus discípulos a fazerem e os místicos deste século a retomaram como uma experiência de vida. Segundo Vigarello (2008, p. 74), “O aniquilamento era uma das quatro regras do discurso místico, junto com a humildade, a indiferença e a pobreza”. No mesmo ínterim, Inácio de Loyola (1491-1556), nascido no país Basco, também fundador dos jesuítas, deixa como legado para os ascéticos, os “Exercícios Espirituais”. Já no início do livro ele diz: “O fim primeiro principal dos Exercícios é orientar o exercitante para uma conversão integral, progressiva, dinâmica da sua existência total, para um encontro pessoal com Deus Vivo e Verdadeiro” (Loyola, 1966, p. 14). Para compreender melhor as assimilações espirituais que são propostas entre os “Exercícios Espirituais” e a escrita joãocruciana que faziam parte da identidade daquele período, foi retirado do texto de Inácio de Loyola um excerto que exemplifica, de maneira clara, o que é, e para que servem tais meditações:

Pois, assim como passear, caminhar e correr são exercícios corporais, da mesma forma se dá o nome de exercícios espirituais a todo e qualquer modo de preparar e dispor a alma para tirar de si todas as afeições desordenadas e, afastando-as, procurar e encontrar a

³⁷ Não se pode precisar que o livro “Imitação de Cristo” tenha sido realmente escrito por Tomás de Kempis.

vontade divina, na disposição da vida para a salvação da alma. (Loyola, 1966, p. 13-14).

Bem como em João da Cruz, à medida em que a pessoa sobe o “Monte de Perfeição”, deixa a si própria, mas, estando a alma em Deus, o que lhe move é a graça do Tudo. Paralelamente, Inácio de Loyola, nos “Exercícios Espirituais”, mostra, também na perspectiva de Tomás de Kempis, o aniquilamento do homem ao encontrar-se com Deus. Assim, leva o exercitante a meditar o tempo todo, estando em um retiro espiritual a refletir sobre os seus pecados, as dores, a paixão de Cristo e os modos como se deve viver o cristão.

A espiritualidade e a vida dos santos, do século XVI, apresentadas até aqui, estão envoltas em um sistema complexo e que exige uma renúncia radical daquele que quer se aventurar nela, mas, ao mesmo tempo, revela uma única direção: a união com Deus. Nesse ínterim, João da Cruz afirma, que para que aconteça, de fato, o encontro entre a alma e Deus, é necessário “sair de todas as coisas segundo a inclinação e a vontade, e entrar em sumo recolhimento dentro de si mesma, considerando todas as coisas como se não existissem” (Cruz, 1998, p. 596). Diante de tais afirmações, mais uma vez se esbarra naquilo que o próprio autor confirmava já no início do texto “Subida do Monte Carmelo”, em que dizia que a união com Deus deveria passar pela noite e entrega total a Deus.

3 A OBRA JOÃOCRUCIANA: POEMAS E SEUS RESPECTIVOS TRATADOS EXPLICATIVOS EM PROSA

Como exposto até aqui, em João da Cruz, se adentra em um universo de mistérios, sofrimentos e gozos espirituais, contudo, para possuir a intimidade mística, foi necessário que ele passasse pela dolorosa noite escura da alma, noite que instiga tantas pessoas a querer saber mais sobre o santo, com o propósito de se encontrar com tal estado de graça.

Diante de sua atividade literária, construída entre poemas e prosa, o recorte de fonte para o presente trabalho está na “Subida do Monte Carmelo” sendo a explicação do poema “Noite Escura”, localizado nos “Escritos Espirituais”, que também recebem o nome de “Obras Mestras”, escrita em prosa e, com um grande valor literário e teológico.

Certeau (2015, p. 121-122), afirma que a articulação do poema com o comentário em prosa na obra de João da Cruz: “[...] eles se chamam, eles se alteram mutuamente, eles se entrelaçam. [...] O funcionamento da escrita coloca em jogo uma dialética do êxtase poético e da discursividade histórica”. Para o mesmo autor, a obra joãocruciana produz sua historicidade, criando uma maneira própria de pensar o tempo por meio de sua leitura.

Famoso por suas poesias, João da Cruz as escreve, em grande parte, em tempos difíceis, como já citado, quando esteve preso em uma pequena cela, no escuro, por nove meses, no convento em Toledo, acusado de ameaçar a existência da Ordem. Neste período, acabou por comer e destruir algumas cartas que falavam da reforma que ele estava organizando, por medo das perseguições. Além disso, também há registros de cartas e bilhetes com distintas direções espirituais destinadas aos seus “filhos espirituais”, que, infelizmente se perderam com o tempo. Segundo Cortázar (2012, p. 314), os poemas de João da Cruz,

[...] tentam explicar através do verso, com seus entendimentos, emoções e metáforas, a irracionalidade da experiência mística, recorrendo a imagens de raiz popular, Garcilaso e criações cortesãs renascentistas³⁸.

³⁸ *"Intenta explicar mediante el verso, con sus sobreentendidos, emociones y metáforas, lo irracional de la experiencia mística, recurriendo a imágenes de reigambre popular, a Garcilaso y a creaciones renacentistas cortesanas". (Cortázar, 2012, p. 314).*

No mesmo sentido, Ruiz (1994, p. 50), afirma que “Depois de se ler o comentário, a releitura dos versos adquire novos reflexos e significações” e sobre a importância de sua escrita para a conjuntura da época, Wojtyla (1949, p. 10), declara:

Ninguém, com efeito, ignora que esses escritos constituem um muro de contenção e de reação contra algumas correntes errôneas de seu tempo, contra falsas doutrinas e contra perigosas tendências místicas, cujos efeitos perniciosos se projetavam na prática da vida cristã. As marcas dessa firme e essencial reação são percebidas ainda nas páginas de São João da Cruz.

Em um cenário de múltiplas reformas dentro e fora da Igreja, os escritos do João da Cruz foram de grande relevância para a sua época, contribuindo de maneira direta para esclarecer e nortear, pontos precisos da espiritualidade. Sobre a clareza de João da Cruz, Wojtyla (1949, p. 10), afirma:

E assim vemos como, à maneira de saudável contragolpe, aparece uma fonte de puríssima vida mística e de luminosa doutrina, que não só é dardo contra os iludidos, como também luz que iluminará para sempre a verdadeira Igreja de Cristo.

Também em Cruz (1988, p. 64), ainda no prefácio dos “Escritos espirituais”, é afirmado que “A doutrina de São João da Cruz é evangélica: clara, direta e desassombrada”. Assim, é possível notar que durante todo o seu itinerante literário, o autor se vale precisamente de citações bíblicas que se encaixam perfeitamente ao tema que está escrevendo, inclusive, em sua humilde cela, só havia a Bíblia como pertence. Confirmando tal fato, no prólogo da “Subida do Monte Carmelo”, Cruz (1998, p. 136), escreve: “[...] hei de dizer, ao menos para as coisas de mais difícil compreensão, apoiar-me-ei na Sagrada Escritura: tomando-a por guia, não há perigo de engano, pois nela fala o Espírito Santo”. Entende-se que a teologia produzida por ele, tão buscada como respostas para questões da fé, teve sua importância, por ser construída pautando-se sistematicamente e de modo exclusivo, na Sagrada Escritura, assim como o ideário protestante.

Passando pela pobreza de Frontiveros e nas muitas transições de lugares que a vida lhe reservara, se apropria certamente de traços da religiosidade popular na Andaluzia, deixando-se intervir pela poesia que se ouvia. Além disso, vivia no período renascentista, sendo uma transição de cultura teocêntrica para antropocêntrica. Stein (2014), cita que de poeta, nos tratados, João da Cruz passa a ser teólogo e pensador. Logo, infere-se que seus escritos seguem dois caminhos que se cruzam para serem

complementados: sua valorosa e curta obra em poesia ganha mais destaque se for entendida através das explicações teológicas e místicas em prosa. Não se pode deixar de mencionar também que ele era tomista, ou seja, mantinha a direção teológica voltada para os escritos de Tomás de Aquino e na tradição da Igreja.

Contudo, sabe-se que as obras em prosa só foram escritas a pedido de seus filhos espirituais e a sua intenção era atingir as almas contemplativas, a fim de seguirem os mesmos rumos que ele. Os grandes comentários em prosa, ficaram, em sua maioria, inacabados, e não foram elaborados em disposição cronológica, uma vez que o ideal do autor não era ser escritor, portanto, escrevia quando o tempo e as práticas lhes concediam. Além disso, sua prosa foi composta, quase totalmente, entre os anos 1582-1586, portanto, já no final da vida. Curioso é entender que, apesar de escrever sua experiência mística, em nenhum momento fala de si próprio, porém, de acordo com Ruiz (1994), mesmo não gostando de ser autobiográfico, em seus escritos, no silêncio, se ouve a voz da experiência gritando.

Diante da saturação de oferta de escritos sobre espiritualidade da época, advindos com o período de reformas na Igreja e da evolução da imprensa, segundo Ruiz (1994), passando por uma consistente formação acadêmica em Salamanca, João da Cruz vê uma infinidade de escritos sobre reflexões, práticas e promessas, mas que se apresentavam carentes de experiências espirituais. Assim, seus escritos terão uma certa dose de criatividade para o momento, uma vez que são permeados da sua própria vida. Ruiz (1994), afirma que a atividade literária de João da Cruz era uma consequência da espiritualidade que vivia, pois, a principal prioridade eram os compromissos como monge e em consequência, o magistério oral.

Decorrente do estilo da escrita joãocruciana, todo o texto “Subida do Monte Carmelo”, revela com singularidade, a espiritualidade do reformador, mostrando sua simplicidade e, ao mesmo tempo, abre espaço para a grandeza de alguém que conhecia e vivenciava algo sobrenatural em sua vida pessoal. Ele afirma que haveria muito ainda a dizer sobre a explicação do que chamava de “divina notícia”, mas que, por ser escrita, teria dificuldades de mensurá-la: “[...] acrescenta-se a insuficiência de meu estilo e pouco saber” (Cruz, 1988, p. 238).

Neste sentido, João da Cruz é universalmente conhecido por conseguir explicar a união da alma com Deus, no entanto, mostra que não tem como entender claramente tal união, pois, só aqueles que passam por ela, é que conseguem compreendê-la. Segundo Ruiz (1994, p. 84), “o termo união aparece mais de

quinhentas vezes em São João da Cruz”, logo, infere-se que a repetição contínua de tal termo, ocorria, pois tamanha era a sua intenção de levar o leitor à união mística que ele mesmo experimentava. No entanto, explica que muito do que se busca entender sobre Deus, foge da compreensão humana pois:

Eis por que a contemplação, pela qual o entendimento tem mais alta notícia de Deus, se chama teologia mística, ou sabedoria secreta de Deus; porque está escondida para o próprio entendimento que a recebe. (Cruz, 1988, p. 212).

Dado tal contexto de sua obra, é perceptível a busca do inefável no século XVI: “A grandeza de Deus é o que há de mais inacessível ao homem” (Cruz, 1988, p. 212), e acrescenta: “Porque tudo o que o entendimento pode compreender, a vontade de gozar e a fantasia de imaginar, é muito dessemelhante e desproporcionado a Deus” (Cruz, 1988, p. 211). Portanto, entende-se, que a mística vivida com afincamento por João da Cruz, refletida na experiência pessoal para o encontro com Deus, foi uma busca do homem em meio aos conflitos religiosos daquele período:

No meio das cadeiras da universidade ergue-se uma escola mística, a do intelecto, e diante dela, e no calor do claustro eleva-se a do coração; aquela é a dos sábios, esta dos perfeitos, e o fruto de uma e outra é a grande escola mística do século XVI, cujo príncipe e representante é o que a Igreja disse ao declará-lo Doutor - o extático São João de Cruz (Crisógono, 1929, p. 71).

A escola mística desenvolvida pelos principais santos do século XVI, como apontado no final do capítulo I e também a “escola da cruz”, termo específico usado para se referir à espiritualidade de João da Cruz, como dito por Stein (1988), foi um marco que direcionaria um grande número de adeptos da Igreja, sendo fundamental para fortalece-la no cenário de transição em que se encontrava. Neste sentido, a essência da reforma da Ordem era levar os monges a viverem o que está escrito no evangelho de Marcos 8, 34-35:

Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me. Porque qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, mas, qualquer que perder a sua vida por amor de mim e do evangelho, esse a salvará.

E sobre a passagem do evangelho citada, Cruz (1998, p. 204), discorre:

Oh! Quem pudera fazer compreender, amar e praticar tudo o que encerra este conselho dado pelo Salvador sobre a renúncia de si mesmo, para os espirituais aprenderem como devem andar neste caminho de modo bem diferente do que muitos pensam! Segundo a opinião de alguns, é suficiente reformar os hábitos e ter um pouco de retiro; outros se contentam em praticar até certo ponto as virtudes, orar e mortificar-se. Mas nem uns nem outros se dão ao verdadeiro desprendimento e pobreza, à renúncia e pureza espiritual aconselhada aqui pelo Senhor.

Mais adiante, no capítulo 3, será aprofundado mais detalhadamente sobre a essência da mística joãocruciana.

3.1 COMPOSIÇÃO DE SUA OBRA LITERÁRIA

Além da sua coparticipação na reforma da Ordem, cria, segundo Ruiz (1994), mesmo sem ter a intenção de fazê-lo, um legado místico que serviria de base para as posteriores gerações que se identificam com tal caminho. Como poeta e místico, sua obra poética é composta por quinze poesias que revelam a doutrina da Igreja e explicam teologicamente a fé cristã. Estudiosos da escrita joãocruciana como Crisógono (1929) e Stein (2014), hão de concordar que a maioria dos poemas foram escritos durante a prisão em Toledo, já mencionada no capítulo anterior. Se João da Cruz era possuidor de uma personalidade mais fechada e reservada, não se expressando autobiograficamente, é impossível dizer que ele não se abra através de suas poesias. Como o próprio gênero requer a expressão de sentimentos, seu coração é revelado assim que o leitor saboreia a literatura produzida por ele.

Escreve, provavelmente, na última década de sua vida, os chamados “Grandes comentários e tratados orgânicos”, valendo-se do gênero prosa, para explicar, a pedido de seus confrades, de forma concisa e detalhada, as três poesias mais profundas que tinha composto, sendo elas: “Noite Escura”, a qual será baseado o trabalho, o “Cântico Espiritual” e a “Chama Viva de Amor”. Segundo Oliveira (2012, p. 792), “Comentar os próprios textos místico-poéticos era seu costume, e esses textos em prosa são posteriores aos poemas, configurando um esforço hermenêutico de esclarecer a doutrina mística do autor a partir deles”. No mesmo sentido, Franke (2007, p. 366), fala sobre as especificidades dos dois gêneros textuais deixados como herança por João da Cruz: “Se os poemas são permeados por uma exuberante sensualidade, os comentários aconselham o mais severo ascetismo.

O poema e a prosa na escrita de João da Cruz, têm, juntos, um modo peculiar de retratar a intimidade com Deus, construindo uma ligação entre o relato e a própria experiência mística. Sob as influências do seu tempo, segundo Ruiz (1994, p. 54), “Frei João vive, goza e sofre os acontecimentos coletivos. Mas não permite que a realidade histórica entre em sua obra através da crônica e da narração, com nomes, datas, lugares”. Neste sentido, para Certeau (2015, p. 122), a obra de João da Cruz cria a sua própria historicidade:

O funcionamento da escrita coloca em jogo uma dialética do êxtase poético e da discursividade histórica. [...] Minha hipótese consiste em reconhecer nesse funcionamento literário a operação de uma historicidade, uma maneira própria de articular o tempo naquilo que lhe escapa e, portanto, finalmente, de pensar o tempo. Ou seja, as relações do poema e de sua prosa, em João da Cruz, manifestam a formalidade de uma história; na cena escriturária que circunscreve o texto, elas produzem um modelo de ‘história espiritual’, se entendermos por esse termo a relação que uma história mantém com ‘o que fala’, isto é, com o ‘Espírito’.

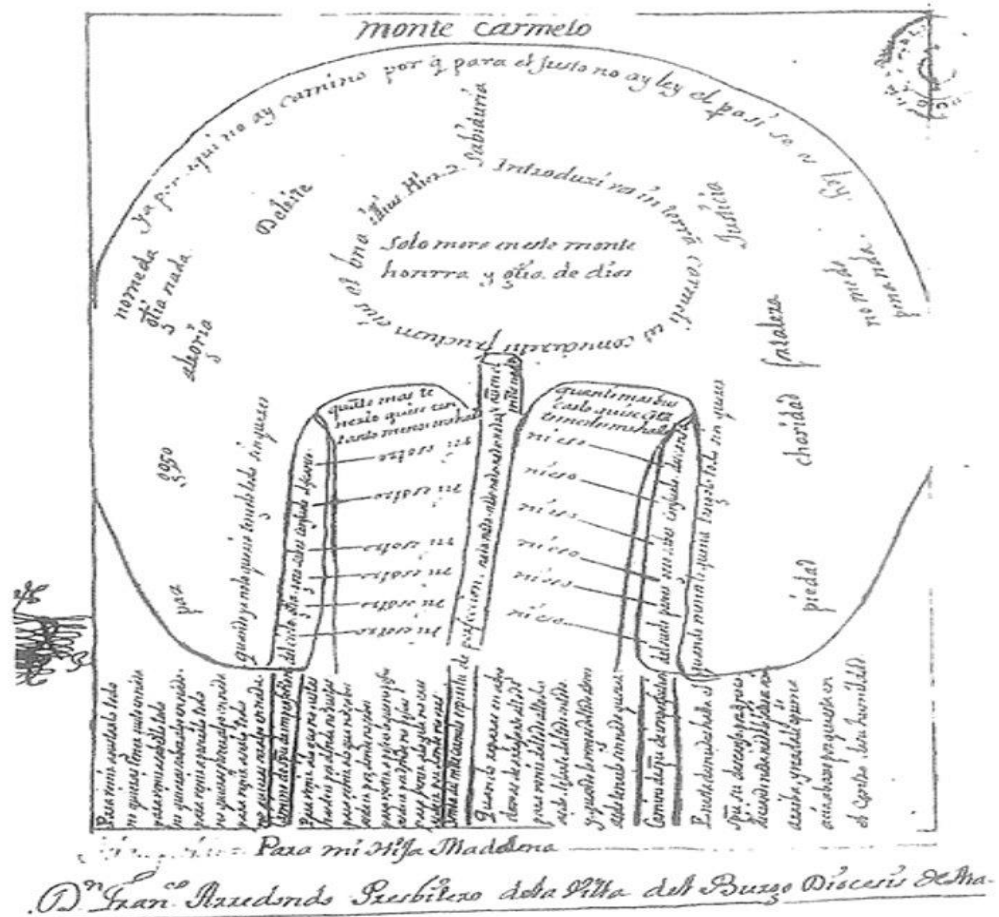
A obra joãocruciana ainda é composta pelos “Escritos Espirituais” trazendo os títulos: “Ditames de Espírito”, “Esquemas gráfico-literários: Monte de Perfeição”, “Ditos de luz e amor: avisos e sentenças espirituais”, “Pequenos tratados espirituais”, sendo estes, cartas, bilhetes, frases, orientações e exortações que escrevia para os “filhos espirituais”. Com teores distintos, a obra completa também tem um “Epistolário”, trazendo cartas endereçadas, na maioria das vezes, para os membros reformados e, paralelamente, existem os “Escritos Oficiais”, fazendo referência a documentos oficiais como atas e registros burocráticos, elaborados ou assinados pelo mesmo. Contudo, existiram muitos outros registros dele, como cartas, narrações de milagres de Nossa Senhora da Caridade e bilhetes que, ou se perderam com o tempo ou foram destruídas, como ele próprio pediu para que fossem queimadas algumas cartas, por medo de seus perseguidores.

Sobre o recorte da presente pesquisa, na versão espanhola “Vida y obras de San Juan de la Cruz” (1955, p. 493), o comentário do poema “Noite Escura” vem intitulado como: “*Introducion a la ‘Noche Oscura de la Subida del Monte Carmelo’*”³⁹ e, anterior ao conteúdo do referido título, está anexada, como parte integrante deste trecho do livro, a cópia autêntica do primeiro desenho do “Monte de Perfeição”, figura

³⁹ Percebe-se que entre os livros traduzidos para o português e os espanhóis existem divergências no título do mesmo livro.

elaborada, segundo várias fontes, pelo próprio João da Cruz, mostrando as direções de como se chegar a Deus.

Figura 3 – Cópia autêntica do primeiro desenho do “Monte de Perfeição”.



Fonte: <<http://www.ordemterceiradocarmose.com.br/2011/12/as-sentencas-seguintes-declaram-o-modo.html>>. Acesso dia 10/08/2019.

Embora o desenho original tenha realmente poucos traços de uma obra de arte, pois é composto quase que totalmente por palavras e frases, é rico em significados e remete à ideia principal da qual João da Cruz é o santo do TUDO ou NADA. Segundo Oliveira (2012, p. 794-795):

O caminho que conduz ao cume da montanha, onde apenas a Presença divina subsiste, é esboçado por São João em um desenho no qual aparece uma trilha sobre a qual está escrita várias vezes a palavra “Nada”. Nos dois lados dessa trilha estão os ilusórios bens da terra e bens do céu, aqueles que tencionam chegar ao cume da montanha precisam esquivar-se desses bens, pois aqueles que os buscam acabam por perdê-los, perdendo, também, a experiência do encontro místico.

Baseando-se no desenho, João criou uma poesia, sem título, que será citada no capítulo 3, revelando poeticamente o TUDO que se tem que deixar para ser NADA e unir-se com o TUDO de Deus. Ao anexar o desenho, também é relevante citar que por várias vezes, é mencionado o “Monte de Perfeição” nos capítulos do livro primeiro da “Subida do Monte Carmelo”. E, para fomentar ainda mais a importância de tal ilustração, durante toda a escrita joãocruciana, é proposto para que o leitor suba o monte, para entrar no alto da união com Deus. Assim, seu desejo era que os carmelitas compreendessem e exercitassem em suas vidas, o conteúdo do desenho que fora expressado com tanta simplicidade. Para se compreender melhor a intenção do autor, ao criar o desenho, visto que não está nítido o conteúdo escrito, Grimani (2008, p. 24-25), discorre explicando cada parte, porém, será exposto aqui só um trecho, pelo fato de que intenção principal é ater mais na explicação do tratado da “Subida do Monte Carmelo”:

- 1ª senda – caminho da direita: Afeição desordenada aos bens da terra. “Quanto mais buscá-lo quis, com tanto menos me achei”. Não pode subir ao Monte por tomar caminho errado: gosto, liberdade, honra, etc. Se me busco a mim mesmo, não encontro a Deus. Perco o caminho.
- 2ª senda – caminho da esquerda: Afeição desordenada aos bens do céu. “Por have-los procurado tive menos que teria se subisse a senda”. Tardei mais e subi menos porque não subi pela senda: Busca de glória, segurança, gozo, consolos... Isto não te impede subir o Monte, mas te carrega com muito peso e te atrasa porque tens que dar muitas voltas. Olha a guerra que manterás, o tempo que perderás, as forças que dispersarás.
- 3ª senda – caminho central. Senda da Perfeição. Depois de repetir 5 vezes o NADA, coloca no cimo do Monte: NADA. Queres chegar ao Monte? Sabes que caminho tens que percorrer? Não o da direita, não chegarás a lugar nenhum, esbarrarás no vazio. Não o da esquerda: é possível chegar lá, mas te cansarás porque nele dá-se muitas curvas, é cansativo. Se queres chegar ao Monte vai pelo centro. Busca o essencial, busca somente Deus, nega-te a TODO o resto: “Quanto menos o queria, tenho tudo sem querer”. Encontrarás o cêntuplo que Cristo prometeu. Esta senda é a única que penetra o Monte, conectando diretamente com a planície do mesmo, na qual está escrito: “Introduxi vos in terram Carmeli”... Em cujo coração está o lema que presidiu a ascensão espiritual: “Só mora neste Monte a honra e glória de Deus”.

Existe outro desenho feito por João da Cruz, intitulado de “O crucificado”. Sobre ele, Teresa de Jesus, ao visitar a casinha de Duruelo (primeira casa dos monges reformados), chorou e se emocionou ao vê-lo, pois através dos rudes traços, observou a presença sofredora do Senhor. Embora João da Cruz tivesse formação em artes e

artesanato, seu forte não era para tal, tanto que, como está disposto no capítulo 1, se destinava melhor a cuidar dos enfermos e da sacristia, do que com os artesanatos, contudo, pela sua devoção ao Cristo crucificado, tinha o hábito de desenhar e fazer cruzeiros para dar aos seus dirigidos espirituais.

3.2 O POEMA “NOITE ESCURA” E O COMENTÁRIO “SUBIDA DO MONTE CARMELO”

A escolha pelo poema “Noite escura” e de seu respectivo comentário em prosa, chamado de “Subida do Monte Carmelo” se deu, pelo fato de que, na nossa vida pessoal, vivemos particularmente inseridos em um ambiente católico e, por ter passado por experiências marcantes com esta religiosidade, a aridez era um questionamento particular que trazíamos há muito tempo, particularmente sobre os momentos de “não enxergar Deus”. Assim, conhecendo a ideologia mística de João da Cruz, muito antes de ingressar no programa do mestrado em História Ibérica, foi uma excelente oportunidade poder estudar um pouco mais sobre o período da “noite escura” em que muitas almas passam e, ao mesmo tempo, foi uma forma de procurar responder a vários questionamentos pessoais que trazíamos sobre o tema. Neste ínterim, após uma identificação pessoal com o assunto, descobrir os segredos da habitação do sagrado no homem, sempre foi uma tendência que procurávamos, então, encontramos muitas respostas ao estudar a escuridão da noite espiritual.

Estabelecidos os motivos da escolha do poema e do seu comentário, para entender melhor o que vem a ser a “Subida do Monte Carmelo”, Oliveira (2012, p. 792), define o Monte Carmelo como:

Monte Carmelo foi cenário da bíblica disputa entre Elias e os profetas de Baal (cf. I Reis 18), onde Deus havia se materializado consumindo com fogo o holocausto oferecido por Elias a Iahweh. Posteriormente, a experiência de Elias será tomada como paradigma para a vida místico-contemplativa, inspirando, em torno do final do século XII, a origem da Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, que tem o profeta Elias como fundador de um novo estilo de vida. São João da Cruz, como carmelita que era, inspira-se nesse episódio para compor o comentário ao poema “Noche oscura”, intitulado “Subida ao Monte Carmelo”.

Sendo João da Cruz muito devoto das tradições, inclusive por propor aos monges reformados que voltassem a viver a regra de vida original da Ordem, criada

no século XII, ao lado de Teresa de Jesus, constrói a ideia de ir para o Monte Carmelo, para, assim como o profeta Elias, todos os seus seguidores pudessem almejar ir, do mesmo modo, para o lugar de vida solitária e contemplativa narrado na Sagrada Escritura. O ideal de retomar a originalidade do princípio, possibilitou que os descalços alcançassem uma vida de profunda relação com Deus, como mostra Certeau (2015, p. 136): “Apesar da estreita clausura na qual vocês vivem, diz Teresa aos carmelitas, vocês podem entrar nas delícias a qualquer hora e sem a permissão dos superiores”. Assim, voltando a viver com o mesmo carisma fundado na criação da Ordem, os monges poderiam, o tempo todo, através das orações e das obrigações diárias, “estar” nas delícias do encontro com Deus. Em tal perspectiva, já no início do texto “Subida do Monte Carmelo”, João deixa clara qual a sua intenção ao redigi-lo:

Encerra-se nas canções seguintes toda a doutrina que desejo expor na Subida do Monte Carmelo, assim como o segredo de alcançar o mais alto cume desta montanha, que outra coisa não é senão o estado de perfeição – estado sublime que chamamos aqui união da alma com Deus. (Cruz, 1998, p. 134).

O autor ainda evidencia que tais textos foram escritos exclusivamente para os Descalços Reformados pois, muitos, já estando a caminho para o Monte, “[...] compreenderão melhor a doutrina da desnudez do espírito” (Cruz, 1998, p. 140). Mesmo afirmando que a união com Deus era algo difícil de ser compreendido pela razão humana e passando por momentos de íntima união com Deus, tenta, a todo custo, valendo-se de uma pedagogia própria, permitir que outras pessoas também tivessem acesso ao “sublime” que experimentava. Para tanto, explica estrofe por estrofe dos seus poemas místicos e doutrinários, escritos em tempos de grande provação.

Retornando então, para o trecho da obra em análise, provavelmente, segundo consta nas “Obras Completas – São João da Cruz” (1998), o livro “Subida do Monte Carmelo”, foi escrito com interrupções, entre os anos de 1578-1585 e é o mais completo dos comentários, sendo composto pelo poema “Noite Escura” que é chamado no livro de “Canção”, além disso, tem um prólogo e três livros divididos da seguinte maneira:

- Livro Primeiro – “Que é Noite Escura: quanto é necessário atravessá-la para alcançar a união divina. Noite escura do sentido e do apetite. Danos resultantes à alma” (Cruz, 1998, p. 140), contendo 15 capítulos;

- Livro Segundo – “Trata do meio próximo para alcançar a união com Deus, que é a fé, e da segunda parte da Noite Escura, isto é, da Noite do espírito contida na seguinte canção” (Cruz, 1998, p. 185), contendo 32 capítulos;
- Livro Terceiro, não apresentando um título e contendo 45 capítulos. Tem uma curiosidade lamentável de ser incompleto, pois termina com a seguinte frase: “[...] assim como o mau termo às boas estraga e perde ...” (Cruz, 1998, p. 435).

Posterior à “Subida do Monte Carmelo”, segue um outro tratado sob o título “Noite Escura”, contendo a explicação do mesmo poema “Noite Escura”, porém, interpretado sob outros âmbitos pelo autor, diferente do que é proposto no livro que está sendo usado como fonte de estudo. Segundo Cruz (1998, p. 437), “A ‘Subida’ e a ‘Noite’ oferece-nos, apesar de inacabadas, um sistema de doutrina e vida espiritual íntegro e harmônico”.

No enredo da “Subida do Monte Carmelo”, é exposto que existem três noites distintas que a alma deve passar para alcançar o estado de intimidade plena, ou o cume do “erotismo” com o Amado. Assim, no capítulo I, é definido em que momento e lugar a noite, ou a purificação da alma acontece neste processo de estar com Deus, sendo que a primeira noite, segundo Cruz (1998, p. 141), se realiza na região sensitiva da alma e a segunda noite, visa as faculdades⁴⁰ espirituais e se refere à atividade da alma. O mesmo autor revela, ainda, que a primeira noite é a que acontece com os principiantes, na contemplação, e, a segunda, também chamada de purificação, é a mais tenebrosa, pois leva a pessoa ao abandono de si, como será apontada com maior exatidão, no próximo capítulo deste trabalho.

Já no capítulo II, segundo Cruz (1998, p. 143), a metáfora do substantivo noite é usada por três razões: primeiro, por ser uma noite para os sentidos e apetites humanos; segundo, pelo caminho que se deve buscar para unir-se a Deus e, terceiro, pelo termo que é Deus, pelo qual a alma é destinada.

Sobre as diferenças expostas sobre o uso do termo noite, o autor usa vários capítulos para explicar cada uma delas. De modo geral, conduz o leitor a buscar o desagradável, o desprezível, o desconforto e tudo o que causa repugnância ao homem, como uma forma de esvaziando-se a si mesmo, possa encher-se de tudo,

⁴⁰ Faculdades da alma ou espirituais são termos elaborados por Santo Agostinho para explicar a relação de Deus para com o homem.

que é Deus. Em tal perspectiva, Oliveira (2012, p. 782), estabelece um contraponto entre a relação do aniquilar-se para estar com Deus:

Na tradição cristã o percurso é o inverso, pois principia do alto para baixo. O místico é acometido por um agente, Deus ou o Demônio. Daí esse conceito básico: a experiência mística é uma experiência de posse.

Seguindo tais premissas sobre a noite, para Oliveira (2012, p. 779), “A noite será uma das imagens mais poderosas e de maior expressividade na poesia de São João da Cruz, representante da mística ibérica do século XVI”. Em conformidade com o autor, Stein (2014), afirma que em João da Cruz, a cruz e a noite se assemelham nos mistérios impenetráveis de Deus.

Por outro lado, existem relatos de que o estado da metáfora da noite, muito usada por João em seus escritos, tenha sido uma recorrência comum para o intelecto humano, acontecendo com várias pessoas. Quanto à essa afirmação, vários santos da Igreja, como o contemporâneo do nosso autor, Inácio de Loyola, afirma que vivia a noite da alma, até que se encontrou com Deus, após muitos questionamentos e fundou a Ordem dos jesuítas. Antes disso, Francisco de Assis, Agostinho e muitos outros, vão dizer que Deus estava com eles, mas não o viam, talvez por estarem ofuscados pela luz, que é Deus, que os cegava e os levava a enxergar somente o escuro, como é citado no Solilóquios de Agostinho: “Não te achava fora, Senhor, porque mal te buscava fora, estando tu dentro”. Nesta conjuntura, depara-se com a espiritualidade do século XVI, que era proposta, não só por João da Cruz, mas por vários personagens daquele período, como está sendo elencando ao longo do trabalho.

4 O MISTICISMO DE JOÃO DA CRUZ NO POEMA “NOITE ESCURA” E NO COMENTÁRIO “SUBIDA DO MONTE CARMELO”

Até aqui, João da Cruz é visto como uma importante figura, tanto no ambiente literário, quanto para a teologia, pois, através de seus escritos, consegue explicar, meticulosamente, as vias e os meios para que aconteça a união mística da alma com Deus. Neste sentido, não se pode deixar de falar um pouco mais sobre o que é a mística cristã que ele tanto vivenciou e explanou em sua obra. Para tanto, será feito um apanhado específico sobre a mística e, ao mesmo tempo, serão relacionados estes respectivos conceitos à própria descrição que João da Cruz faz na obra “Subida do Monte Carmelo”.

Em um cenário de mística, João da Cruz e Teresa de Jesus, são os únicos, até hoje, que receberam o título de “Doutores Místicos da Igreja”, ou seja, além da titulação de Doutor, são também honrados como Místicos. É claro que há outros títulos para os Doutores, como Seráfico, Angélico, dentre outros, mas somente os dois contraíram tal menção até hoje. Também existem muitas figuras na Igreja que foram chamados de místicos, tanto antes, quanto depois de João e Teresa. Podemos citar alguns mais conhecidos popularmente, como Santa Catarina de Sena (1347-1380), Santa Teresinha do Menino Jesus (1873-1897), São Francisco de Assis (1181-1226), São Domingos de Gusmão (1170-1221), São Francisco de Sales (1567-1622), além de uma infinidade de nomes.

Contextualizando, para saber melhor o critério que a Igreja usa para proclamar um santo como Doutor, segundo Bettencourt (1998), a denominação Doutor era designada apenas para os Santos Padres da Igreja. Eles foram homens de muita virtude, que viveram nos primórdios da Igreja e contribuíram para instituir regras, tradições e combater heresias graves. Porém, a partir do até o século XVI, houve uma mudança:

Os Doutores da Igreja são homens e mulheres ilustres que, pela sua santidade, pela ortodoxia de sua fé, e principalmente pelo eminente saber teológico, atestado por escritos vários, foram honrados com tal título por desígnio da Igreja. (Bettencourt, 1998, p. 87).

Após esclarecer, mesmo que de forma abreviada, os meios para que um santo se torne Doutor da Igreja, pelo fato de João da Cruz ser chamado de “Doutor Místico”, há a necessidade de elucidar melhor a ideia de mística. Assim, foi elencado o mesmo

conceito sob dois olhares, com a intenção de poder traçar uma análise justa sobre o tema ao longo deste capítulo. De acordo com Tanquerey (1948, p. 3), originada do grego *μυστικός* (*mystiko*), a palavra mística pode ser definida como “mistério, secreto e sobretudo segredo religioso”. Já para Velasco (1999, p. 19),

Mística [...] é a transcrição do termo grego *mystikos*, que significava em grego não cristão o que se refere aos mistérios (*mystika*), isto é, às cerimônias das religiões místicas nas quais o iniciado (*mystes*), incorporava o processo de morte-ressurreição do deus próprio de cada um desses cultos⁴¹.

Percebe-se que se está situado em um campo de ascese espiritual, em que poucas pessoas conseguem adentrar, independente de opção religiosa. No entanto, o trabalho é voltado para a originalidade do misticismo produzido em João da Cruz e as consequências repercutidas a seu tempo, contribuindo para que houvesse a reforma da sua Ordem.

Infere-se que a mística não é uma condição única do cristianismo, sendo registrada na literatura bem antes de Cristo. No entanto, no presente trabalho, serão usados exclusivamente os conceitos relacionados ao cristianismo, pois, só então, se pode fazer um paralelo com a vida e obra de João da Cruz. Nesse contexto, João da Cruz afirma que explicar sobre a união com Deus é algo difícil, pois só quem passa por ela é que a compreende. Então, muitos pesquisadores se aventuram a adentrar mais profundamente no interior labiríntico da mística, no entanto, este fenômeno que envolve o intelecto e o espiritual só é profundamente invadido por quem o vive. Por tal fato, concorda-se com Velasco (1999, p. 10), quando afirma sobre o místico:

Seja qual for a compreensão da mística, os místicos se apresentam em todas as tradições como especialistas, os "virtuosos" da experiência religiosa e quem melhor pode nos contar o segredo da religião⁴².

Nesta circunstância, Lima (2015, p. 105), converge com Velasco (1999), ao afirmar que a literatura dos autores místicos é algo impreciso, devido às múltiplas possibilidades de se compreender o que se está sendo dito:

⁴¹ “[...] es la transcripción del término griego *mystikos*, que significaba en griego no cristiano lo referente a los misterios (*ta mystika*), es decir, las ceremonias de las religiones místicas en las que el iniciado (*mystes*) se incorporaba al proceso de muerte-ressurrección del dios propio de cada uno de esos cultos” (Velasco, 1999, p. 19).

⁴² “Sea cual sea la comprensión de la mística, los místicos se presentan en todas las tradiciones como los especialistas, los «virtuosos» de la experiencia religiosa, y quienes mejor pueden manifestarnos el secreto de la religión” (Velasco, 1999, p. 10).

As linguagens da Mística e da Literatura partilham a mesma base: a metáfora, [...] é importante lembrar que esse é um espaço bastante escorregadio e isso se dá pelo fato de qualquer tipo de mística não admitir interpretações definitivas.

A mesma autora afirma que a mística, em nenhum momento é esgotada, pois é passiva de muitos significados. Assim, entende-se que os escritos místicos são fontes que não têm fim, apesar da tentativa dos autores de esclarecê-la com precisão, como o fez João da Cruz. Em suma, se for estabelecida uma cronologia sobre a mística cristã, se verá que está presente na Igreja desde o seu início, porém, é citada na Bíblia sob o termo “perfeição”, ou seja, a mística pode ser entendida, como declara Teresa em sua obra, como “caminho de perfeição”. Neste sentido, o próprio Cristo usa tal termo, quando dialoga com o jovem rico que queria saber o que deveria fazer de bom para ganhar a vida eterna: “Se queres ser perfeito, vai vende teus bens e dá aos pobres” (Mateus 19, 17-21). Ao analisar a expressão “ser perfeito” dita por Cristo, a mesma faz menção a estar unido a Deus, o que é impossível de explicar, sendo um mistério. Assim sendo, o vocábulo “perfeição” é análogo à mística, isto é, ao mistério e ao segredo religioso. Sem demora, a perfeição cristã é o ápice da união mística e, por isso, será usada tanto uma, quanto outra palavra, sempre com o mesmo sentido.

4.1 A MÍSTICA E A SUA RELAÇÃO COM O CORPO

Ainda sobre a força da mística cristã no princípio da Igreja, no Novo Testamento, Paulo de Tarso afirma que a Igreja pode ser entendida como um “corpo místico”, sendo que o povo são os membros e Cristo é a cabeça do corpo. Os seguidores desta instituição acreditam, então, que pelo batismo, são membros do corpo místico e que é a Santíssima Trindade que o dirige:

Pois, como em um só corpo temos muitos membros e cada um dos nossos membros tem diferente função, assim nós, embora sejamos muitos, formamos um só corpo em Cristo, e cada um de nós é membro um do outro. (Romanos 12, 4-5).

Conseqüentemente, pode-se perguntar: então todos os membros da Igreja que se dispõem a seguir a Cristo, fazem parte deste corpo? E a resposta, apesar de parecer meio pretenciosa, segundo Tanquerey (1948), é: não! Neste sentido, o autor afirma -

exclusivamente sob a ótica cristã e seus princípios⁴³ - que somente os justos da Terra, as almas do purgatório e os santos, fazem parte de tal corpo, sendo que todos os pecadores e não cristãos são chamados a sê-lo, deixando subentendido que todos podem fazer parte do corpo, uma vez que queiram, porém, devem procurar ser santos, ou seja, viver de modo condizente com o que é proposto na Sagrada Escritura e na tradição da Igreja. Então, na perspectiva católica, para ser membro do “corpo místico”, há de se viver com o coração em Deus e em comunhão com a Igreja de Cristo. É evidente que para fazer parte do “corpo místico”, a maior regra que é solicitada e a princípio parece ser muito sutil, consiste no primeiro mandamento da Lei de Deus (Exôdo 20, 1-17), transmitida a Moisés e que Jesus a cita: “Amarás a Deus sobre todas as coisas [...] amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Nesses dois mandamentos se resumem toda a lei e os profetas” (Mateus 22, 37-40). Logo, para os cristãos, nisso se constitui a verdadeira perfeição, ou seja, na virtude da caridade que pode ser referida como o amor: Caridade=Amor.

Como a palavra amor será muito utilizada neste tópico do trabalho, viu-se a necessidade de explicar um pouco melhor sobre o conceito de amor que aqui será abordado. Segundo Quadros (2011), desde o mundo grego até o cristianismo, existem “três principais acepções do Amor: *Eros*, *Fília* e *Ágape*. Comumente, relacionamos o primeiro ao amor sexual; o segundo à amizade e o último a um amor espiritual”. No itinerário da união mística entre Deus e a alma, pode-se afirmar que o amor passa pelos três tipos, sucessivamente, iniciando pelo *Eros*, no desapego às coisas supérfluas e às paixões, passando pelo *Fília*, em que a alma se desprende de tudo o que a cerca para se unir ao amado e, finalmente, chegando ao *Ágape*, em um estado unitivo com Deus, também chamado de êxtase.

Então, para atingir o estado de perfeição, seria preciso amar muito, ou seja, incondicionalmente, contudo, mesmo o ser humano sendo constituído por uma natureza imperfeita, é através do corpo e amor falho, que se chega a Deus. Nesse sentido, a mística usa das figuras do amor humano para falar de Deus. Nesse sentido, concorda-se com o Papa Bento XVI em sua Encíclica “*Deus caritas est*” (2006, p. 38), em que ele afirma sobre a relação do sofrimento-doação com o amor:

⁴³ Temos aqui um dos principais problemas do catolicismo: Roma coloca-se como única detentora da verdade metafísica, um problema teleológico.

[...] também o 'sim' ao amor é fonte de sofrimento, porque o amor exige sempre expropriações do meu eu, nas quais me deixo podar e ferir. O amor não pode de modo algum existir sem esta renúncia mesmo dolorosa a mim mesmo, senão torna-se puro egoísmo, anulando-se deste modo a si próprio enquanto tal.

Por isso, o que aparentemente é fácil, aos poucos se torna ímprobo. Para tanto, o próprio Cristo diz que para segui-lo, na via do amor, é necessário tomar a cruz e renunciar a si mesmo e às más tendências. Em sequência, infere-se que para amar, é necessário se sacrificar. Assim como uma mãe perde noites de sono pelo filho, a renúncia no caminho de perfeição exige algo muito maior que o amor que a mãe possa ter, pois é um amor que requer a renúncia total de si mesmo, como será exposto ao longo deste capítulo, em que João da Cruz explica tão detalhado como acontece o “consumir-se no Amado”, mesmo na escuridão da noite da alma. Nestas circunstâncias, para Foucault⁴⁴ (2006, p. 304),

O ascetismo cristão afinal tem como princípio fundamental que a renúncia a si constitui o momento essencial que nos permitirá aceder à outra vida, à luz, à verdade e à salvação. Só pode salvar-se quem renunciar a si.

Por este ângulo, existe uma ambiguidade na ideologia cristã, em que o amar é aniquilar-se e é nisto que consiste a totalidade do caminho místico. Foi falado por repetidas vezes, sobre o amor e o verbo amar, mas não se pode deixar de citar a fonte que faz emanar essa mística que é capaz de levar o homem ao estado íntimo de união. Para os místicos, o que os move é, seguramente, o amor que está bem representado em três palavras: Deus é amor “*Deus caritas est*” (Jo 4, 8-16). Por conseguinte, amar a Deus é amar ao próximo, e nisto constitui a verdadeira perfeição. É este amor que fez com que João da Cruz fosse capaz de aceitar, com tanta serenidade, sua prisão em Toledo, sem murmurar, sem maldizer, que o fez ainda suportar as perseguições dos seus confrades e as amarguras da doença e dos maus tratos perto de sua morte. É o amor que permitiu com que ele e Teresa fundassem o Carmelo Descalço, para que os outros religiosos do convento também pudessem ter essa experiência. Era o amor que fazia com que ele se penitenciasse e deixasse de lado o bom gosto da comida, além de focar no desconforto de sua cela, para viver

⁴⁴ Deve-se levar em conta que o autor Paul Michel Foucault (1926-1984), se diferencia dos demais autores mencionados até agora na referência bibliográfica, pois era ateu assumido, com isso, sua palavra atribui maior credibilidade ao presente trabalho, não correndo o risco de nos atermos somente a visões apologéticas sobre o tema, garantindo um viés mais crítico ao trabalho.

somente com o que lhe era necessário, o que permitia que seu corpo e mente, pouco a pouco, fossem privados de qualquer consolo, bem-estar e relaxamento, estando em uma constante ascese espiritual para não se perder de Deus, mesmo que isso lhe custasse a rudeza de muitos de seus companheiros que não estavam dispostos a viver assim.

Todavia, como cita Agostinho, “Só se pode amar o que conhecemos”, não tem como amar o que nos é desconhecido. Sem embargo, para se inteirar a Deus, segundo Tanquerey (1948, p. 252), é preciso, antes de tudo, se conhecer, uma vez que o homem, segundo a doutrina católica, é imagem e semelhança de Deus. Para isso, existem diversos métodos e espiritualidades de autoconhecimento na Igreja que ajudam o fiel a entender o seu temperamento, o seu corpo, as suas reações, dentre tantas outras particularidades. Ademais, para se familiarizar um pouco mais sobre Deus, o mesmo autor afirma que estudar teologia e filosofia, realizar meditação e oração, além de procurar ver a Deus em todas as coisas, aproxima mais a pessoa a Ele. Já Foucault (2006, p. 310-311), sobre o conhecer a Deus, para entender a si próprio, no modelo cristão, antes de tudo, o primeiro passo deve ser o domínio da Sagrada Escritura (texto), pois nela há uma “verdade” e “revelação” que propicia a purificação do coração do homem, como se pode ver bem sintetizado a seguir:

[...] o conhecimento de si está ligado, de modo complexo, ao conhecimento da verdade tal como é dada no Texto e pela Revelação [...] no cristianismo, este conhecimento de si é praticado através de técnicas cuja função essencial consiste em dissipar as ilusões interiores, reconhecer as tentações que se formam no próprio interior da alma e do coração, assim como frustrar as seduções de que podemos ser vítimas. E o método, para tudo isto, é o da decifração dos processos e movimentos secretos que se desenrolam na alma, dos quais é preciso apreender a origem, a meta, a forma. Necessidade, portanto, de uma exegese de si.

Consoante com o capítulo I deste trabalho, João da Cruz conhecia a Sagrada Escritura de cor, sendo que era o seu único material em sua cela. Por consequência, cita trechos bíblicos em todos os seus tratados explicativos, além de usar figuras e metáforas bíblicas em seus poemas, como por exemplo, a figura do Amado no poema “Noite Escura” que pode ser relacionada a trechos do livro “Cântico dos Cânticos”, do Antigo Testamento.

Retomando à perfeição na vida cristã, tão almejada e exposta vivamente na obra de João da Cruz, em especial, os primeiros que são chamados a vive-la são os

religiosos consagrados nos monastérios e o presbiterato, porém, é uma condição que todo o “corpo místico da Igreja” é convidado a segui-la. Para tanto, estão explícitas as orientações que conduzem à perfeição de vida, dispostas no Código de Direito Canônico⁴⁵:

A vida consagrada pela profissão dos conselhos evangélicos é uma forma estável de viver, pela qual os fiéis, seguindo mais de perto a Cristo sob a ação do Espírito Santo, consagram-se totalmente a Deus sumamente amado, para assim, dedicados por título novo e especial a sua honra, à construção da Igreja e à salvação do mundo, alcançarem a perfeição da caridade no serviço do Reino de Deus e, transformados em sinal preclaro na Igreja, preanunciarem a glória celeste. (Código de Direito Canônico, 1992, p. 86).

Ao falar da busca pela perfeição na vida consagrada, não se pode deixar de citar Teresa de Jesus, uma das maiores representantes da mística católica e grande aliada de João da Cruz na tarefa de reformar o claustro carmelita. Vivendo em condição de intensa entrega à perfeição e ao passar já pelo tão conhecido “matrimônio espiritual”, fez uma declaração muito forte para o Amor. Na ocasião, diz, em poucas palavras, que desejava ter um amor puro e gratuito para com Deus, não se atendo ao temor de ir para o inferno ou para o céu, como muitos cristãos têm medo. Mostrando um amor desinteressado e puro, revela que o ser humano, em estado de união com Deus, pode ser livre, a tal ponto de amar só por amar, porque é amado:

Se Vos amo, Senhor, não é pelo céu que Vós me tendes prometido; se temo ofender-Vos, não é pelo inferno com que seria ameaçada; o que me atrai para Vós, Senhor, sois Vós, somente Vós; e ver-Vos cravado na cruz, o corpo pisado, nas ânsias da morte. E o vosso amor a tal ponto se apoderou do meu coração que, ainda quando não houvera céu, eu Vos amara; ainda quando não houvera inferno, eu Vos temera. Vós não tendes que me dar coisa alguma, para provocar o meu amor; pois que, ainda quando não esperara o que espero, Vos amara como Vos amo. (Tanqueray, 1948, p. 206).

Atrelados à conjuntura que mostra duas almas que viveram em extremo amor, percebe-se que a escola carmelitana do século XVI, ainda dá sentido à busca de uma vida mística, baseada na simplicidade do amor, pois, até hoje, quem pode visitar um convento do Carmelo Descalço, poderá verificar que, embora existam erros e dissabores (comuns do ser humano), permanece, na rotina diária daqueles que lá

⁴⁵ O Código de Direito Canônico é um documento que regula a organização da Igreja e as suas respectivas normas jurídicas.

moram, a intenção de santificar todas as ações, até as mais comuns, pois, baseados no espírito dos reformadores, durante o cotidiano, é possível praticar muitas ações de amor para/e em Deus. No entanto, se faz necessário sobrenaturalizar cada ação, mas, para que isso aconteça, se o coração não estiver no amor, tudo passa despercebido e as pequenas tarefas que poderiam ser meios para estar em Deus, se tornam apenas parte da rotina, perdendo o seu principal foco.

Ambientados na teoria singela do amor, é relevante pontuar que as visões e êxtases dos santos, segundo Tanquerey (1948), são apenas acessórios, não constituindo santidade, pois, como está sendo elucidado no trabalho, fazer a vontade de Deus é mais seguro e mais prático do que viver fenômenos extraordinários como levitação, visões ou coisas parecidas. Assim, esta é a melhor via para amar, porém, em conformidade com Tanquerey (1948, p. 196), “Ninguém pode amar senão imolando-se”, por isso, o amor puro e desinteressado é algo tão difícil e conquistado por poucos, mas, ao mesmo tempo, distintamente, é fácil e claro, pois se concentra em fazer a vontade de Deus, que é uma continuidade do amor por Ele.

Neste “louco amor”, segundo Stein (2014), o misticismo joãocruciano pode ser nomeado como “doutrina da cruz”. Logo, quem lê a obra de João da Cruz, depara-se com uma fonte inesgotável de argumentos que convidam o leitor a deixar seus apetites, sentidos corporais e o seu próprio querer, para se tornar livre de si mesmo, vivendo somente do Absoluto (o Amor), que é encontrado no sofrimento e na cruz das pequenas vivências do cotidiano, sem falar que foi nesse ardor que as primeiras comunidades do Carmelo reformado se estruturaram.

Na conjuntura do século XVI, a austeridade proposta em João da Cruz consigo mesmo e refletida em sua obra, provocou grande movimentação no Carmelo, além de repercutir certa contradição nos motivos das revoltas contra a Igreja daquele período: de um lado, havia uma denúncia, a partir da Reforma Protestante, principalmente sobre o desleixo da vida espiritual dentro da Igreja que vinha sendo desfigurada. Doutro modo, o misticismo, neste momento, foi a resposta para tais problemas, além de ser a força impulsionadora que motivou as “pequenas grandes” reformas dentro das Ordens religiosas, levando à busca pela intimidade com Deus. Para tanto, Vigarello (2005, p. 54), afirma:

Alguns vão encontrar na mortificação uma saída para suas inquietações existenciais; cada dia, eles supliciam seu corpo e fazem dele o instrumento de uma via-sacra, fascinados que são pela paixão do Redentor.

Se a Reforma Protestante enxergava os erros de todo um período, o movimento de misticidade, timidamente, reforçava e renovava a espiritualidade dentro das Ordens religiosas, gerando a força para a Igreja superar aquele momento com sabedoria e rever o que estava acontecendo. Nesse sentido, a questão do corpo está estritamente relacionada ao misticismo, uma vez que, por meio dele e ao mesmo tempo, contra ele, o corpo é o meio para se chegar a Deus. A relação do corpo e alma é discutida desde os filósofos clássicos, Platão e Aristóteles, porém, no misticismo cristão, a alma é tudo aquilo que o corpo não é, por isso os místicos passam do amor *Eros* para o *Fília* e o *Ágape*. Como consequência, em João da Cruz, o corpo também será um dos fatores responsáveis para o encontro com o Inefável. Logo, Vigarello (2005, p. 53), aponta:

O místico vive de maneira permanente uma dupla relação com o corpo divino. Pela comunhão, ele o assimila; por seu desejo de partilhar os sofrimentos do Redentor, ele aspira fundir-se ou incorporar-se no corpo divino. Se o corpo é o principal obstáculo para chegar a Deus, ele pode também ser o meio de operar sua salvação. O ideal ao qual se aspira não é reviver a paixão de Cristo através dos sofrimentos e dos ultrajes sofridos?

Assim, a experiência em abandonar o que era supérfluo ao corpo, para enchê-lo somente da graça de Deus, foi a radicalidade que naquele momento necessitava acontecer. Sobre a relação do corpo com o misticismo em João da Cruz, Certeau (2015, p. 130), aponta:

O corpo não constitui aqui uma região estranha de onde importar comparações no texto. Como a língua, ele é movido pelo começo poético. Improvisações sobre um motivo dado, as 'canciones' carregam o dizer. Mas o mesmo fervor inspira João da Cruz outras danças, que carregam o corpo.

Ou seja, o corpo assume uma dupla relação com Deus: criado por Deus, é o motivo dos pecados dos homens, visto como a causa do afastamento de Deus. Segundo Vigarello (2005, p. 81): "Eis uma 'felicidade' à qual não se resiste: o caminho da eleição triunfa dos abismos do corpo". No entanto, é o meio para o encontro com Deus, através de refreações dos sentidos e oferecimento a Deus das provações morais e carnis que fazem o corpo sofrer, mas que aproxima o homem ao Inefável.

Como aponta Vigarello (2005, p. 56), "A ascese é cada vez mais considerada, a partir do final do século XVI [...] vai permitir ao místico assemelhar-se a Cristo, pela fusão de seu corpo no corpo dele". Com efeito, o leitor da obra joãocruciana será

persuadido à uma ascese mística, voltada para a contemplação e a oração, tendendo a mergulhá-lo nesta união de dois seres, o divino com o humano, por conseguinte, o corpo é o instrumento para se chegar ao fim, que é Deus.

Para tanto, a “doutrina da cruz” como Stein (2014), chama a mística idealizada e vivida pelo santo reformador do Carmelo, arrastou e ainda atrai um número considerável de pessoas que enxergam nela, um meio para estar em Deus. No entanto, como o próprio título já diz, para que haja essa “fusão” do corpo com o sagrado, muita aridez, tempos difíceis e provações a pessoa passará, se estiver disposta a fazer parte da “escola da cruz”.

Em síntese, o inaugurador da “metáfora da cruz”, o próprio Cristo, não hesitou, segundo os relatos bíblicos, de padecer e oferecer a Deus cada pequeno martírio do corpo. No entanto, foi tal movimento de ascese mística, em fins do século XVI, mas já bem fundamentado com a “*Devotio Moderna*” como apontado nos capítulo 1, que proporcionou um movimento de alavanque da Igreja na conjectura da Reforma Protestante, suscitando as grandes personalidades, como citado no capítulo II, a também reformar a vida no interior da Igreja, através do exemplo, do silêncio e da oração, além de motivar, pelo testemunho, e não só por palavras, uma multidão de religiosos e adeptos que se configurariam com tal espiritualidade.

4.2 O MISTICISMO NO POEMA “NOITE ESCURA”

Propriamente na obra joãocruciana, na retórica do “deixar-se conduzir pela cruz”, construída ao longo do discurso do autor, será feita uma análise pessoal do poema, em que serão apontadas as partes entendidas como mais pertinentes na explicação do comentário em prosa intitulado “Subida do Monte Carmelo”. Para isso, é imprescindível a leitura do poema “Noite Escura”:

Noite escura

1- Em uma noite escura
De amor em vivas ânsias inflamada
Oh! Ditosa aventura!
Saí sem ser notada,
Estando já minha casa sossegada.
2- Na escuridão, segura,
Pela secreta escada, disfarçada,
Oh! Ditosa aventura!

Na escuridão, velada,
 Estando já minha casa sossegada.
 3- Em noite tão ditosa,
 E num segredo em que ninguém me via,
 Nem eu olhava coisa alguma,
 Sem outra luz nem guia
 Além da que no coração me ardia.
 4- Essa luz me guiava,
 Com mais clareza que a do meio-dia
 Aonde me esperava
 Quem eu bem conhecia,
 Em lugar onde ninguém aparecia.
 5- Oh! Noite, que me guiaste,
 Oh! noite, amável mais do que a alvorada
 Oh! Noite, que juntaste
 Amado com amada,
 Amada, já no amado transformada!
 6- Em meu peito florido
 Que, inteiro, para ele só guardava,
 Quedou-se adormecido,
 E eu, terna o regalava,
 E dos cedros o leque o refrescava.
 7- Da ameia a brisa amena,
 Quando eu os seus cabelos afagava,
 Com sua mão serena
 Em meu colo soprava,
 E meus sentidos todos transportava.
 8- Esquecida, quedei-me,
 O rosto reclinado sobre o Amado;
 Tudo cessou. Deixei-me,
 Largando meu cuidado,
 Por entre as açucenas olvidado.
 (Cruz, 1998, p. 135-136).

Ao iniciar a análise do poema, faz-se uso do pensamento de Certeau (2015, p. 127), em que afirma: “O poema de João da Cruz se terminará como se morre, depois de muitas viagens”. Neste sentido, já se pode verificar que as “muitas viagens” que o poema proporciona é uma característica da boa literatura. Ademais, o mesmo autor enfatiza sobre a singularidade do poema joãocruciano: “Ele sacraliza o poema” Certeau (2015, p. 129). Ou seja, o poema de João da Cruz é, além de literário, sagrado, pois assim o autor o quis, ao deixar transparecer o auto sentimento de amor e sua “alma sponsal” para com Deus. Pelos apontamentos em Certeau (2015), já se pode ter uma noção da riqueza desta obra canônica da literatura universal. Nesse sentido, o poema joãocruciano, ao produzir as “muitas viagens”, atualizam a riqueza do gênero literário, expressando, com singularidade, a personalidade e as emoções de João da Cruz, além de provocar várias interpretações nos leitores, a cada leitura.

Na composição do poema, o autor utiliza como recurso linguístico, a presença de antíteses nos versos, como noite-dia, escuridão-luz, noite-meio-dia, o que causa um sentimento de contrariedade em seu público. Entende-se que tal método foi usado com a intenção de remeter o leitor às fases espirituais místicas que envolvem a alma, porém, o seu objetivo maior é revelar o caminho para a união com Deus. Como Stein (2014, p. 95), menciona, a meta do autor ao escrever a “Subida do Monte Carmelo” não era elaborar um tratado de mística, ou se mostrar como um artista ou filósofo, mas, “evocando a experiência interior que expressara em seus versos, procurou traduzir as imagens por meio de um pensamento conceitual”. Evidentemente, os registros joãocrucianos foram pontuais para conceituar, na matriz católica, como se dá o processo da união da alma com o Inefável, sendo explicações ainda muito utilizadas, na contemporaneidade, como fonte de estudo, principalmente no campo teológico e filosófico.

Conforme apontado em Certeau, ao sacralizar o poema, este se torna uma extensão do amor ao Sagrado, ou seja, no poema há um sinal do Sagrado, quer o leitor seja ascético ou não. Logo, segundo Cruz (2010, p. 25), “O tema central de João da Cruz é a comunhão com Deus, a liberdade humana, a santidade, a fusão, porquanto seja possível nesta vida, com Deus, para que nele sejamos um”. Assim, no poema, há, intrinsecamente, um misticismo em que a alma, enamorada por Deus, vive loucuras e dores para se encontrar com o Amado. Ambientados na conjuntura mística do poema joãocruciano, segue adiante a análise pessoal do poema. Para isso, o mesmo será dividido em estrofes com o intuito de melhor observá-lo.

1- Em uma noite escura
De amor em vivas ânsias inflamada
Oh! Ditosa aventura!
Saí sem ser notada,
Estando já minha casa sossegada.

Nos dois primeiros versos “Em uma noite escura De amor em vivas ânsias inflamada”, o autor faz a entronização do poema, ao mostrar que em um cenário escuro e com dificuldades de enxergar alguma coisa, pois está em meio à escuridão, o amante, em “ânsias inflamada”, ou seja, ansioso, cheio e repleto da graça de Deus, não consegue se conter em si e sai à procura do Amado. Aos poucos, é revelado, que o amante só sairia na noite escura dos sentidos, se muito inflamado de amor estivesse, por isso, “era mister outro maior incêndio de mais excelente amor, que é o

de seu Esposo” (Cruz, 1998, p. 183). Tal incêndio que ocorre na alma, entende-se que é a força que move o místico, que não mais mede esforços para não pecar, pois não quer mais se perder de Deus. É este impulso que consegue fazer com que a pessoa passe por grandes momentos de tribulação, dores e aniquilamento e consiga superar tudo isso - como os mártires, por exemplo - pois já está em um elevado nível místico e o movimento exterior não a desestabiliza.

Nota-se que para a alma chegar a entrar “Em uma noite escura”, a mesma já deverá estar em um avançado estado espiritual, uma vez que a noite só acontece para aqueles que tiveram uma intensa relação com Deus. Infere-se, então, que antes de chegar à noite, a alma já sentiu Deus, ou seja, em um primeiro instante, teve seu encontro pessoal com o sagrado, através de uma oração, uma leitura, uma vivência ou um momento. Pode-se dizer que já houve uma relação anterior com Deus, pois a noite é entendida como a maturação na espiritualidade, até mesmo porque quando está na noite, já não é possível se entregar a sentimentos, pois estão submetidos ao abandono em Deus.

Além da alma estar inflamada para conseguir entrar no estágio da primeira noite, na primeira estrofe, a pessoa passa por um momento difícil, durante a noite escura, pois, na escuridão, não se pode enxergar com clareza. Além disso, ao deixar a sua morada, ninguém nota a sua ausência “Saí sem ser notada”. Neste trecho, o fato de ninguém notar a sua saída, se dá, por ter, a alma, só ela, condições de se encontrar com Deus, o Amado; uma vez, que aos olhos humanos, é algo inviável de se enxergar, pois o encontro da alma com Deus, segundo Duque (2000), é um mistério, envolto em um segredo místico, portanto, só quem o vive terá a percepção desse momento.

2- Na escuridão, segura,
Pela secreta escada, disfarçada,
Oh! Ditosa aventura!
Na escuridão, velada,
Estando já minha casa sossegada.

Na segunda estrofe, em suma, “Na escuridão, segura”, o eu lírico revela que a obscuridade, de acordo com Stein (2014), não é somente um obstáculo, um tempo difícil, mas, sim, um estado seguro e uma graça, sendo que todo o misticismo de João da Cruz aponta para tal caminho. Sabe-se que a escuridão é uma “segurança” para a alma que busca a Deus, pois é o anúncio de que a mesma está no caminho correto

que a levará à união. Em outras palavras, a escuridão da alma é uma forma de garantir que ela está em Deus e que já começou a deixar os sentidos mortificados, pois em tal estágio, não é necessário “sentir” a Deus, mas é a fé que faz com que a pessoa siga em frente. Nesta fase, a virtude da fé age na faculdade do entendimento, por isso é possível ir abandonando os sentidos e os apetites por meio do esquecimento em Deus. Por outras palavras, entende-se, que passar pela noite é uma dádiva, uma vez que a alma está mais íntima de Deus. Mas, para estar em Deus, é preciso subir os degraus da escada da espiritualidade, “Pela secreta escada, disfarçada”, ou seja, é uma referência às etapas que a alma tem que passar para estar com Ele. Os termos escada/degraus foram metáforas muito usadas por João da Cruz e, principalmente, por Teresa de Jesus, aludindo aos degraus da perfeição que o homem pode subir para alcançar o topo, que é Deus.

No trecho “Estando já minha casa sossegada”, para a alma poder unir-se a Deus, antes, ela que é a própria casa, deve se sossegar, ou seja, abandonar as coisas exteriores e interiores que a distrai, para se encher só de Deus. Segundo Duque (2000, p. 99), “Essa noite (entendamo-la em toda a sua largura) é absolutamente necessária de atravessar para chegar ao dia”. Convergindo para o mesmo sentido, Oliveira (2012, p. 791), afirma que “A noite escura será o símbolo escolhido para o necessário abandono do sensível e do inteligível, de modo que se possa aceder ao lugar onde habita a divina deidade: o Monte Carmelo”. Sob o mesmo raciocínio, Stein (2014, p. 117), sobre o trecho “Na escuridão, velada”, revela que o homem, já em um estado de liberdade interior, é conduzido como um cego, a caminhos antes nunca encontrados, tendo sua vida guiada por Deus. A autora chama tal etapa de “sabedoria escura”, pois:

No sofrimento, a alma recebe força de Deus, ao passo que no agir e gozar põe à mostra suas fraquezas e imperfeições. Ademais, no sofrimento, vão sendo exercidas e adquiridas as virtudes, e a alma vai-se purificando e se tornando mais cautelosa e sábia. Mas a causa principal da segurança é a própria sabedoria escura.

João da Cruz (1998), no comentário em prosa do poema, revela que a primeira estrofe está relacionada à primeira das três noites que a alma deve passar para entrar na união com Deus, e que a leva a abandonar os seus apetites, no entanto, ainda se encontra em ânsias pelo amado, ou seja, os sentimentos ainda movem a alma. Já na segunda estrofe, não há mais sensações e ocorre a negação das potências da alma,

que são entendimento, memória e vontade, e a alma vive agora, puramente à luz da fé. Além disso, o autor sai da noite escura da primeira estrofe para a escuridão mais densa da segunda, embrenhando-se por uma via que não possibilita enxergar nada. Como afirma Cruz (1998, p. 186): “[...] a escuridão é mais sombria que a noite; por mais escura seja a noite, todavia algo se distingue, enquanto na escuridão nada se vê”. E é na segunda noite que alma tem horror ao pecado mortal, pois não quer mais voltar ao estágio anterior, pois está mais próxima da união mística, como está exposto nos tópicos a seguir deste capítulo.

3- Em noite tão ditosa,
E num segredo em que ninguém me via,
Nem eu olhava coisa alguma,
Sem outra luz nem guia
Além da que no coração me ardia.

Na terceira estrofe, o termo noite já aparece como “Em noite tão ditosa”, pois, apesar de escura e velada, a provação no misticismo joãocruciano é entendido como uma graça dada por Deus, para fazer sofrer o corpo e para uni-lo a Ele, por isso é chamada de ditosa. No trecho “E num segredo em que ninguém me via”, é uma ventura que fica escondida, pois só quem passa por ela, sabe qual é a sensação, sendo impossível outra pessoa enxergá-la. Além disso, o autor enfatiza que a luz que o guia na escuridão é a mesma que arde no coração.

No trecho “Nem eu olhava coisa alguma”, entende-se que nada mais interessa à alma, senão Deus, o que parece claro que o interesse pelas coisas desta vida já não tem sentido, por isso o criado é visto como algo bem inferior ao Criador e o olhar é somente para Deus, sendo possível deixar de lado o apego a si e às coisas. Já em “No coração me ardia”, é o ardor do fogo do amor de Deus que faz a alma prosseguir adiante e dá direção para o caminhar. O trecho “Sem outra luz nem guia”, evidencia o estado avançado que a alma se encontra com Deus, em que Ele é, por exclusividade, a única fonte de luz e força da alma.

4- Essa luz me guiava,
Com mais clareza que a do meio-dia
Aonde me esperava
Quem eu bem conhecia,
Em lugar onde ninguém aparecia.

Estando exclusivamente dentro da cultura católica, particularmente, esta é a estrofe ápice e com maior beleza, pois a sacramentalidade impregnada nela, resume

toda a ideologia do autor: agora “Essa luz que me guiava com mais clareza que a do meio-dia”, ou seja, a iluminação mais forte, o leva para o lugar que “me esperava quem eu bem conhecia”, logo, quem o aguardava era o Tudo, o Inefável, o Amor, aquele que pode preencher a alma pois, de outra forma, a pessoa não iria se atrever a entrar na escuridão e na dor, se não fosse para não se unir a Ele. É importante retomar, ainda na quarta estrofe, o que foi exposto no tópico anterior deste capítulo, em que é exposto a importância da pessoa conhecer a si e a Deus, “quem eu bem conhecia”, sendo uma primícia para a união mística, o entendimento do Sagrado.

O autor ainda deixa claro, que tal união se dava “Em lugar onde ninguém aparecia”, pois, abandonando os sentidos, os apetites e as consolações desta vida, nada, nem ninguém mais, poderia ocupar o lugar que estava reservado para Deus. Em outras palavras, é a descrição exata do ponto em que acontece a união mística, sendo o grande instante e ao mesmo tempo, se revelando como o momento atemporal luminoso do encontro da alma, que ao conhecer bem a quem ama e em um lugar único e solitário, pois é destinado só aos dois, se depara com o Amado que a aguardava.

5- Oh! Noite, que me guiaste,
Oh! noite, amável mais do que a alvorada
Oh! Noite, que juntaste
Amado com amada,
Amada, já no amado transformada!

Chegando ao meio do poema, no trecho “Oh! noite, que me guiaste”, a noite aparece como o meio que leva à união, por isso ela é “Oh! noite, amável mais do que a alvorada”, porque através dela, a alma recebeu muito mais do que se estivesse na simplicidade da luz do cotidiano. Através do trecho “Oh! Noite que juntaste Amado com amada”, confirma-se a tese de que a noite seja o processo para a união, contudo, o termo também pode ser substituído pela palavra purificação, sinônima de purgação, logo, não é um percurso simples, mas sim, um trilhar em vias sacrificantes.

Em seguida, no trecho “Amada, já no amado transformada!”, o autor revela, que a alma (a amada), já está no amado, pois, a união mística já ocorreu e, por consequência, a amada está transformada, levando a entender que acontece uma grande mudança na alma até a união, pois teve que ser remodelada, implicando em bruscas alterações, por isso se fala que a união leva à renúncia de si mesmo.

6- Em meu peito florido
 Que, inteiro, para ele só guardava,
 Quedou-se adormecido,
 E eu, terna o regalava,
 E dos cedros o leque o refrescava.

Em plena alegria, pela união da alma com Deus, no trecho “Em meu peito florido”, representa o momento de deleite, marcado pelas delícias de estar no amado. Já no trecho “Que inteiro, para ele só guardava” era a alma que só para o Amado se guardava, pois não deu abertura para que as criaturas ocupassem o lugar que estava reservado para o Criador. Posteriormente, em “Quedou-se adormecido”, representa o repouso da alma em Deus, ou seja, colocar-se nele, em um estado espiritual que só quem o vive, pode mensurá-lo. Ainda no trecho “E eu, terna o regalava, e dos cedros o leque o refrescava”, é a exposição de como a alma permanece durante a união mística, entendida, sob a palavra regalava, como um momento de extremo prazer recíproco, em que acontece intensa troca de carinhos. Por tal viés, se entende que esta descrição amorosa entre amada e amado é o apogeu da união, também chamado por Teresa de Jesus como “matrimônio espiritual” ou também conhecido como êxtase.

7- Da ameia a brisa amena,
 Quando eu os seus cabelos afagava,
 Com sua mão serena
 Em meu colo soprava,
 E meus sentidos todos transportava.

Com trocas de carícias próprias de pessoas apaixonadas, “Quando eu os seus cabelos afagava”, representa a alma levando ao amado o seu carinho. No auge da união, o autor cita “meus sentidos todos transportava”, pois nada nesta Terra é capaz de compreender tamanha relação de intimidade, sendo a pessoa que passa por tal estágio, acaba por ser transportada de tudo o que os sentidos podem captar. Entende-se que a incompreensão mística dos sentidos é o que Certeau (2015, p. 136), retrata como o êxtase ou também como um sonho: “No entanto, o sonho deve rearticular-se em um trabalho histórico, por um movimento que especifica a atitude mística e a diferencia da poética”.

8- Esquecida, quedei-me,
 O rosto reclinado sobre o Amado;
 Tudo cessou. Deixei-me,
 Largando meu cuidado,
 Por entre as açucenas olvidado.

Na oitava estrofe, “Esquecida, quedei-me”, o autor revela que ignora a si mesmo, estando todo no Amado. Agora, porém, em tal estado de união mística, de abandono do corpo e dos sentidos, todo o sofrimento, “Tudo cessou”, podendo ser incluído nesse tudo, todas as dores e as renúncias, ambientadas na união que a alma se encontra, não causam mais danos à pessoa. No trecho “Largando meu cuidado”, a alma ao estar abandonada no amado, já é cuidada pelo próprio Deus e não depende mais de consolações humanas.

Infere-se que na última estrofe, a alma já alcançou o estágio da terceira noite, que é reservada a pouquíssimas almas, nesse ínterim, de acordo com Stein (2014), sendo este o estado místico mais elevado de união com Deus, concentra-se no despertar da aurora, ou seja, na extrema luz, após ter passado pela assombrosa noite escura, pois, ao dizer “Tudo cessou. Deixei-me”, a pessoa não precisa mais se preocupar com nada, podendo simplesmente se deixar abandonar em Deus. Por tais razões, o trecho “Por entre as açucenas olvidado”, revela que estando em união, a alma esquece-se de si mesma, fica no meio das açucenas e se delicia do momento de gozo espiritual.

Em seguida, será averiguada a retórica utilizada pelo autor, que tem como intenção, persuadir o leitor à união com Deus, através do comentário do poema “Noite escura”, chamado de “Subida do Monte Carmelo”, dividido em três livros e que serão os próximos tópicos deste capítulo. Para convencer o leitor a trilhar a subida para o “Monte de Perfeição”, o autor se vale da sua própria experiência mística para tentar explicar os estágios, os momentos e as consequências que a alma passará ao entrar no secreto caminho da união com Deus.

4.3 SÍNTESE DA DOCTRINA ESPIRITUAL DE JOÃO DA CRUZ

Neste tópico do trabalho está disposta uma síntese da doutrina de João da Cruz com o objetivo de melhor exemplificar o conteúdo que será abordado nos tópicos a seguir dos livros em prosa I, II e III que compõem a “Subida do Monte Carmelo”. Para tanto, todo o livro “Subida do Monte Carmelo” foi condensado em uma tabela, para que de forma mais didática, sejam mais compreendidas as explicações que João da Cruz faz sobre como se dá a união mística entre Deus e a alma.

Em tal contexto, pode-se associar as virtudes teológicas da fé, esperança e caridade às três potências da alma: entendimento, memória e vontade, fazendo um

paralelismo às virtudes e às potências. Assim, Cruz (1998, p. 200), afirma que a fé age no entendimento; a esperança na memória e a caridade na vontade, levando a alma a um completo vazio de si mesma, para que se possa realizar o encontro da alma com o Absoluto. Contudo, para atingir o sobrenatural, é necessário esvaziar-se do natural, sobrepondo-se a tudo o que é natural: “Para chegar a alma à transformação sobrenatural, evidentemente há de obscurecer-se e transpor-se além dos limites da vida natural, sensitiva e racional” (Cruz, 1998, p. 191). Situados na essência da explicação sobre o processo e a concretização da união mística, para melhor compreensão do leitor, será feita uma comparação usando Tanquerey⁴⁶ (1948) e sua obra “Compêndio de Teologia Ascética e Mística” e João da Cruz com a “Subida do Monte Carmelo” em que ambos autores especificam como se dá o encontro com o Absoluto, na alma.

Ao longo dos três livros da “Subida do Monte Carmelo”, João da Cruz explana sobre como ocorre a união mística. Para isso, mostra, já no início, que a pessoa passará por três distintas noites, sendo transformada, aos poucos, em cada noite e levada a abandonar todas as vontades e apetites, para, ao estar só no escuro e na nudez de espírito, encontrar a luz ofuscante de Deus. Concomitantemente à descrição joãocruciana, Tanquerey (1948), afirma que a fim de acontecer o progresso espiritual que leva à união com o sagrado, é necessário que a alma passe pelas vias: purgativa, iluminativa e unitiva. Diante destas informações, foi realizada uma analogia, pois, em João da Cruz, são três noites que viabilizam a união mística e para Tanquerey (1948), são três vias para que o mesmo se suceda. Assim, conectados em uma só linguagem, ambos convergem entre si, ao detalhar como as virtudes teológicas agem e o que elas provocam na alma que se destina à união mística com Deus, como é possível observar na tabela a seguir.

⁴⁶ Adolphe Tanquerey (1854-1932) foi um renomado teólogo do século XX e deixou um acervo considerável sobre a espiritualidade católica.

Tabela 1 – Processo sobre como ocorre a união mística católica na pessoa.

NOITES	Virtudes Teologias	Vias	João da Cruz	Adolphe Tanquerey
PRIMEIRA	Fé	Purgativa	A fé age na faculdade do entendimento	Pela fé, a alma evita o pecado venial
SEGUNDA	Esperança	Iluminativa	A esperança age na faculdade da memória	Com a esperança, a alma evita o pecado mortal e venial
TERCEIRA	Caridade	Unitiva	A caridade age na faculdade da vontade	Na caridade, a alma tem horror ao pecado

Fonte: Elaborada pelo autor (2020).

Ao fazer a análise das informações contidas na tabela, é possível entender com mais clareza sobre como se dá o processo da união entre criatura e criador. Contextualizados na espiritualidade católica, ambos autores argumentam sobre a influência e as mudanças que as virtudes da fé, caridade e esperança podem provocar em uma pessoa que esteja disposta a viver esse estado.

Na primeira noite, a fé leva a pessoa à via purgativa, ou seja, às dores e ao sofrimento, agindo diretamente no entendimento, pois em tal fase, a pessoa já evita o pecado, mas ainda o pode cometer, sendo caracterizada pelo desprendimento das coisas passageiras, por isso é um processo purgativo. E sobre a fé, Cruz (1998, p. 187), argumenta: “[...] a fé é o meio admirável para nos conduzir ao fim, isto é, a Deus”, pois sem ela, não há como crer no que não é visível.

Ao passar para a segunda noite, a esperança ilumina a pessoa, agindo diretamente na memória. Esta noite é a mais difícil de se passar, até mesmo porque a pessoa é invadida por Deus, por meio da fé e da esperança, ficando toda inserida nele e fora de si mesma, então é iluminativa, pois a mesma já não está mais em pecado e permanece muito próxima ao inefável. Nesta etapa, os sentidos humanos, que são guiados pela memória, estão como que tomados pela escuridão que ilumina e a pessoa não percebe o que se passa ao seu redor, pois está em um plano sobrenatural.

Na última noite, o caminho de perfeição precisa passar por uma evolução. Nele, a caridade e a união são construídas e realizadas aos poucos, sempre sem o pecado, pois este separa a alma de Deus. Então, como a caridade é o próprio amor divino, une os amados, agindo diretamente na vontade. Por consequência, a pessoa já não domina a sua vontade, pois sua escolha está refletida na união com Deus. É

considerada a noite no despertar da aurora, cheia de delícias e também chamada de êxtase, sendo o ápice da união mística.

Estabelecidos os processos que ocorrem na alma até a união com o Inefável, sob o ponto de vista de teóricos católicos, foi usado, paralelamente, uma percepção histórica sobre o mesmo tema, em que Foucault (2006, p. 305), exprime, sucintamente como funcionam os mecanismos entre a união do eu e Deus:

Quanto à mística cristã, sabemos que também ela, se não inteiramente comandada, absorvida, é pelo menos atravessada pelo tema do eu que se aniquila em Deus, perdendo sua identidade, sua individualidade¹ sua subjetividade em forma de eu, por uma relação privilegiada e imediata com Deus.

4.4 LIVRO PRIMEIRO - “QUE É NOITE ESCURA: QUANTO É NECESSÁRIO ATRAVESSÁ-LA PARA ALCANÇAR A UNIÃO DIVINA. NOITE ESCURA DO SENTIDO E DO APETITE. DANOS RESULTANTES À ALMA”

Ao analisar apenas o título do livro primeiro, já se pode notar a intenção do autor em escrevê-lo, ou seja, quer revelar o que é preciso passar durante a noite escura a fim de chegar no estado de união mística, logo, só pelo título, prontamente é exposto do que se trata o conteúdo que o leitor irá encontrar. Nesse ínterim, o livro primeiro é o único que foi concluído por João da Cruz e faz parte de uma trilogia que revela, aos poucos, o suntuoso caminho que prepara a subida para o Monte de Perfeição. Seguindo linearmente uma linha de raciocínio, o autor explica, no desenlace de cada livro, a divisão das três noites, que levam à perfeita união de amor e o que acontece em cada uma delas.

Desse modo, já no livro primeiro, desenvolve sobre a primeira noite, que é considerada a mais “leve”, dando continuidade, nos próximos livros, às outras duas noites mais “densas”. Pode-se dizer que a primeira noite é a mais leve, no entanto, já se deparara, de início, com uma dificuldade imensa de adentrar nela, pois, é a noite da fé, associada à faculdade do entendimento humano. Então, de acordo com a Sagrada Escritura, se “a fé é crer naquilo que não se vê” (HEBREUS 11,1), presume-se, que através do entendimento, que é iluminado pela fé, a alma entra na primeira fase da mística, caracterizada pela purgação dos pecados e dos sentidos do homem. Nessa conjuntura, Tanquerey (1948), afirma que através da via purgativa, pela fé, a alma evita, a todo custo, o pecado venial, pois, não quer perder-se de Deus com

pequenos atos, pois já experimenta, mesmo que escassamente, um pouco do que será a plena união com o Inefável.

Retomando, a primeira noite, representada pela virtude teologal da fé, exige que a alma creia, mesmo que não veja, por isso o uso do termo noite, pois a fé é como andar no escuro, sem nada ver. Além disso, o pecado passa a ser evitado a todo custo, pois ao estar perto do Amado, a alma luta para não o perder. Tal intimidade é um fenômeno que exige dedicação e renúncia constante do místico que se aventura na “noite dos sentidos”. Em um parecer bem sucinto, no capítulo I do livro primeiro, o autor propõe o que viria a ser, de fato, as noites que serão explicadas nos três livros por ele:

Esta primeira noite refere-se aos principiantes, quando Deus os começa a pôr no estado de contemplação; dela também participa o espírito, como a seu tempo diremos. A segunda noite ou purificação refere-se aos já aproveitados, quando Deus os quer pôr no estado de união com ele; e esta é mais obscura, tenebrosa e terrível purificação, conforme explicaremos mais adiante. (CRUZ, 1998, p. 142).

Nas primeiras frases de João da Cruz no comentário “Subida do Monte Carmelo”, o leitor já é avisado, novamente, assim como o é no título do livro, sobre o que irá encontrar dali para frente: “Trata este livro de como poderá a alma dispor-se para chegar em breve à divina união” (Cruz, 1998, p. 134) e estruturando o comentário em três livros, explica os versos do poema “Noite Escura”, pormenorizando os argumentos, ricos em teologia. A figura da noite será a grande chave que abrirá as portas do entendimento para a sua linguagem. Assim, neste livro, o tema central será a explicação da noite escura do sentido e do apetite como se pode confirmar: “Esta noite é a privação e a purificação de todos os seus apetites sensitivos” (Cruz, 1998, p. 142) e em seu decorrer, revela, sistematicamente, que para suceder a união mística da alma com Deus, a purificação (purgação) dos sentidos deve acontecer, mesmo que cause adversidades e a pessoa tenha que passar por tormentos, sendo um dos quesitos necessários para a introdução à escola da cruz. Em sequência, através do próprio João da Cruz, pode-se enfatizar o porquê da denominação noite em três razões distintas:

A primeira [...] constitui uma noite para todos os sentidos e todos os apetites do homem; A segunda razão, quanto à via a tomar para atingir o estado da união [...] é a fé [...], a terceira razão se refere ao termo ao qual a alma se destina, - termo que é Deus (ser incompreensível e infinitamente acima de nossas faculdades) [...] Estas três noites hão de passar pela alma, a fim de chegar à divina união. (CRUZ, 1998, p. 143).

O autor deixa claro o que acontece com a pessoa que se destina a unir-se a Deus: ao se aventurar em tal via, deverá estar preparado para não ter consolações humanas, corporais e, mesmo de Deus, por um dado momento, pois, estando somente nele, tudo o que a pessoa necessita, acontecerá, ainda que não veja. Como afirma Cruz (1998, p. 145), a consequência da noite na alma será a privação da luz, deixando-a em completo vazio e escuridão. No entanto, Cruz (1998, p. 142), afirma que “seria impossível de nela entrar com os próprios esforços”, pois, para entrar na noite, é preciso que o homem esteja com a graça de Deus, em outras palavras, sem estar em pecado, uma vez, que por seus próprios méritos e forças, não o pode fazer. Neste contexto, a primeira noite é o início do caminho para a união mística e Stein (2014, p. 57), baseando-se na “Subida do Monte Carmelo” diz: “Quem não estiver completamente cego e não se deixa conduzir de bom grado pelo guia de cegos, [...] facilmente erra ou se detém, pois não quer ficar cega em seu verdadeiro guia, a Fé”.

No entanto, em momento algum o autor revela que a união mística seria um percurso fácil, cheio de delícias; muito pelo contrário, ao anunciar que a pessoa ficaria no vazio e na escuridão, já é possível perceber que será um processo doloroso e repleto de desapegos. Na construção da escrita, com propriedade sobre o tema, João da Cruz retoma, o tempo todo, exemplos da Sagrada Escritura que convergem com o que ele explica, entre o Antigo e o Novo Testamento, usando, principalmente, citações dos evangelhos e dos salmos. Por essas informações, vemos que estava continuamente mergulhado na palavra de Deus, pois explica o seu poema teológico e místico, inteiramente baseado nela, pois fazia comparações frequentes entre esta e o seu poema, como se observa no fragmento:

O apetite cega e ainda obscurece a alma porque, enquanto apetite, é cego e necessita da razão como guia. Disto se depreende que, todas as vezes que a alma cede às tendências do apetite, assemelha-se ao que, tendo boa vista, se deixa guiar por quem não enxerga. Então os dois são cegos. E a palavra de Nosso Senhor, segundo S. Mateus, encontra aqui a exata aplicação: ‘E se um cego guia a outro cego ambos vêm a cair no barranco’ (Mt 15, 14)” (Cruz, 1998, p. 163).

No final do primeiro livro, exatamente no capítulo XIII, o autor, de maneira muito sutil, revela toda a sua doutrina, fazendo uso de linguagem clara e pontual, além de conter, na íntegra, a identidade de João da Cruz. É bom lembrar aqui, que, como citado no capítulo II, o mesmo trecho de texto é parte integrante do desenho “Subida do Monte Carmelo” e o complementa:

1. Para chegares a saborear tudo,
Não queiras ter gosto em coisa alguma.
2. Para chegares a possuir tudo,
Não queiras possuir coisa alguma.
3. Para chegares a ser tudo,
Não queiras ser coisa alguma.
4. Para chegares a saber tudo,
Não queiras saber coisa alguma.
5. Para chegares ao que não gostas,
Hás de ir por onde não gostas.
6. Para chegares ao que não sabes,
Hás de ir por onde não sabes.
7. Para vires ao que não possuis,
Hás de ir por onde não possuis.
8. Para chegares ao que não és,
Hás de ir por onde não és. (Cruz, 1998, p. 182).

Na doutrina do tudo ou nada, que se fundamenta no buscar o que é desagradável, a fim de encontrar-se com Deus, a reflexão proposta, permite ao leitor compreender que não é impossível tal união, pois, com atitudes inversas ao comportamento habitual do ser humano, é provável que aconteça tal fato. Por outro lado, muitas pessoas, ainda encontram as “delícias espirituais” neste mesmíssimo trajeto, como por exemplo, os próprios carmelitas, tanto monges, quanto leigos seculares⁴⁷, que conseguem viver, na rotina do cotidiano, o sair de si, para unir-se a Deus. Além do mais, muitas outras práticas de misticismo que não são ligadas só à Igreja, pois existem outras crenças e denominações religiosas, também motivam os seus adeptos a buscarem a união com o sobrenatural, com o algo que está além das capacidades humanas, como o fazem tão bem os budistas em busca do “estado de

⁴⁷ Os carmelitas seculares são, segundo a Regra da Ordem Carmelita Secular (2003, p. 11-14), “Os membros da Ordem Terceira reconhecem o Prior Geral como pai espiritual, chefe e vínculo de unidade; recebem da Ordem, orientação e estímulo, destinados a promover, fomentar e favorecer a concretização dos fins da própria Ordem Terceira do Carmo”. Em sequência, seguindo a mesma fonte, sobre o misticismo proposto em João da Cruz, os membros seculares são motivados da seguinte maneira: “A subida do Monte por parte de um leigo, em primeiro lugar, implica em seguir a Cristo com todo o seu ser e servi-Lo ‘fielmente com coração puro e total dedicação’. O espírito de Cristo deveria entranhar sua pessoa a ponto de poder repetir com São Paulo, ‘não sou mais eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim’, de forma que todo seu agir ocorra ‘sob sua Palavra’”.

nirvana”, dentre muitas outras denominações religiosas que priorizam a “fuga” do ordinário para se encher do extraordinário.

Entretanto, a ideia de se retirar do que é banal para unir-se àquele que é divino tem sérias e duríssimas consequências, que poucos conseguem suportar. Neste sentido, Stein (2014, p. 51), baseada na obra joãocruciana, traz de forma mais clara o que acontece quando o homem abdica a busca daquilo que lhe soa agradável:

O espírito se fortifica, enquanto os sentidos, por falta de prazer, sentem-se fracos e sem energia. ‘Deus transcende os bens e forças do sentido para o espírito e, como os sentidos e a força naturais não têm capacidade para isso, ficam jejunos, secos, vazios; porque a parte sensível já não tem aptidão para o que é puro espírito’.

Então, a aniquilação dos sentidos, em João da Cruz, seria um brusco desprendimento às coisas e às criaturas, uma vez que na obra, o gozo e a afeição às pequenas coisas, priva o homem da verdadeira liberdade em Deus, como apontado por Cruz (1998, p. 148): “Todas as criaturas nada são, e as inclinações que nos fazem pender para elas, menos que nada, pois são um entrave para a alma e a privam da mercê da transformação em Deus”.

Em um cenário de renúncia e violência consigo mesmo, Cruz (1998, p. 158), afirma que “A alma não receberá a fartura incriada de Deus enquanto não houver perdido aquela fome criada de seus apetites”, assim, a pessoa pode estar correndo o risco de gastar a vida inteira tentando alcançar a união com Deus e não poder fazê-la, pois, pode ser, segundo a própria metáfora usada por Cruz (1998, p. 173), como um passarinho, impedido de voar, por estar simplesmente preso a um cordão. Aqui está, aliás, um grande problema que Teresa de Jesus e João da Cruz enxergavam no interior da sua Ordem religiosa, pois, estando reunidos nos conventos, as pessoas, com a intenção de dedicar suas vidas a Deus, perdiam seu tempo, ao entregar-se a apegos frívolos e deixar a vida espiritual passar despercebida. É uma questão que Teresa muito se envergonhava pessoalmente, pois, afirma em sua obra “Caminho de perfeição” que por muitos anos, esteve dentro do Carmelo, mas viveu afastada da oração, entregando-se aos caprichos de gostos pessoais como bordados e conversas inúteis, sendo essa situação um dos motivos que a levou a dedicar-se tanto à reforma do estilo de vida da sua Ordem.

Na explicação do primeiro livro da “Subida do Monte Carmelo”, infere-se que a pedagogia de João da Cruz conduz ao desapego de si mesmo, sendo um passo para

a liberdade em Deus e, de outra maneira, é um caminho espiritual estreito e árduo, mas quem consegue findá-lo, encontra os mais sublimes prazeres.

4.5 LIVRO SEGUNDO – “TRATA DO MEIO PRÓXIMO PARA ALCANÇAR A UNIÃO COM DEUS, QUE É A FÉ, E DA SEGUNDA PARTE DA NOITE ESCURA, ISTO É, DA NOITE DO ESPÍRITO CONTIDA NA SEGUINTE CANÇÃO”

Ao iniciar o segundo livro, que é considerado também o de maior complexidade, o autor deixa claro, que a noite do espírito é diferente da noite do sentido, explicada no livro I, logo, a noite do espírito é a segunda noite, marcada por uma austeridade ainda maior que na primeira, sendo considerada por Stein (2014) e Ruiz (1994) como a mais difícil de ser vivida das três:

Assim, na noite do sentido a alma goza de certa claridade, pois ainda lhe resta alguma luz do entendimento e da razão que não estão cegos; mas na noite do espírito, que é a fé, a alma permanece na privação de toda luz, seja intelectual, seja sensível. [...] É certo, a alma quanto menos age em virtude da própria habilidade, mais segura vai, porque anda mais na fé. (CRUZ, 1998, p. 186-187).

Percebe-se que na noite do espírito, nenhum sentimento conduz a pessoa, pois, agora, é a fé que a deve motivar. Conseqüentemente, a fé brilha de tal modo, que acaba cegando-a, como afirma Stein (2014, p. 109): “[...] a edificante noite, ao escurecer o espírito, não tende senão a dar-lhe luz para todas as coisas”. No entanto, para unir-se a Deus, é necessário deixar-se levar pela fé e não pelos sentimentos, como aponta o próprio autor: “É evidente, portanto, ser a fé, noite escura para a alma e assim ilumina; e quanto mais a obscurece, mais luz irradia” (Cruz, 1998, p. 190). Diante disso, infere-se que é uma escuridão resultante da forte iluminação que chega a tirar a visão comum, possibilitando enxergar além das limitações humanas ou sobrenaturalmente, na noite que ao espírito ilumina.

Em sequência, como João da Cruz foi um exímio observador da Sagrada Escritura, não se pode deixar de registrar um trecho do segundo livro que demonstra a sua preocupação em relacionar o caminho espiritual aos escritos sagrados e que bem explicam, resumidamente, todo o conteúdo do segundo livro:

Neste caminho, cegando-se em suas potências é que há de ver a luz, segundo o Salvador nos diz no Evangelho: ‘Eu vim a este mundo para juízo, a fim de que os que não veem vejam, e os que veem se façam cegos’ (Jo, 9, 39). Estas palavras são literalmente aplicáveis a esse caminho espiritual, no qual a alma, estando às escuras e cega quanto a todas as suas luzes próprias e naturais, verá de modo sobrenatural. (CRUZ, 1998, p. 194).

Os símbolos da cegueira e da escuridão na noite, muito usadas por João da Cruz, representam a iluminação sobrenatural que a alma recebe por estar em Deus: “Todas essas trevas representam a obscuridade da fé, sob a qual se encobre a Divindade quando se comunica à alma” (Cruz, 1998, p. 214). Paralelamente, também situada na interpretação do segundo livro da “Subida do Monte Carmelo”, Stein (2014, p. 58), usa o termo “possuir” Deus, para se referir ao estado de união místico:

Para chegar à união com Deus, é preciso crer em seu ser, o qual não é apreendido pelo entendimento, nem pelo desejo, nem pela imaginação ou qualquer outro sentimento, nem se pode saber nesta vida. O mais alto grau, em que se possa sentir ou provar a Deus, dista infinitamente de Deus e de sua pura posse.

Em sequência ao livro segundo, com tamanha segurança do que ele diz, pois o vive, o autor revela que não é fácil buscar essa via de intimidade, uma vez que o chamado de Cristo envolve cruz e renúncia:

Entrar, pois, neste caminho, é sair do seu próprio caminho, ou para melhor dizer, caminhar diretamente para o termo, deixando seu modo limitado a fim de penetrar em Deus que não tem modo. (Cruz, 1998, p. 193).

No mesmo contexto de abandono de si mesmo, o autor aponta para o que deveria ser o cerne da reforma da sua Ordem:

Segundo a opinião de alguns é suficiente reformar os hábitos e ter um pouco de retiro; outros se contentam em praticar até certo ponto as virtudes, orar e mortificar-se. Mas nem uns nem outros se dão ao verdadeiro desprendimento e pobreza, à renúncia e pureza espiritual (que é tudo o mesmo) aconselhada aqui pelo Senhor. [...] Com efeito, buscar-se a si mesmo em Deus é procurar as mercês e consolações divinas; mas buscar puramente a Deus consiste não só em querer privar-se de todos os regalos por ele, como ainda em inclinar-se a escolher, por amor de Cristo, tudo quanto há de mais áspero, seja no serviço divino, seja nas coisas do mundo: isto sim, é amor a Deus. (Cruz, 1998, p. 204-205).

Ao mostrar a verdadeira intenção da reforma na Ordem do Carmelo e o que ele juntamente com Teresa, almejavam que os monges vivessem, compreendemos que

estava longe de ser apenas a transformação do hábito ou do claustro, mas o que ambos queriam era a vida contemplativa em sua essência, voltada para a busca de Deus, no aniquilamento de si, por amor a Cristo. Logo, a vida dos monges, sob o desejo dos reformadores, estaria voltada para a busca do que soa desagradável ao homem, ou seja, contrária ao fluxo normal da vida, pois era sacrificante por amor àquele que é o tudo da vida.

No decorrer das explicações do segundo livro, pode-se notar que João da Cruz se revela, não só como uma alma que vive, mas que relata a sua experiência. Nesse sentido, Ruiz (1994, p. 47), sobre a Subida do Monte Carmelo diz:

Suas páginas de fenomenologia mística não devem ocultar os conteúdos predominantes: vida teologal, função essencial de cada uma das virtudes, papel essencial do amor, tanto positiva quanto negativamente. Com esta obra, fundamentou a experiência e a doutrina mística posterior.

Na escuridão da fé, incompreensível aos sentidos, aos poucos, o leitor é induzido aos porquês do deixar-se guiar pela treva que é o próprio Deus, que no êxtase se converte em luz forte, dando sentido verdadeiro para aqueles que o buscam mais de perto. E ao finalizar o segundo livro, esclarece os motivos pelos quais o escreveu:

O discreto leitor deverá sempre lembrar-se do fim que me propus neste livro: encaminhar a alma através de todas as apreensões naturais e sobrenaturais, sem perigo de ilusão nem embaraço, na pureza da fé, até chegar à divina união com Deus. (Cruz, 1998, p. 310).

Por esses dizeres, com certeza, era intenção de João da Cruz, direcionar a alma para Deus, por isso explica de forma consecutiva, os passos para a união mística, como está exposto na análise do livro a seguir.

4.6 LIVRO TERCEIRO

O terceiro livro é diferente dos outros, pois não tem um título inicial que remete ao seu conteúdo, já deixando evidente que ficou inacabado e incompleto. No entanto, se pode inferir que é uma mistura e retomada dos dois temas abordados nos livros anteriores. Em sequência, os dois primeiros livros falam das potências da alma, contudo, fixam-se mais estritamente no entendimento, que é representado pela virtude teologal da fé, já o terceiro livro, aborda a potência da vontade, representada pela

virtude da esperança e da potência da memória, caracterizada pela virtude da caridade. Assim, o principal eixo deste livro é a purificação da vontade e da memória e suas afeições. Além disso, o terceiro livro é como se revelasse a noite em seu término, metaforicamente disposta no amanhecer do dia, no momento em que a escuridão dá lugar para os raios do sol.

Como exemplificado no tópico anterior, a noite mais terrível de se passar era a segunda, pois, estando a alma já abandonada em Deus, nesta noite, já se encontra unida a Ele, por isso a claridade é permitida nela. A fim de bem explicar tal estado, o autor afirma, que é necessário, para aquele que quer unir-se a Deus, entrar em oração, sem esperar nada em troca, assim como os apóstolos estavam no cenáculo no dia de pentecostes, sem saber o que aconteceria. Além disso, reforça sobre o desapego da memória que a alma necessita buscar, afirmando que as paixões devem ser livradas da vida do homem que busca a Deus:

Eis porque diz Boécio: 'Se queres ter um conhecimento claro da verdade, afasta de ti o gozo, a esperança, o temor e a dor'. Porque enquanto reinam estas paixões, não deixam a alma permanecer na tranquilidade e paz requeridas para alcançar a sabedoria que natural ou sobrenaturalmente pode receber. (Cruz, 1998, p. 360).

Então, para acontecer a união com Deus, é preciso aniquilar as formas sensíveis que estão vinculadas aos sentidos. Desse modo, de acordo com Stein (2014), é comum à pessoa que se deixa conduzir pelo caminho do assolamento interior dos sentidos, não ver o tempo passar e, pode também, nem chega a sentir dor, como por exemplo, se recebe as chagas de Cristo, ou qualquer outra enfermidade, a pessoa pode não sentir. Ainda assim, se é humilhada, não toma aquilo como sofrimento, mas como alegria, porque muito distante está, da superficialidade das coisas do mundo criado, estando já unida a Deus, como bem exemplifica João da Cruz: "Esta união, pois, purifica e separa a memória de todo o criado" (Cruz, 1998, p. 329) e em outro trecho, afirma que somente na desnudez e vazio de espírito é que o Amado vem ao encontro da alma.

Em suma, o autor mostra-se preocupado em descrever e explicar bem ao leitor sobre os bens da união com Deus e os perigos que a alma pode atravessar, se estiver disposta a tanto. Pedagogicamente, constrói, ao longo da trilogia da "Subida do Monte Carmelo", os itinerários que o leitor poderá seguir para o encontro com o Absoluto,

desvendando mistérios e acessos que levam diretamente ao que ele mesmo buscava: à união mística.

Curiosamente, no terceiro livro, João da Cruz usa em excesso a palavra olvidar, repetida por várias vezes, guiando o leitor ao “olvidar da memória em Deus”, ou seja, propicia que a alma esvazie a memória, não se deixando perturbar ou inquietar-se nas adversidades, pois já está em paz, como é citado no último verso do poema “Noite escura”: “Largando meu cuidado Por entre as açucenas olvidado” (Cruz, 1998, p. 136), portanto, uma vez em paz e unida em Deus, a alma está esquecida e despreendida de tudo mais, tendo alcançado o grande estado de espírito místico que tantas pessoas, em diferentes religiões e crenças, buscam.

Sendo mais pontual neste livro, especifica pequenos detalhes que antes não foram observados e lista atitudes a serem tomadas, que melhor evidenciam a união que o místico busca. Paralelamente, pode-se destacar dois pontos cruciais da obra joãocruciana que retomam, com particularidade, o contexto da época, evidenciando uma resposta ao movimento da Reforma Protestante: No final do terceiro livro, João da Cruz mostra que seria melhor se a pessoa não tivesse alegrias, pois corre o risco de que a alegria “cegue o coração”. Paralelamente, revela, que também deve haver um desapego dos bens temporais, uma vez que a espiritualidade sacia a sede da alma e não a do corpo, sendo também uma resposta à Reforma Protestante que tanto criticou o uso exagerado de riquezas, por parte de alguns membros da Igreja. Além disso, convida àqueles que perfazem tal direção, a agirem no silêncio e na discrição, pois, segundo ele, de nada vale fazer qualquer ato para receber reconhecimento de alguém, já que desse modo, é pura demonstração do egoísmo:

A maior parte das obras feitas em público são, ou viciosas, ou sem nenhum valor, ou imperfeitas diante de Deus, por não se terem despreendido aqueles, que as fazem, dos interesses do egoísmo e respeito humano. (Cruz, 1998, p. 394).

Claramente se vê que as expressões desapego de bens espirituais e prática das boas obras em sigilo, são duas justificativas usadas por Lutero na fundamentação da Reforma Protestante. De um lado, João da Cruz deixa transparecer a sua resposta ao movimento protestante, ao dirigir os adeptos à espiritualidade ascética e mística a não cumular bens e, muito menos, fazer obras de caridade para serem vistos. Além disso, eram duas práticas que arduamente lutava contra, tanto que nas biografias sobre ele, muito é explicitado sobre a pobreza de sua cela e de seu hábito. Por estes

relatos, compreende-se que ele queria, com sua vida e testemunho, confrontar os erros que Lutero mostrava.

Na conjuntura da resposta católica daquele período, no capítulo XXXV, o autor repreende severamente àqueles que atribuem um “gozo inútil” às imagens e quadros de santos, como se fossem mais que o próprio Deus e tal tema também era uma das críticas que Lutero fez à Igreja. Sabe-se que a Igreja do século XV e XVI financiou grandes artistas como Michelângelo, Leonardo da Vinci e tantos outros, para materializar a mística daquele momento, transpondo o sagrado para a forma visível, uma vez que o povo, que em sua maioria, era humilde e analfabeto, era remetido ao sagrado através das pinturas, esculturas e monumentos que representavam o Inefável.

Em tal sentido, João da Cruz se posiciona a favor da Igreja, reconhece que a linguagem imagética é importante e tem sua função, mas alerta que a devoção não deve ser baseada somente em imagens e retratos, pois há o perigo de se perder no caminho por estas e outras questões tão pequenas: “A pessoa verdadeiramente devota faz do invisível o objeto principal de sua devoção” (Cruz, 1998, p. 411). De certa forma, propõe que mais do que imagens, retratos e suas afeições devocionais, o fiel se apegue unicamente ao próprio Deus, que é invisível, ou seja, à fé que une o homem a Ele, que é verdadeiramente importante. São pequenas orientações e práticas religiosas cotidianas feitas no último livro e que muito refletem a sua espiritualidade.

O autor finaliza dizendo sobre os lugares em que se deve louvar a Deus, orientando para que sejam usados templos e construções destinadas ao culto divino, contudo, afirma que o coração é o melhor lugar para falar com Deus, desde que seja com amor: “[...] é suficiente saber que tudo está ordenado para nosso proveito e para serem ouvidas as nossas preces feitas em qualquer lugar, com sincera fé” (Cruz, 1998, p. 427).

Também conduz os fiéis a não realizarem cultos e cerimônias que a Igreja desaprova e, salienta, sobre os perigos de se dizer uma coisa e viver outra: “Deus tem ojeriza dos que, ensinando a sua lei, não a guardam, e pregando o bem, não o praticam” (Cruz, 1998, p. 434), mostrando aos sacerdotes e superiores que são responsáveis pela evangelização do povo de Deus, que é inaceitável o dizer e o não fazer, praticando o contratestemunho em seu proceder. Este último tema reforça ainda

mais a ideia de que João da Cruz reconhecia os erros apontados na Reforma Protestante e os combatia incansavelmente.

João da Cruz deixa inacabado o terceiro livro, não se sabe o porquê, porém, pode-se perceber que os dois primeiros livros são muito mais elaborados, ricos em conteúdo e teologia, já o terceiro livro, tem mais semelhança com conselhos e direção espiritual. Mesmo não tendo a intenção de ser escritor, pois o que ele queria era viver sua vida e vocação com plenitude, como consequência de sua espiritualidade, ainda deixa de herança para a humanidade a sua rica obra.

5 REFLEXÃO TEÓRICA SOBRE O OBJETO DE APRENDIZAGEM

O Objeto de Aprendizagem é uma ferramenta com fins pedagógicos, elaborada como quesito obrigatório no Mestrado Profissional em História Ibérica. Logo, como o tema do presente trabalho envolve o século XVI e questões relacionadas à Reforma Protestante e à Reforma Católica, entende-se que seria de grande valia, especificamente se fosse utilizado como apoio para o professor do componente curricular de História, primeiramente do sétimo ano do Ensino Fundamental e posteriormente, ser aprofundado no segundo ano do Ensino Médio, uma vez que são nestes anos, segundo o Currículo Referência de Minas Gerais, que são estudados tais temas.

Em conformidade com o Currículo Referência de Minas Gerais, o tema de pesquisa aqui proposto também contempla as habilidades do Conteúdo Básico Comum de História de Minas Gerais atual, focadas no período do Humanismo e no início da Modernidade, segundo o texto que segue:

O professor, para trabalhar essas habilidades, deve contextualizar a Europa, às vésperas das grandes navegações, para tanto, é importante trabalhar a transição Idade Média/Moderna, abordando temas como o Renascimento, Reforma, Absolutismo, Crise do Século XIV, entre outros. (Conteúdo Básico Comum de História de Minas Gerais, 2008, p. 21).

Assim, adaptar o conteúdo da pesquisa de modo que se tornasse uma ferramenta pedagógica e lúdica na área de História para alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental e segundo ano do Ensino Médio, não foi uma tarefa fácil. No entanto, o Objeto de Aprendizagem apresentado tem a função de levar o estudante a compreender, ou pelo menos ter uma noção sobre as condições da época em que João da Cruz viveu, no século XVI, na Espanha, e como o seu misticismo pôde proporcionar uma renovação da espiritualidade e a reforma da Ordem religiosa a qual ele pertencia: a Ordem do Carmelo.

Estabelecido o público alvo para o qual o trabalho proposto se destina, para ser trabalhado sobre os conceitos que envolvem a mística de João da Cruz e a reforma da Ordem do Carmelo dentro da sala de aula, poderá ser preciso retomar uma série de temas anteriores aos alunos como, por exemplo, o que foi a Reforma Protestante e o seus porquês; como se deu a Reforma Católica e as suas consequências; abordar aspectos da região da Península Ibérica no século XVI – como era dividida

politicamente, quais os principais personagens e acontecimentos, como se dava a cultura e a religião naquele espaço e entender geograficamente o local que compreende a Espanha e, por consequência, a Andaluzia, território que forma o cenário onde aconteceram as atividades de João da Cruz.

Se os alunos estiverem no segundo ano do Ensino Médio, com certeza terão uma noção do tempo e do espaço citados acima, contudo, se forem alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental, provavelmente assimilarão o conteúdo se for deixado mais para o final do ano. Todavia, o tema de trabalho aponta diretamente os problemas de um período dentro da Igreja e a consequente necessidade de mudanças. Então, para que o professor possa leva-lo para a sala de aula, deve estar bem preparado, situando os alunos previamente sobre a diversidade religiosa. Todavia, após a aplicação deste trabalho na sala de aula, espera-se que sejam fomentados críticas, discussões e debates de opiniões sobre o assunto, contribuindo para a formação dos educandos.

No trabalho, além da História, estão envolvidos, interdisciplinarmente, os componentes curriculares como Literatura e Língua Portuguesa, por conter poesias escritas por João da Cruz, as quais o fizeram ganhar o título de “Maior poeta espanhol” e que podem sugerir a oportunidade aos alunos de fazerem mais leituras e se aprofundarem na poética “sanjuanista”. Teologia e Filosofia também estão inclusas neste tema, pois aborda a mística católica e as suas peculiaridades. Por último, o componente curricular Geografia, pois pode-se estudar mais a fundo a Península Ibérica, em especial a Andaluzia, onde João da Cruz passou maior parte de sua vida.

É claro que os objetivos pedagógicos apresentados só terão a sua eficiência, se o aluno, como centro da aprendizagem e orientado pelo professor, ver sentido no que aprende e ao mesmo tempo, refletir o que aprendeu na sua vida social. Neste sentido, o professor pode usar o tema do trabalho para levar os alunos à reflexão sobre as necessidades que o homem tem as vezes de mudar, usando como palavra-chave o termo “reforma”, no sentido de motiva-los a recomeçar sempre para melhorar algo, como Lutero, João da Cruz e tantas pessoas fizeram ao longo da história, pois nunca é tarde para mudar e tentar melhorar alguma situação.

É por tal caminho que se pode observar que a escola possui um papel norteador de direcionar o ensino do interior dela para as práticas de vida dos alunos em seu ambiente social. Por isso há que se ter um cuidado excessivo do professor ao preparar uma lição, de forma que a mesma possa realmente atingir o público alvo e

agregar conhecimento, não sendo só mais uma aula que se é dada e se perde. Em tal contexto, Paulo Freire (1987), na essência da sua filosofia pedagógica, faz diversos apontamentos sobre o ensino, orientando de modo que este possa ser voltado efetivamente para a realidade social do aluno. Além disso, idealiza que o ensino e a aprendizagem fossem planejados voltando-se para o conhecimento de mundo do aluno, para, a partir dele, baseado no que o mesmo já tem e sabe e na sua realidade cultural, acrescentar à sua vida, levando-o a agregar sentido no que aprende. Por consequência, o conteúdo obtido na escola, é imediatamente aplicado na sua própria realidade cotidiana.

E os desafios que o docente do século XXI é chamado a enfrentar não param por aí. Com o advento da acessibilidade das tecnologias em massa, o educador encontra dificuldades em reter a atenção dos alunos, se permanecer com os ideais didáticos de outrora. Então, além dos recursos do giz e do quadro negro, o uso de tecnologias na sala de aula pode contribuir diretamente para um efetivo trabalho com os alunos que, em sua grande maioria, passam a maior parte de seu dia dependentes de redes sociais, ao invés de aproveitar os meios digitais para outros processos de aquisição de conhecimento. Nesse ínterim, o processo de aprendizagem, cada vez mais, pode ser comparado a um emaranhado de complexidades no qual o professor é chamado, diariamente, a atingir os alunos com as suas distintas características e pluralidades. Assim, para se entender melhor o que é o processo de ensino, Libâneo (1992, p. 54), aponta:

Podemos definir processo de ensino como uma sequência de atividades do professor e dos alunos, tendo em vista a assimilação de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades, através dos quais os alunos aprimoram capacidades cognitivas (pensamento independente, observação, análise-síntese e outras).

Dentro de tal processo, vê-se que existem as especificidades de cada aluno e, quanto a isso, Zabala (1998, p. 34), converge com o pensamento de Freire ao apontar que no exercício da didática, o professor deve estar atento para a diversidade pois, “[...] as aprendizagens dependem das características singulares de cada um dos aprendizes, correspondem, em grande parte, às experiências que cada um viveu desde o nascimento”.

Frente aos diferentes pensamentos que podem ser gerados no ambiente escolar, entende-se que o diálogo é a fonte principal de abertura que mais contribui

para a construção do conhecimento em comum. Na realidade da sala de aula, pela falta do diálogo, entre os próprios alunos e entre aluno e professor, vê-se o contrário, pois a exposição da opinião do outro, muitas vezes, propicia a opressão do que o outro pensa. Logo, Freire (1987, p. 45), disse sobre tal problema:

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideia de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca das ideias a serem consumidas pelos permutantes.

Desse modo, a abertura para o diálogo e a diversidade que deve acontecer na sala de aula, tende a ser libertadora e muito contribui nas práticas escolares. Pelo fato do trabalho apresentado ser de caráter político e religioso, infere-se que poderão surgir várias opiniões distintas durante a aula, especialmente no que se refere à religião, e é preciso que o professor esteja aberto à diversidade, estando atento aos questionamentos, dúvidas e comparações que ocorrerem sobre o tema. Para maior êxito da aula, seria muito produtivo se o docente conseguir direcionar os alunos para que os debates sejam construtivos e que ao mesmo tempo, seja um sinal de respeito para com a ideia do outro.

Nessa perspectiva pedagógica, Coll (2009), mostra que o ensino, sob o viés sócio-antropológico, expande as chances para que o indivíduo consiga inferir com mais facilidade o conhecimento proporcionado, além de inserir o conteúdo adquirido na sala de aula na vida social do aluno. Entende-se, então, que se o aluno for o centro do ensino e, se a metodologia pedagógica for voltada para a sua realidade, proporcionará que este atribua significado ao conhecimento apresentado, melhorando significativamente a sua aprendizagem.

Seguindo as fontes teóricas convergentes entre si, Zabala (1998, p. 37), mostra que a concepção construtivista, em conjunto com o exposto até aqui, está relacionada à expansão da aprendizagem dos alunos a partir do que eles já sabem:

A natureza dos esquemas de conhecimento de um aluno depende de seu nível de desenvolvimento e dos conhecimentos prévios que pôde construir; a situação de aprendizagem pode ser concebida como um processo de comparação, de revisão e de construção de conhecimento sobre os conteúdos escolares.

Logo, com o objeto educacional proposto com este trabalho, pretende-se usar esta mesma fonte pedagógica, apresentando o conteúdo do trabalho aos alunos, mas ao mesmo tempo, levantar questionamentos e debates com eles, relacionando o conteúdo com o que já conhecem, além de instiga-los a desenvolverem a opinião própria em cada etapa do arquivo.

O trabalho proposto envolve o conhecimento voltado para as duas tipologias da aprendizagem apontadas por Zabala (1998): procedimental, quando apresenta intrinsecamente uma estratégia de apresentação do conteúdo com um objetivo de assimilação e reflexão do que foi apresentado e atitudinal, de forma que o aluno tenha a atitude de procurar mais sobre o conhecimento apresentado. Ainda são disponibilizadas outras formas para ampliar o conhecimento com hiperlinks sobre o conteúdo, além de oferecer tarefas elaboradas através dos “Quiz”.

Com a finalidade de detalhar melhor como foi elaborado o Objeto de Aprendizagem, o qual utiliza a concepção pedagógica apresentada, segue uma breve descrição sobre como foi construído. Para a sua formulação, foi usada a ferramenta digital disponibilizada gratuitamente na internet, chamada de *EXELearning* e o trabalho é composto pela exposição de conteúdo dentro de uma página de internet através de textos, imagens, um vídeo em Libras explicativo feito pelo próprio autor, disponibilização de hiperlink para acesso a outros conteúdos e vídeos sobre o tema, além de proporcionar a leitura de um poema de João da Cruz e *Quiz* interativo.

Assim, para que os alunos consigam usá-lo, é necessário ter um mínimo de fluência tecnológica, por consequência, o aluno deverá saber manusear o computador, *mouse*, celular ou *tablet* e saber acessar a página de *internet*. No entanto, para a obtenção do conteúdo, o mesmo pode se valer da modalidade presencial ou à distância, porém, é necessário ser usado o laboratório de informática na escola, podendo ser acessado individualmente, em duplas ou trios, dividindo o computador, o celular ou o *tablet*. Porém, para conseguir ingresso neste conteúdo, há a necessidade de que o aluno ou o professor entre na plataforma de repositório de Objetos Educacionais disponível na página da Universidade Federal de Alfenas, baixe o arquivo e, a partir daí, não precisa mais estar conectado à internet para conseguir explorar o que há nele, pois uma vez baixado o arquivo, já se pode usá-lo sem ser necessário repetir tal ação.

O trabalho foi planejado após a constatação de uma problemática atual: depois de realizar um levantamento das últimas três coleções de livros didáticos de História

adquiridos nos últimos anos pela rede pública municipal de Paraguaçu-MG, foi possível verificar que não é abordado ou o é de forma muito superficial, no que tange sobre o que acontecia no interior das Ordens religiosas, no período em que ocorreu a Reforma Protestante e Reforma Católica. Com isso, espera-se que o Objeto de Aprendizagem possa propiciar uma maior compreensão do período aos alunos, levando seu público-alvo a ter uma noção de que no contexto das “reformas” do século XVI, também houve um movimento de mudança dentro das Ordens religiosas e em específico, na Ordem do Carmelo.

Também foi disponibilizado dentro do trabalho, um material acessível para a comunidade surda, contendo um vídeo em Libras (Língua Brasileira de Sinais) sinalizando as principais partes escritas que estão no trabalho, com exceção dos “Quiz” e do poema. O mesmo foi desenvolvido pelo próprio autor, pensando em dar mais acessibilidade ao conteúdo por pessoas que tenham a deficiência auditiva.

Com o desenvolvimento deste Objeto de Aprendizagem, espera-se que o conteúdo apresentado e discutido, possa acrescentar ao ensino de História, no que tange ao tema abordado, incentivando, pelo menos uma parcela dos alunos que tiverem contato com este trabalho a querer se aprofundar mais sobre o tema.

Nas considerações que seguem adiante, intituladas como “Orientações sobre o Objeto de Aprendizagem”, estão dispostas as orientações ao professor sobre como seria a aplicação do trabalho diretamente na escola básica, em forma de um “Plano de aula”, descrevendo o tempo necessário para o seu desenvolvimento, número de aulas, o local onde devem acontecer as aulas, os recursos didáticos que serão usados, além de exemplificar no que o professor poderá ajudar os alunos e o que se espera deles.

Concomitantemente, estão sinalizadas questões sobre como se dará a avaliação, como será avaliar o conhecimento adquirido através do “Quiz” proposto e uma pequena reflexão teórica baseada em Luckesi (2008), sobre a importância de tal processo. A proposição elaborada a seguir sobre como aplicar em sala de aula o trabalho, tem a sua pertinência, pois facilita o manejo do professor para com os alunos ao utilizar o conteúdo apresentado, detalhando os momentos, além de orientar o decorrer do trabalho.

5.1 ORIENTAÇÕES SOBRE O OBJETO DE APRENDIZAGEM

Tema - **A mística de João da Cruz no cenário de reformas do século XVI**

Conteúdos abordados: Reforma Protestante e Reforma Católica no século XVI; o interior da Ordem do Carmelo no mesmo período passando por uma reforma radical liderada por Teresa de Jesus e João da Cruz e a contribuição da mística de João da Cruz para o período.

Série/Ano: O objeto educacional destina-se tanto para alunos do Sétimo ano do Ensino Fundamental, quanto para alunos do Segundo ano do Ensino Médio.

Objetivo geral: Compreender as condições da época em que João da Cruz viveu no século XVI, na Espanha e como o seu misticismo pode proporcionar uma renovação da espiritualidade e a reforma do Carmelo.

Objetivos específicos

- Buscar a contribuição de João da Cruz com a reforma da Ordem do Carmelo, atentando-se sobre as influências que teve no contexto da época, ao mostrar uma nova via para alcançar a intimidade com um Deus entendido como o Amor através do misticismo.
- Investigar no que a espiritualidade e o radicalismo propostos pela ideologia joãocruciana acrescentaram para que ele se tornasse uma figura política na Espanha e no mundo.
- Entender a visão que foi criada sobre João da Cruz como homem do século XVI e para a Igreja católica no cenário da Reforma Protestante e da Reforma Católica.

Tabela 2 – Especificação do plano de aula a ser trabalhado usando o Objeto de Aprendizagem sobre o presente tema.

Sequência didática de Atividades	Papel do Professor	Papel do aluno
Atividade 1	Contextualizar o período do século XVI, na Espanha sobre a Reforma Protestante e a Reforma Católica. (Apresentar a primeira parte textual do Objeto de Aprendizagem que evidencia tal assunto). Mostrar aos alunos o que é a Ordem do Carmelo, quem foi João da Cruz e o que ele realizou que provocou a reforma dentro da Ordem do Carmelo. (Estudo da segunda parte textual do Objeto de Aprendizagem e ver figuras)	Ler os textos propostos no Objeto de Aprendizagem e fazer reflexões sobre os temas propostos. Assistir aos vídeos sugeridos no Objeto de Aprendizagem para melhor elucidar o conteúdo.
Atividade 2	Ler o poema “Noite Escura”, famoso poema de João da Cruz que está disponível no Objeto de aprendizagem. Levar os alunos a responderem ao “Quiz” sobre quem foi João da Cruz. Instigar os alunos para falarem o que há de diferente no poema lido, a linguagem, a voz do eu-lírico. Falar com os alunos sobre os aspectos políticos marcantes em João da Cruz e levá-los a compreender como este se tornou uma figura histórica para a época, devido ao seu misticismo.	Ler o poema disponível no Objeto de Aprendizagem. Abrir discussão com a turma sobre o tema. Responder ao “Quiz”.
Atividade 3	Evidenciar o período já estudado e comparar o movimento da Reforma Católica com a reforma idealizada por João da Cruz dentro da Ordem do Carmelo. Incentivar os alunos a realizarem as atividades interativas propostas como forma de avaliação dos conhecimentos.	Pesquisar mais sobre o tema em outros recursos e links disponíveis no Objeto de Aprendizagem. Ler os textos que falam sobre a Reforma Católica e a reforma no Carmelo. Discutir com os colegas sobre o tema. Responder às atividades avaliativas e interativas propostas.

Fonte: Elaborada pelo autor (2020).

Materiais Curriculares a serem utilizados: Computador, celular, *tablet* e pode ser utilizado o *Datashow*, se a atividade for organizada para mais pessoas ao mesmo tempo.

Maneira de organização dos alunos: Ao utilizar o Objeto Educacional aqui desenvolvido, o conteúdo pode ser ministrado com os alunos organizados de duas maneiras: De forma individual, ou seja, cada aluno tem acesso ao computador ou *tablet*, ou em grupos de no máximo três alunos por computador. Porém, toda a atividade deve ser orientada pelo professor, apesar de já vir bem clara e direcionada diretamente para que os alunos consigam acessar ao conteúdo e se auto avaliarem com os “*Quiz*”.

Organização do conteúdo: Antes de promover o acesso dos alunos ao Objeto de Aprendizagem propriamente dito, o professor de História poderá promover uma aula interdisciplinar com a matéria de Língua Portuguesa ou Filosofia, levando os alunos a fazer leitura e interpretar o poema “Noite Escura” de João da Cruz, discutindo sobre o conteúdo do poema, apontar sobre ele ser reconhecido como o maior poeta na Espanha. Poderão ainda ser estudados os traços linguísticos e a construção literária que o autor utiliza para expressar a grandeza da união mística da alma com Deus.

Posterior às aulas de análise do poema, o professor deverá lembrar os alunos sobre o período da Reforma Protestante e Reforma Católica. Após isso, poderá ocorrer a apresentação do Objeto de Aprendizagem, introdução sobre o período histórico do século XVI na Espanha, contextualização sobre o que foi o Concílio de Trento, apresentação do que é a Ordem do Carmelo, introdução sobre quem foi João da Cruz e no que a sua mística contribuiu para que ele se tornasse muito mais que um reformador em sua Ordem, mas um ícone teológico.

Dado tal processo, os alunos tendo acesso ao Objeto de Aprendizagem, poderão reler o poema de João da Cruz, intitulado “Noite Escura”, além de poder assistir um pequeno filme biográfico sobre ele, disponível no arquivo. Ao longo das atividades de leitura, o aluno deve responder aos “*Quiz*” e às atividades interativas sobre o tema, como forma de avaliação do conteúdo. Nos “*Quiz*” já aparece a resposta automática para o aluno, se ele errou ou acertou e tem pistas para auxiliá-los, portanto,

é um processo interativo de análise que mostra se o aluno compreendeu o conteúdo ou não, não exigindo registro físico.

Tempo estimado para a conclusão da atividade proposta no Objeto de Aprendizagem: Presume-se que serão necessárias pelo menos três aulas de cinquenta minutos para a realização de todas as atividades propostas. Porém, isso dependerá do desempenho do aluno ou de seu grupo.

Avaliação: A avaliação se dará por meio das atividades interativas propostas no Objeto de Aprendizagem que já mostram o resultado automaticamente, sendo que cada alternativa tanto as erradas, quanto as corretas, virão com um comentário anexado para motivar os alunos.

Partindo do pressuposto de que a avaliação, segundo Libâneo (1992, p. 195), “É uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem”. A avaliação do aluno no Objeto Educacional ocorrerá sob o viés da idealização de que toda a aprendizagem deve ter um meio, um sentido e um porquê. Assim, para saber se o aluno compreendeu o conteúdo que está exposto no Objeto de Aprendizagem, será feita uma avaliação que revela se o aluno assimilou o que está explícito no trabalho através do recurso disponível chamado “*Quiz*”, usado na ferramenta de construção do arquivo.

Segundo Luckesi (2008, p. 93), o conceito de avaliação é distinto do de verificação:

A avaliação, diferentemente da verificação, envolve um ato que ultrapassa a obtenção da configuração do objeto, exigindo decisão do que fazer ante ou com ele. A verificação é uma ação que ‘congela’ o objeto; a avaliação, por sua vez, direciona o objeto numa trilha dinâmica de ação.

Na auto avaliação que os alunos irão fazer deles mesmos sobre o tema, não interessa a somatória de notas nas questões, pelo contrário, o que nos motiva é saber que o aluno tenha assimilado e tomado gosto pelo conteúdo abordado no Objeto de Aprendizagem. Tanto que, ao realizar o “*Quiz*”, os alunos não terão uma média de notas. Luckesi (2008, p. 18), afirma que erroneamente, na escola básica,

O que predomina é a nota: não importa como elas foram obtidas nem por quais caminhos. São operadas e manipuladas como se nada tivessem a ver com o percurso ativo do processo de aprendizagem.

Portanto, o maior foco do Objeto de Aprendizagem proposto é propiciar que os alunos sintam prazer em adquirir tal conhecimento e não somente obter nota com os resultados.

6 CONCLUSÃO

Ao conhecer um pouco mais sobre o período das grandes “reformas” do século XVI, foi possível perceber que os questionamentos suscitados por Lutero, obtiveram respostas concisas da Igreja, configuradas no Catecismo Romano, elaborado com as conclusões do Concílio de Trento e na conseqüente atenção que foi dada à preparação dos clérigos, estrutura dos conventos, retomada de uma espiritualidade mais voltada para a intensificação das orações e singular atenção às obras sociais da Igreja.

No mesmo cenário de reformas, no claustro carmelita, após passar por muitas agruras, João da Cruz, firme ao lado de Teresa de Jesus, recebeu a aprazível notícia da oficialização de separação da Ordem do Carmelo e até hoje o Carmelo segue dessa maneira.

Verificou-se que em João da Cruz, há uma tentativa de explicar, da forma mais clara possível, sobre o processo como o corpo e alma se desenvolvem nas etapas que são construídas ao longo do encontro do criado com o Criador. Pautando-se em sua experiência pessoal, o autor revela que a figura da noite não pode ser entendida como algo ruim, mas como uma graça, pois por meio dela, é possível unir-se ao sagrado, tão buscado e presente no cotidiano e mentalidade do século XVI.

Ao longo do trabalho, foi possível entender, de maneira mais detalhada, sobre as explicações das metáforas das três noites, momentos em que a pessoa fica “cega” e não enxerga nada, no sentido espiritual, pois, estando em um estágio avançado de estreiteza amorosa com o Criador, é o próprio Amor que a conduz e a fortalece para suportar humilhações, sofrimentos e dores, em total silêncio e escondimento, a fim de oferta-las ao Amado. No entanto, a cegueira é apontada como um ofuscamento que a própria luz que emana do Criador causa no amante, revelada na contradição presente na linguagem do poema “Noite escura”: “Em uma noite escura [...] Essa luz me guiava” (Cruz, 1998, p. 36-37), pelo fato de que a luz extremamente forte, tira a visão daquele que se dispõe a buscar, com maior intimidade, o Amado.

A mística apontada em João da Cruz, entende-se que foi e é uma direção para a Ordem do Carmelo Descalço, que até hoje se baseia em seus escritos, sendo de extrema importância ressaltar que a seu tempo, ao lado de Teresa de Jesus, ambos foram cruciais para desconstruir o ordinário da rotina em sua Ordem, com a intenção

de enchê-lo do extraordinário, levando cada ação dos carmelitas a se tornar um gesto de amor, o que configurou no sucesso da reforma que iniciaram. Por outro lado, a obra do santo reformador é repleta de conteúdo teológico e filosófico, sendo muito usada entre os estudiosos de tais áreas.

O fato de João da Cruz ter sido o “pai” reformador do Carmelo, não lhe privou das burocracias e inconstâncias de seus colegas, pois antes mesmo da sua morte, já havia grande tendência de mudanças quanto às alterações no estilo de vida dos carmelitas reformados e o próprio João da Cruz foi perseguido até minutos antes de sua partida, assim, infere-se que, como foi falado por diversas vezes ao longo do trabalho, o ser humano é fraco e cheio de imperfeições, o que o leva a afastar-se de seus propósitos e causa tantos motivos de revoltas e questionamentos, como aconteceu na conjuntura de reformas espirituais daquele século.

Por conseguinte, através da análise do poema “Noite escura” e do livro em prosa “Subida do Monte Carmelo”, mais que compreender os meios que levam à união, a principal intenção do autor era levar seus leitores a perceberem, assim como dizia a célebre carmelita do século XIX, Teresinha do Menino Jesus, que o Monte Carmelo, nada mais é do que a grande Montanha do Amor, então, toda a mística carmelita se dá em torno de amar, visto que só o amor pode permitir com que o amante gaste sua vida e aceite, secretamente, os sofrimentos do dia a dia, pois só ao Amado os deseja revelar, na via mística, sendo transformados em joias preciosas, que o amante um dia poderá oferecer ao Amado, o ser supremo e causa de alegria para aqueles que o querem seguir mais de perto. Todavia, tal espiritualidade faz com que o corpo, seja ao mesmo tempo sacrificado, no oferecimento e abandono dos sentidos e meio para unir-se ao Amor, pois é através dele que se chega ao cume do Monte de Perfeição.

Também não se pode deixar de mencionar a importância que a opção pela vida de oração, contemplação e mística trouxe um marco para o século XVI, sendo demonstrados seus frutos no trabalho social da Igreja, que intensificou ainda mais os cuidados para com os menos favorecidos e ao mesmo tempo, foi um impulso e resposta concreta à Reforma Protestante. Neste ínterim, João da Cruz, ao lado de tantos santos, fizeram com que o seu tempo fosse chamado de “século dos santos”, pois, com o testemunho de suas vidas, se tornaram responsáveis por acalmar um tempo difícil em que a Igreja passava, transformando o relaxo da vida espiritual em um verdadeiro caminho de santidade, concretizado através da austeridade de vida e

oração intensa, repercutindo em obras de serviço direto à população, o que contribuiu para intensificação da espiritualidade na Igreja.

A maior motivação com o trabalho foi revelar um pouco do que ocorria no interior da Igreja no cenário da Reforma Protestante e Reforma Católica, visto que nos livros didáticos que foram analisados e que são usados na rede municipal de Paraguaçu-MG, contém poucas informações sobre esta realidade, sendo abordados, na maioria deles, apenas sobre o Concílio de Trento e o trabalho dos jesuítas, deixando a desejar sobre como foi a movimentação em uma das bases da Igreja, que são as Ordens religiosas, por isso tamanho apreço e dedicação em elencar a história que envolveu a reforma da Ordem do Carmelo.

No decorrer do trabalho, o objetivo era não deixar de mostrar a essência de João da Cruz e o que sua vida significou para a Ordem do Carmelo e para o período em que viveu. Ao contrário do que muitos dizem, foi demonstrado ao longo do trabalho que o século XVI não foi, de forma alguma, um momento de trevas, mas, sim, um despertar de muita luz, tanto que materializou diversos tesouros para a humanidade, tanto no âmbito literário, artístico, cultural, quanto na espiritualidade.

Encerra-se o presente trabalho com a certeza de que não nos limitamos em apresentar João da Cruz apenas como um monge preso em seu claustro rezando, muito ao contrário, a movimentação e o esforço dispensados por ele e Teresa de Jesus, para reformar a Ordem do Carmelo e tantas outras figuras que desconstruíram o seu ordinário no sentido místico, conseguiram responder ao cenário de reformas do século XVI de modo singular e sem perder a fé. Como o interior das Ordens religiosas neste período é um viés pouco trabalhado em sala de aula, espera-se ter contribuído com o ensino e aprendizagem de História na educação básica, proporcionado uma nova visão para os alunos, visto que nos livros didáticos usados nas últimas coleções adquiridas pelo município de Paraguaçu-MG, aos quais analisamos, são focados em detalhar a Reforma Protestante e pouco abordam as minuciosidades dos membros da Igreja que lutaram bravamente para manter a fé, que foi ainda mais fortalecida naquele cenário, através da mística e do serviço social direcionado ao povo. Para isso, com o Objeto de Aprendizagem construído com o tema voltado sobre a mística de João da Cruz, somado à forma, linguagem didática e *design* interativo como foi construído, espera-se que possa dispensar efeitos positivos na sala de aula da educação básica, sendo um recurso a mais que poderá auxiliar os professores, além

de atingir, através do vídeo em libras, produzido pelo autor, a comunidade surda, que muitas vezes se vê excluída em grande parte da realidade escolar.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz de. **História da Igreja – Idade Média**. 4. ed. – Lorena: Cléofas, 2019.
- APOLINÁRIO, Maria Raquel. **História: Projeto Araribá Plus 7 ano**. 2. ed São Paulo: Moderna, 2014.
- BETTENCOURT, D. Estevão, osb. **Revista: Pergunte e Responderemos**. n. 429, 1998.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Ave-Maria**, 141.ed. São Paulo: Editora AveMaria, 1959, (impressão 2001). 1632p.
- BRAGA, Juliana. **Objetos de aprendizagem, volume 1: introdução e fundamentos** / Organizado por Juliana Cristina Braga — Santo André: Editora da UFABC, 2014. 148 p.: il.
- BRUNO DE JÉSUS- MARIE, **Saint Jean de la Croix** (Paris, Plon, 1929) p. 94.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Uma introdução à História**. 5. ed. Brasiliense, 1986.
- CATECISMO ROMANO: nova versão portuguesa baseada na edição autêntica de 1566. Petrópolis: Vozes, 1951.
- CARMELO. **Regra constituições e normas aplicativas dos Irmãos descalços da Ordem da bem-aventura da Virgem Maria do Monte Carmelo**. Edições Carmelo, 2008.
- _____. **Regra da Ordem Terceira do Carmo ou da Ordem Carmelita Secular**. Cúria geral carmelitana, 2003.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel - 2. Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- CERTEAU, Michel de. **A fábula mística: séculos XVI e XVII – volume II**. Tradução de Abner Chiquieri; revisão técnica Manoel Barros da Motta. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Forense, 2015.
- CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 1992.
- COLL, C. **O Construtivismo na sala de aula**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2009.
- CORTÁZAR, Fernando García de. VESGA, José Manuel González. **Breve historia de España**. Alianza Editorial, Madrid, 2012.
- CRISÓGONO de Jesús Sacramentado, OCD. **San Juan de la Cruz, su obra científica y su obra literaria**. 2vols. Madrid: Mensajero, 1929.

DUQUE, Baldomero Jiménez. **San Juan de la Cruz figura y mensaje**. Madrid: San Pablo, 2000.

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Ver. Ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. Martins Fontes, 2006.

FRANKE, William. **Edited with theoretical on critical essays**. Notre Dame: University Notre Dame Press, 2007. v. 1.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GRIMANI, Sandro OCD. **Voando alto - Metáforas, alegorias e Analogias na Experiência Mística de São João da Cruz**. Letra Capital Editora LTDA, 2008.

HOURCADE, J. J. García. **Trento: negociación y discernimiento. vergentis 1** [Diciembre 2015] pp. 215----254 ISSN: 2445----2394. Disponível em: <http://vergentis.ucam.edu/revistas/numero1/bibliografia/8.j.j.garcia-hourcade.pdf>. Acesso dia 23 abr. 2019.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2005: Bento XVI). **Carta Encíclica Deus Caritas Est**. Do Sumo Pontífice Bento XVI. São Paulo: Paulinas, 2006.

JOÃO DA CRUZ, São João da. **São João da Cruz - Obras Completas**. Vozes, Petrópolis, 1988.

_____. **Vida y obras de San Juan de la Cruz**. Madrid, La Editorial Católica, 1955.

_____. **Subida do Monte Carmelo**. São Paulo: Paulus; Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

KEMPIS, Tomás de. **Imitação de Cristo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992.

LIMA, Maria Graciele de. A linguagem da mística medieval cristã no poema Coloquio de amor de Teresa d'Ávila. **Revista Graphos**, Paraíba, v. 17, n. 2, 2015.

LOIOLA, Inácio de. **Exercícios Espirituais**. Porto Alegre: Edições Loyola, 1966.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 19. ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

MARTINS, Flat James de Souza. Análise histórica, religiosa e educacional sobre o Catecismo do Santo Concílio de Trento. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano II, n. 6, Fev. 2010. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh>. Acesso dia 08 abr. 2019.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais. **Conteúdo Básico Comum (CBC) – História / Ensinos Fundamental e Médio**. Governo do Estado de Minas Gerais, 2008, 52p.

PELLEGRINI, Marco; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. **Vontade de saber história: 7º ano**. São Paulo: FTD, 2009.

PROJETO ARARIBÁ. História, Editora Moderna, (4 volumes - 6º ao 9º ano de Ensino Fundamental), 2007.

QUADROS, Elton Moreira. **Eros, Fília e Ágape: o amor do mundo grego à concepção cristã**. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, vol. 33, núm. 2, 2011, pp. 165-171. Universidade Estadual de Maringá. Maringá. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3073/307325341005.pdf>. Acesso dia 01 jan. 2021.

ROJAS, Francisco Juan Martínez. **Trento: encrucijada de reformas**. Studia Philologica Valentina. Vol. 10, n. 7, 2007. p. 201-239. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2865439.pdf>. Acesso dia 20 abr. 2019.

ROPS, Daniel. **A Igreja da Renascença e da Reforma**. Tradução de Emérito da Gama. – São Paulo: Quadrante, 1999 – (Coleção História da Igreja de Cristo).

_____. **A Igreja das catedrais e das cruzadas** – 2 ed; tradução de Emérito da Gama. – São Paulo: Quadrante, 2011 - (Coleção História da Igreja de Cristo).

RUIZ, Federico. **Místico e mestre São João da Cruz**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SANTA, Teresa do Menino Jesus. **Obras completas e últimos colóquios/Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face**. Tradução Paulus Editora. – São Paulo: Paulus, 2002.

SILVA, Francisco Ribeiro da. **Filipe II de Espanha, Rei de Portugal**. (Colectânea de documentos filipinos guardados em Arquivos Portugueses), 2 v. Zamora, Fundação Rei Afonso Henriques, 2000.

STEIN, Edith. **A ciência da cruz**. Tradução de D. Beda Kruse. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

TANQUEREY, Ad. **Compêndio de Teologia Ascética e Mística**. Tradução do Ver. P. Dr. João Ferreira Fontes. Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1948.

TERRICABRAS, Ignasi Fernández. **La influencia del Concilio de Trento en las reformas descalzas**. Librosdelacorte.es, nº 9, año 6, otoño-invierno, 2014. Disponível em: <https://revistas.uam.es/librosdelacorte/article/view/2255/2360>. Acesso dia 20 abr. 2019.

_____. Universidad y episcopado en el siglo XVI. Las universidades donde estudiaron los obispos de las coronas de Castilla y de Aragón (1556-1598). **Revista de Historia Moderna. Anales de la Universidad de Alicante** nº 20 – 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/39176261_Universidad_y_episcopado_en_el_s_XVI_las_universidades_donde_estudiaron_los_obispos_de_las_coronas_de_Castilla_y_Aragon_1556-1598. Acesso dia 14 mai. 2019.

TOLEDO, César de Alencar Arnaut de. BARBOZA, Marcos Ayres. **A pedagogia humanista de São João da Cruz (1542-1591) no século XVI**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Paraná, 2009. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/download/3237/2554>. Acesso dia 22 abr. 2018.

VELASCO, J. Martin. **El fenómeno místico. Estudio comparado**. Madri: Trotta, 1999.

VIGARELLO, Georges; CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques. **História do corpo: da Renascença às luzes**. Tradução de Lúcia M. E. Orth; revisão da tradução Ephraim Ferreira Alves. 4. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

VILLOSLADA, Ricardo García. **Las raíces históricas del luteranismo**. Madrid: BAC, 1969.

WERMERS, Manuel Maria. **A Ordem Carmelita e o Carmo em Portugal**. 304 pp. Lisboa: União Gráfica, 1963.

WOJYTŁA, K. **A doutrina da fé segundo São João da Cruz**. In: *Collectanea Theologica*, Warsavia, n. 21, 1949.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução Ernani F. da F. Rosa – Porto Alegre: Artmed, 1998.

ANEXOS

ANEXO A - Cronologia da vida de João da Cruz

<i>Data</i>	<i>Acontecimento</i>	<i>Comentários</i>
1542	Nascimento de Juan de Yepes (João da Cruz) em Frontiveros, distrito de Ávila, Espanha.	É o terceiro filho de Gonzalo de Yepes e Catalina Álvarez. Seus irmãos são: Francisco e Luiz. Seus pais exerciam o ofício de tecelagem.
1545	Morte de seu pai.	Sua mãe se dirige a Toledo para buscar auxílio na família de seu marido, mas estes se negam. Tempo de constante pobreza e sofrimento: primeiras experiências de João com a cruz.
1548-1551	Morte de seu irmão e sua família se muda para Árevalo.	Passaram por muitas dificuldades financeiras. Provavelmente seu irmão teria morrido de fome.
1551	Família se instala em Medina del Campo e ele ingressa no Colégio de la Doctrina e lá começa a sua formação.	Era um colégio destinado a crianças órfãs e pobres. Desenvolve um dom para cuidar da sacristia e dos enfermos.
1553	Ano da mudança radical de Teresa de Jesus (maturidade espiritual).	Apesar de Teresa ter a idade para ser mãe de João, ambos se entendiam muito bem.
1559 – 1563	Estuda no Colégio dos jesuítas “Colégio de la Doctrina”. Além da formação humanística, aprendeu habilidades de carpinteiro, pintor, entalhador e enfermeiro, sendo que todas lhe serviriam mais tarde.	Quem o apoia financeiramente é Dom Alonso de Toledo, um nobre cavaleiro que abdicou de tudo para cuidar dos doentes no Hospital da Conceição e neste mesmo hospital João cuida dos doentes e descobre a sua vocação religiosa. Contudo,

		ingressa escondido no Carmelo, pois seu protetor desejava que ele fosse capelão do hospital.
Agosto de 1562	Teresa funda em Ávila, o primeiro convento feminino reformado.	
1563	Ingressa na Ordem do Carmelo e assume o nome Juan de San Matía	João havia recebido convites de outras Ordens, como os franciscanos e agostinianos, porém, pede o hábito na Ordem do Carmelo, que tinha maior devoção mariana.
1564	Acontece a sua profissão de votos simples na vida religiosa.	
1564-1568	Estuda na Universidade de Salamanca.	A Universidade de Salamanca estava em seu auge e possuía mais de seis mil alunos. João era considerado um aluno exemplar.
1565	Com o Concílio de Trento, os mosteiros foram obrigados a passar por reformas necessárias, logo, as freiras que moravam em conventos de clausura, tiveram que instalar grades sólidas nas janelas para evitar a entrada de homens em seu interior.	Teresa já havia proposto tal cenário, uma vez que até hoje os conventos do Carmelo Descalço são feitos com grades, logo, para visitar as monjas, o contato com elas é feito através de grades.
1567	Ordenado sacerdote em julho, em Salamanca. É eleito prefeito dos estudantes do Colégio de Salamanca.	João pensa em deixar a Ordem do Carmelo e ir para os Cartuxos, mas no mesmo ano, se encontra com Santa Teresa e ele se torna o seu braço direito. Ambos se

	Em agosto celebra a sua primeira missa em Medina del Campo.	empenham para a separação da Ordem em calçados e descalços.
	Em setembro ou outubro, se dá o seu primeiro encontro com Teresa e ele conhece mais de perto a reforma que ela estava empenhada.	
1568	É inaugurado o primeiro convento masculino, em Duruelo (distrito de Ávila) e assume o nome de Juan de la Cruz (João da Cruz).	Com ele, se juntam dois monges. João pede para que toda as casas fundadas fossem ornamentadas com cruces e caveiras, para que se tornasse uma referência que ali era lugar de oração e penitência.
1569	Mestre de noviços em Duruelo e Mancera.	Seu maior papel foi formar e instruir espiritualmente os descalços.
1571	É reitor do primeiro colégio reformado, em Alcalá de Henares.	
1572 - 1577	Se torna confessor e diretor espiritual das monjas e de Teresa, no mosteiro da Encarnação.	
1576	Preso por pouco tempo em Medina del Campo e logo é solto, por intermédio do núncio Ormaneto.	O núncio Ormamaeto era quem protegia os descalços.
Dezembro de 1577	Prisão em Toledo por nove meses.	É levado a força para o convento calçado em Toledo. Lá sofre açoites, humilhações e passa fome. Ficou trancado em uma

		cela que não permitia a entrada da luz, em pleno verão. Neste período escreve os seus poemas místicos.
<i>Agosto de 1578</i>	Fuga da prisão.	Para poder sobreviver, foge pela janela, fazendo uma corda com pedaços de seu hábito. Pede auxílio na casa das descalças em Toledo e, posteriormente, é mandado para o hospital, para recuperar-se.
<i>Outubro de 1578</i>	No Capítulo dos descalços é eleito vigário do convento em Jaén.	
1579	Fundação do Colégio em Baeza do qual João é reitor.	
1580	Morre sua mãe, Catalina Alvarez.	Morte de sua mãe, em Medina del Campo, devido ao “catarro universal” uma epidemia que em poucos meses matou um número considerável de pessoas.
1580	Gregório XIII autoriza a construção de uma província dos Descalços.	Autorização de separação da Ordem.
1581	Participa do Capítulo de separação da Ordem, em Alcalá de Henares, sendo a reforma proclamada oficialmente como “Província Independente de Carmelitas Descalços”. Funda a casa das monjas em Granada.	
<i>Novembro de 1581</i>	No dia 28 se dá o último encontro dos cofundadores do Carmelo Descalço.	O último encontro dos dois ocorreu em Ávila, quando ele foi até ela para decidirem sobre

		novos conventos para serem fundados.
1582	Morte de Teresa. É prior em Granada – cargo que ocupará até 1585.	Recebe a triste notícia da morte de Teresa.
1583	No Capítulo de Almodóvar, continua como prior de Granada.	
1584	Inicia a redação de seus tratados espirituais.	
1585	No Capítulo provincial de Descalços, em Lisboa é eleito segundo Definidor e vigário da Andaluzia, continua morando em Granada, porém, deixa o cargo.	Com este Capítulo, fica decidido que padre Gracián fica sendo o primeiro definidor e padre Doria o provincial. João da Cruz faz várias viagens visitando os conventos reformados e ministrando orientações espirituais.
1586	Muda-se para Córdoba em maio, para uma nova fundação e, em dezembro, para Caravaca, para outra nova fundação de descalços.	Estima-se que entre os anos de 1586 e 1587, João da Cruz tenha andado cerca de vinte e sete mil quilômetros entre novas fundações, visitas e compromissos, passando pelas cidades de Córdoba, Beas, Bujalance, Baeza, la Manchuela (Jaén), Guadalcazar e Sabiote.
1587	Cessam os cargos de Definidor e Vigário da Andaluzia, é nomeado prior de Granada.	Provavelmente, nos últimos anos de sua vida, consegue se dedicar mais à escrita das explicações de seus poemas.
1588	Participa, em Madri, do primeiro Capítulo Geral da Reforma. Padre Doria é nomeado Vigário Geral.	Começam a surgir distinções entre o carisma da reforma teresiana e o que o padre Doria propunha, implicando em novas

		perseguições de João da Cruz até o dia de sua morte.
1589	Deixa o priorado em Granada e o assume em Segóvia.	
1590	Participa do Capítulo Geral extraordinário em Madri e discorda das propostas do padre Doria.	João profetiza que após o Capítulo seria jogado de lado como um pano velho e o foi.
1590	Papa Sisto V, confirma a Constituição das Descalças, escritas por Teresa.	Foi um dos motivos para o superior da Ordem, padre Doria, intensificar a desordem e seus pensamentos polêmicos.
1591	Em junho, assiste ao Capítulo Ordinário, em Madri, e volta como súdito, sem nenhum cargo. Em julho, padre Doria o destina para o México, mas ele de fato, nunca chegou a ir para lá, pois logo adoeceu, contraindo erisipela.	João da Cruz permanece insistindo em levar os ideais da reforma teresiana nos conventos reformados e entra em desacordo com o seu superior, padre Doria.
1591	Em setembro, já enfermo, é enviado para Úbeda. Em dezembro, dia 14, em um sábado, durante a madrugada, morre aos quarenta e nove anos.	Sofre muitas humilhações em Úbeda, o prior o persegue dizendo que dava muitos gastos ao convento. Não recebe os tratamentos adequados diante da medicina da época. Pede o hábito como esmola e diz que cantará a oração das matinas, no céu.
1593	Seus restos mortais são trasladados para Segóvia.	

1614	Começam os preparativos para dar entrada ao seu processo de beatificação.
1618	Edição Príncipe das obras de João da Cruz, em Alcalá de Henares. A edição príncipe não continha o Cântico Espiritual que foi adicionado posteriormente, em 1622, já em língua francesa.
1675	Sua beatificação por Clemente X.
1726	Sua canonização por Bento XIII.
1926	É exaltado como Doutor Místico da Igreja por Pio XI.
1952	É declarado patrono dos poetas espanhóis.
1991	É nomeado Doutor Honorário pela Universidade de Salamanca.

Fonte: Elaborada pelo autor (2020).


ANEXO B - Imagens ilustrativas do Objeto de Aprendizagem

A MÍSTICA DE JOÃO DA CRUZ NO CENÁRIO DE REFORMAS DO SÉCULO XVI

menu

A MÍSTICA DE JOÃO DA CRUZ NO CENÁRIO DE REFORMAS DO SÉCULO XVI

- Quem foi São João da Cruz
- Breve contextualização da Igreja no século XVI
- Curiosidades sobre João da Cruz e Teresa de Jesus
- Conteúdo do trabalho disponível para a comunidade surda



Ativar o Windows
Acesse Configurações para ativar o Windows.

Nossa Senhora do Carmo com os reformadores da Ordem do Carmo: São João da Cruz e Santa Teresa de Jesus. Disponível em: <https://br.criateros.com/ain/321163017154806026/>


Quem foi São João da Cruz | menu

Quem foi São João da Cruz

- A MÍSTICA DE JOÃO DA CRUZ NO CENÁRIO DE REFORMAS DO SÉCULO XVI
- Quem foi São João da Cruz
- Breve contextualização da Igreja no século XVI
- Curiosidades sobre João da Cruz e Teresa de Jesus
- Conteúdo do trabalho disponível para a comunidade surda

Neste tópico do estudo você conhecerá quem foi São João da Cruz.

Bora lá conhecer São João da Cruz?



São João da Cruz, estampeado, segundo referências, no convento das Carmelitas de Yéres, e feito no ano de 1617. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4469738>

Breve Biografia

No ano de 1542, São João da Cruz, com o nome civil de Juan de Yepes, nasce em Fontiveros, sendo um distrito de Ávila, na

Quem foi São João da Cruz | F: X

file:///C:/Users/Silmara/Documents/MEGA/Dissertação/OA Silmara 2020/mestrado/Objeto_educacional_SJC/quem_foi_so_joc...

Você sabia que ele foi declarado o maior poeta da Espanha?

Seus poemas, apesar de terem sido escritos no século XVI, nos levam a sentir o sabor da atualidade e podem ser interpretados de diferentes formas!

Ele foi um personagem histórico e muito inteligente, defendeu pensamentos teológicos e filosóficos da época, que muitos doutores não compreendiam e, por isso, sempre era consultado por professores das principais universidades espanholas.

Também fundou escolas na Espanha e ajudou muitas pessoas carentes.

Tenho certeza que você vai curtir a simplicidade e o amor dele para com as pessoas!

17:00 14/11/2020

Breve contextualização da Igreja | X

file:///C:/Users/Silmara/Documents/MEGA/Dissertação/OA Silmara 2020/mestrado/Objeto_educacional_SJC/breve_contextualiz...

menu

Breve contextualização da Igreja no século XVI

A MÍSTICA DE JOÃO DA CRUZ NO CENÁRIO DE REFORMAS DO SÉCULO XVI

Quem foi São João da Cruz

Breve contextualização da Igreja no século XVI

Quiz

Curiosidades sobre João da Cruz e Teresa de Jesus

Conteúdo do trabalho disponível para a comunidade surda

O mundo no século XVI

17:01 14/11/2020

Breve contextualização da Igreja X

file:///C:/Users/Silmara/Documents/MEGA/Dissertação/OA Silmara 2020/mestrado/Objeto_educacional_SJC/breve_contextual...

Breve contextualização do século XVI

Pode-se dizer que a Idade Média foi um período turbulento para a Igreja Católica em geral, pois nela ocorreu a Reforma Protestante, inicialmente liderada por Martinho Lutero que propunha uma revisão da própria fé.

Em resposta à Reforma Protestante, a Igreja promoveu a Reforma Católica, sendo concretizada com o Concílio de Trento.

O Concílio de Trento durou 18 anos e com o seu término, em 1563, surgiram muitas promulgações que os membros da Igreja deveriam seguir. Nele a Igreja reconheceu que existiam muitos erros, como a simonia, o nicolaísmo, dentre tantos outros que foram combatidos com a Reforma Católica.

A Ordem do Carmelo no século XVI

Frete ao contexto histórico que ocorreu com a Igreja no século XVI, permeado de contradições e inovações do pensamento, existiam dois monges católicos que também não estavam satisfeitos com o que estava ocorrendo no interior da sua Ordem religiosa: a Ordem do Carmelo.

Esses dois religiosos, Teresa de Jesus e João da Cruz, em um anseio de viver uma vida verdadeiramente voltada para Cristo e que obedecesse à regra de vida original da instituição, começaram a promover radicais modificações no interior daquela Ordem e, dali em diante, mudariam o rumo de suas vidas e contribuiriam, tanto para o momento histórico conflituoso da época, quanto para os nossos dias atuais.

Após muitas perseguições internas dos próprios companheiros, conseguiram fazer com que a Ordem do Carmelo retornasse às origens estabelecidas na regra de vida que havia sido criada na fundação da Ordem.

Para isso, a instituição foi separada em duas partes e ganharia um novo nome: a Ordem dos Carmelitas Calçados, para aqueles que estavam satisfeitos com a Ordem e, junto com os reformados, surgia a Ordem dos Carmelitas Descalços, para aqueles que desejaram uma renovação da espiritualidade e seguiram os dois santos em questão e até hoje se mantêm essas

17:01
14/11/2020

Breve contextualização da Igreja X

file:///C:/Users/Silmara/Documents/MEGA/Dissertação/OA Silmara 2020/mestrado/Objeto_educacional_SJC/breve_contextual...

Voltando-nos para a Espanha, nosso trabalho consiste em analisar a influência histórica, nos restringindo apenas em São João da Cruz, no século XVI. Nosso objetivo inicial será analisar as questões relativas à importância dele como reformador e revolucionário, observando o fato de como a fé e a devoção foram um caminho que o levou a contribuir para os momentos conturbados em que a sua Ordem religiosa e a Igreja em si, estavam vivenciando no período.

Bandeira do Império Colonial Espanhol (1492-1715) Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Flag_of_Cross_of_Burgundy.svg

Bandeira da Espanha, país onde ocorre a história que estamos estudando. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/bandeira-da-espanha/>

Sob licença [licença Creative Commons Atribuição Compartilha Igual 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/)

17:01
14/11/2020

Quiz | A MÍSTICA DE JOÃO DA CRUZ


file:///C:/Users/Silmara/AppData/Local/Temp/Rar\$EXa4696.7787/Objeto Silmara - Concluido/Objeto_educacional_SJC/quiz.htm

A MÍSTICA DE JOÃO DA CRUZ NO CENÁRIO DE REFORMAS DO SÉCULO XVI

menu

Quiz

- A MÍSTICA DE JOÃO DA CRUZ NO CENÁRIO DE REFORMAS DO SÉCULO XVI
- Quem foi São João da Cruz
- Breve contextualização da Igreja no século XVI
- Quiz
- Curiosidades sobre João da Cruz e Teresa de Jesus
- Conteúdo do trabalho disponível para a comunidade surda



Ativar o Windows
Acesse Configurações para ativar o Windows.

file:///C:/Users/Silmara/AppData/Local/Temp/Rar\$EXa4696.7787/Objeto Silmara - Concluido/Objeto_educacional_SJC/curiosidades_sobre_joo_da_cruz_e_teresa_de_jesus.html

17:39
14/11/2020

Quiz | Nome do projeto


file:///C:/Users/Silmara/Documents/MEGA/Dissertação/OA Silmara 2020/mestrado/Objeto_educacional_SJC/quiz.html

Perguntas de escolha múltipla

Qual foi o motivo para São João da Cruz promover a Reforma da Ordem do Carmelo?

Pista

- Os monges carmelitas estavam querendo ser protestantes como Martinho Lutero.
- Os monges carmelitas não queriam obedecer à regra de vida da instituição, pois estavam acostumados a viver sem esforço e sem penitências.



Isso mesmo! São João da Cruz ficou muito triste com a vida tranquila dos monges e propôs uma vida mais austera e voltada para oração.

17:02
14/11/2020

Quiz | Nome do projeto


file:///C:/Users/Silmara/Documents/MEGA/Dissertação/OA Silmara 2020/mestrado/Objeto_educacional_SJC/quiz.html

Perguntas de escolha múltipla

O que foi a Reforma Protestante?

Pista

- Foi um movimento de revolta contra a Igreja, pois estava cheia de ideias vazias, havia muita riqueza dentro dela, além disso estavam sendo vendidas indulgências e a espiritualidade estava sendo deixada de lado.
- Foi uma discussão que houve entre os padres católicos que estavam cansados de ver só coisas erradas na Igreja e queriam mudar tudo.

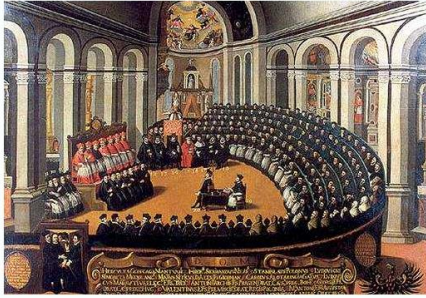


17:02
14/11/2020

Quiz | Nome do projeto

file:///C:/Users/Silmara/Documents/MEGA/Dissertação/OA Silmara 2020/mestrado/Objeto_educacional_SJC/quiz.html

Perguntas de escolha múltipla



Essa imagem retrata o Concílio de Trento importante encontro de bispos e Papa para decidir o que fazer para diminuir o protestantismo. O que foi a Reforma católica?

Pista

- Foi o apoio da Igreja ao protestantismo, reconhecendo que ela estava errada.
- Foi um movimento que a Igreja liderou para repensar no que ela deveria mudar para melhorar a espiritualidade e

17:03
14/11/2020

Curiosidades sobre João da Cruz

file:///C:/Users/Silmara/Documents/MEGA/Dissertação/OA Silmara 2020/mestrado/Objeto_educacional_SJC/curiosidades...

menu

Curiosidades sobre João da Cruz e Teresa de Jesus

A MÍSTICA DE JOÃO DA CRUZ NO CENÁRIO DE REFORMAS DO SÉCULO XVI

Quem foi São João da Cruz

Breve contextualização da Igreja no século XVI

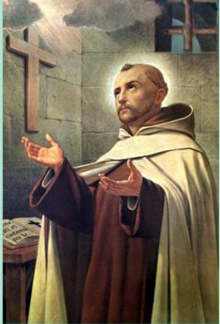
[Curiosidades sobre João da Cruz e Teresa de Jesus](#)

Quiz

A reforma da Ordem do Carmelo

Quer saber mais sobre o assunto?

Conteúdo do trabalho disponível para a comunidade surda



São João da Cruz. Disponível em: <https://cruxetresanta.com.br/historia-de-sao-joao-de-cruz/264/102/>


17:03 14/11/2020

Curiosidades sobre João da Cruz

file:///C:/Users/Silmara/Documents/MEGA/Dissertação/OA Silmara 2020/mestrado/Objeto_educacional_SJC/curiosidades...

Um pouco mais sobre São João da Cruz

Em um cenário de mística, com exatidão, João da Cruz e Teresa de Jesus, são os únicos que receberam o título de “Doutores Místicos da Igreja”, ou seja, além da titulação de Doutores, são também honrados como Místicos, pois a Igreja reconhece a tamanha experiência mística que ambos tiveram com Deus em suas vidas.



Santa Teresa de Jesus. Disponível em: <https://www.comshalom.org/so/vma-de-santa-teresa-davila/>

17:03 14/11/2020

Quiz | Nome do projeto


file:///C:/Users/Silmara/Documents/MEGA/Dissertação/OA Silmara 2020/mestrado/Objeto_educacional_SJC/quiz0.html

menu

Quiz

E agora...

Você já se tornou fã de São João da Cruz?



A MÍSTICA DE JOÃO DA CRUZ NO CENÁRIO DE REFORMAS DO SÉCULO XVI

Quem foi São João da Cruz

Breve contextualização da Igreja no século XVI

Curiosidades sobre João da Cruz e Teresa de Jesus

[Quiz](#)

A reforma da Ordem do Carmelo

Quer saber mais sobre o assunto?

Conteúdo do trabalho disponível para a comunidade surda

Perguntas de escolha múltipla

17:04 14/11/2020

Quiz | Nome do projeto

file:///C:/Users/Silmara/Documents/MEGA/Dissertação/OA Silmara 2020/mestrado/Objeto_educacional_SJC/quiz0.html

São João da Cruz, ao lado de Santa Teresa de Ávila foi responsável por:

Pista

- Mudar toda a regra de vida e maneira de viver dos monges carmelitas.
- Fazer a reforma dentro da Ordem do Carmelo e assim renovar a espiritualidade dos monges.
- Permitir que a Ordem do Carmelo acabasse devido ao péssimo estilo de vida que os monges estavam levando.

Perguntas de escolha múltipla

Por que São João da Cruz mudou de nome?

Pista

- Pois Juan de Yepes era um nome que lembrava seu pai e ele não queria continuar lembrando de seu pai que morreu cedo e os deixou com fome.
- Porque ele sabia que iria sofrer fazendo mudanças na sua ordem e por isso teria que carregar uma "cruz pesada".

17:04 14/11/2020

A reforma da Ordem do Carmo

file:///C:/Users/Silmara/Documents/MEGA/Dissertação/OA Silmara 2020/mestrado/Objeto_educacional_SJC/a_reforma_da...

menu

A reforma da Ordem do Carmelo

Camelitas Calçados X Camelitas Descalços

A MÍSTICA DE JOÃO DA CRUZ NO CENÁRIO DE REFORMAS DO SÉCULO XVI

Quem foi São João da Cruz

Breve contextualização da Igreja no século XVI

Curiosidades sobre João da Cruz e Teresa de Jesus

Quiz

[A reforma da Ordem do Carmelo](#)

Quiz

A vida de São João da Cruz em filme

Quer saber mais sobre o assunto?

Conteúdo do trabalho

A presença de São João da Cruz e o fervor incomodaram muitas pessoas. Assim, em 1577 é encarcerado e permanece nove meses preso em uma pequena cela do convento de Toledo, onde escreve seus melhores poemas místicos como "Noite Escura".

Quando ele esteve preso, várias pessoas e autoridades importantes tentaram intervir a seu favor, para que fosse libertado. Até o rei Felipe II, rei da Espanha na época, a pedido de Santa Teresa de Jesus, manda uma carta para os monges em Toledo, para que libertassem São João da Cruz, mas foi tudo em vão.

Vai ser durante uma madrugada fria que João da Cruz fugiu do cárcere, pela janela, amarrado por pedaços de pano velhos e se refugia na casa das irmãs carmelitas descalças em Toledo.

Daí em diante, ele lembrava com carinho de sua prisão e nunca reclamou sobre isso. Agora passava a ser confessor e diretor espiritual de muitas pessoas e foi ganhando reconhecimento por seu amor a Deus e por saber discursar tão bem sobre teologia.

Usando-se basicamente da Bíblia, deixa uma obra poética e em prosa cheia de conhecimentos que eram pouco vistos até aquela época. Logo ele passa a ser consultado por doutores das universidades e pessoas estudadas, para discutir sobre questões teológicas e filosóficas.

17:04 14/11/2020

A reforma da Ordem do Carmo

file:///C:/Users/Silmara/Documents/MEGA/Dissertação/OA Silmara 2020/mestrado/Objeto_educacional_SJC/a_reforma_da...

Em 1579 funda um Colégio dos Descalços em Baeza. Em 1591 é enviado doente para Úbeda e morre em 14 de dezembro deste ano. Foi canonizado em 1726 e proclamado Doutor Místico em 1926.



Imagem das monjas carmelitas de Coimbra. Disponível em: http://www.carmelitas.pt/site/carmelos/coimbra_index.shtm

Sob licença [Licença Creative Commons Atribuição Compartilha Igual 4.0](#)

17:04 14/11/2020

A vida de São João da Cruz em X

file:///C:/Users/Silmara/Documents/MEGA/Dissertação/OA Silmara 2020/mestrado/Objeto_educacional_SJC/a_vida_de_so

menu

A vida de São João da Cruz em filme

Vamos conhecer um pouco mais sobre a vida de João da Cruz?

Pegue uma pipoqueira e juntos assistiremos o filme sobre a vida dele!



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IjR7V5tj0zs>

Windows taskbar: 17:05 14/11/2020

Quer saber mais sobre o assunto?

file:///C:/Users/Silmara/Documents/MEGA/Dissertação/OA Silmara 2020/mestrado/Objeto_educacional_SJC/quer_saber_m


menu

Quer saber mais sobre o assunto?

Agora quero convidar você a conhecer mais sobre São João da Cruz.

Segue abaixo um dos poemas mais lidos do santo ao redor do mundo: "Noite Escura".

Se delicie com a leitura!



Disponível em: http://sites.uepb.edu.br/babagano/copy_of_imagem/pergamino/image_view_fullscreen

Windows taskbar: 17:05 14/11/2020

Quer saber mais sobre o assunto? X +

file:///C:/Users/Silmara/Documents/MEGA/Dissertação/OA Silmara 2020/mestrado/Objeto_educacional_SJC/quer_saber_m...

Atividade de leitura

Que tal lermos uma das poesias mais famosas de São João da Cruz?

Noite escura

Em uma noite escura
De amor em vivas ânsias inflamada
Oh! Ditosa aventural!
Saí sem ser notada,
Estando já minha casa sossegada.

Na escuridão, segura,
Pela secreta escada, disfarçada,
Oh! Ditosa aventural!
Na escuridão, velada,
Estando já minha casa sossegada.

Em noite tão ditosa,
E num segredo em que ninguém me via,
Nem eu olhava coisa alguma,
Sem outra luz nem guia
Além da que no coração me ardia.

17:05
14/11/2020

Conteúdo do trabalho disponível X +

file:///C:/Users/Silmara/Documents/MEGA/Dissertação/OA Silmara 2020/mestrado/Objeto_educacional_SJC/contedo_do_...

menu

Conteúdo do trabalho disponível para a comunidade surda

- A MÍSTICA DE JOÃO DA CRUZ NO CENÁRIO DE REFORMAS DO SÉCULO XVI
- Quem foi São João da Cruz
- Breve contextualização da Igreja no século XVI
- Curiosidades sobre João da Cruz e Teresa de Jesus
- Conteúdo do trabalho disponível para a comunidade surda

LIBRAS

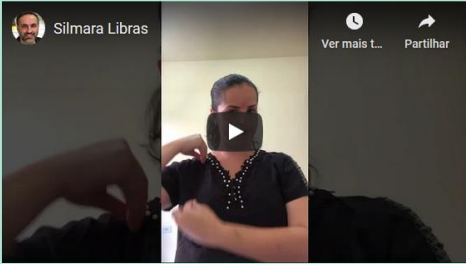
Disponível em: <https://portal.ufpi.edu.br/cursos-fic/libras-realizacao>

17:06
14/11/2020

Conteúdo do trabalho disponível

file:///C:/Users/Silmara/Documents/MEGA/Dissertação/OA Silmara 2020/mestrado/Objeto_educacional_SJC/contedo_do_1

Aqui você tem o conteúdo em Libras (Língua Brasileira de Sinais) dos textos explicativos abordados ao longo do trabalho. As atividades avaliativas (Quiz), não fazem parte deste conteúdo, nem o poema proposto como leitura. O vídeo disponibilizado foi elaborado pelo próprio autor deste Objeto de Aprendizagem, com a intenção de incluir a comunidade surda neste trabalho, possibilitando que compreendam pelo menos um pouco o que foi a contribuição de São João da Cruz para a Espanha, no século XVI.

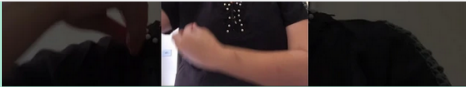


Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S1Ro6E6Tugc&feature=youtu.be>

17:06 14/11/2020

Conteúdo do trabalho disponível

file:///C:/Users/Silmara/Documents/MEGA/Dissertação/OA Silmara 2020/mestrado/Objeto_educacional_SJC/contedo_do_1




Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S1Ro6E6Tugc&feature=youtu.be>

Tradução do texto que foi usado no vídeo em Libras:

Oi! Hoje vou mostrar para vocês o resultado da minha pesquisa.
 Bem, vocês vão compreender sobre a espiritualidade de São João da Cruz.
 Ele nasceu em 1542 e seu pai morreu muito cedo. Seu irmão mais novo morreu de fome. Ele foi para a Ordem do Carmelo.
 Lá foi o reformador da Ordem do Carmelo. Ele viveu no século XVI, na Espanha. Ele viu muita coisa errada e vivendo no período da Reforma Católica, fundou a Ordem do Carmelo Descalço.
 Os monges descalços moravam em casas que eram enfeitadas com caveiras em sinal de penitência e oração e João da Cruz morreu em 1591. Obrigada pela atenção e até mais!

Sob licença [Licença Creative Commons Atribuição Compartilha Igual 4.0](#)



17:06 14/11/2020